

REVISTA DA SEMANA

N.º 3

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

15-1-49





RUY REY

Oferta do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1949 que está à venda em todo o Brasil

Um livro ilustrado, repleto dos mais variados assuntos; um guia e um companheiro durante o ano novo; um manancial de contos maravilhosos; uma fonte perene de assuntos úteis e práticos; ciência, arte, literatura, calendários, novidades, história, informações etc.

Um companheiro de férias, de viagem, das horas de lazer.

Um volume com mais de 300 páginas, ilustradas, custando apenas Cr\$ 15,00

Pedidos pelo Reembolso ou mediante vale postal à CIA. EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — RIO.

Vida no Rio

O DRAMA DO 13

Entrei na fila e recebi um cartãozinho numerado. Daí por diante perdi a personalidade e passei a ser, pela ordem, o 14. Em compensação ganhei prerrogativas de identificar e ser identificado pelo meus companheiros, que estavam, como eu, reduzidos a números.

Em seguida chegou o 15. Por coincidência era um meu ex-aluno. Abraçamo-nos. Falamos alto, repetindo lugares-comuns próprios dos indivíduos que há muito tempo não se vêem. Foi nesse interim que eu reparei no 13. O 13 era amigo do 15 e a nossa conversa atraiu-o. Fomos apresentados. Adivinhei, pelas suas palavras sóbrias e pérras que era estrangeiro recém-chegado. O 15 confirmou a minha suposição: o 13 era polonês. Um polonês de trinta anos presumíveis, baixo e forte, que parecia não ter feito a guerra nem provir das ruínas desoladas e famintas da Europa.

A chamada começou molemente. O número 1, gordo, vermelho e careca, sumiu-se por uma porta que se fechou após a sua passagem.

Procurei entreter-me com o 15. Puxei conversa. Inventei assuntos. Esgotamos o nosso anedotário quando ainda chamavam o 6, um mulato de faces lustrosas e cabelo esticado.

Foi quando o 13, que até então pouco falara, ofereceu-me cigarros e descobriu o dedo indicador de sua mão direita decepado.

Procurei mascarar a minha curiosidade, mas ele compreendendo, explicou como quem põe um título:

— A guerra!

Ansioso por matar o tempo, não vacilei em interrogá-lo. E pouco a pouco ele me foi desfilando o seu drama. Um drama semelhante ao de todos os jovens imigrantes que escaparam à sanha nazi-fascista. O pai, oficial do exército polonês, massacrado na prisão. Uma irmã, intelectual, fuzilada na via pública. O resto da família perdido para sempre nos campos de concentração. E ele, durante dois anos e meio, morrendo devagarinho no trabalho forçado, sob a ração diária de um caneco de água e meia libra de pão.

Quando o seu peso chegou à irrisão de 30 quilos, sabe Deus como, conseguiu fugir. Milagrosamente juntou-se aos ingleses. Passou a lançar bombas sobre Berlim. Até que um dia, a desgraça arremessou-o de paracaídas nos braços do inimigo.

Novamente nos campos de tortura, ofereceu resistência a todas as misérias: — fome, sede, injúrias, castigos, piolhos, tifo... — tudo o que havia de execrável em quatro dos mais famosos centros experimentais de morte da Alemanha.

Sentindo-se perdido e exausto de sofrer, resolveu outra vez libertar-se a qualquer preço. E, sem repletir, investiu em nova fuga espetacular, debaixo de cerrado fogo do inimigo.

As balas foram-lhe pródigas. Feriram-no levemente. Deixaram que ele ganhasse a floresta e, numa corrida desabalada, fosse cair desacordado em lugar distante e seguro, para só despertar não sei quanto tempo depois num hospital americano, em terras amigas da França.

★

Chamaram o 12. O 13, estendendo a mão numa despedida antecipada, concluiu na sua linguagem um tanto áspera, pondo uma nota original no seu drama:

— Não gosto de repetir essa história. Há nela tanta coisa monstruosa e cruel que parece mentira. Até eu mesmo, quando a recordo sozinho, duvido de sua veracidade, penso que foi um pesadelo. Talvez, quem sabe, isso seja efeito desta terra abençoada que me abrigou, onde cheguei sem fé, sem ilusões e sem família e hoje já tenho tudo, porque tenho um lar.

★

POESIA DOS SUBÚRBIOS

Poesia dos subúrbios nos domingos de tardezinha. Ruas pequeninas e humildes, barulhentas e desalinhadas, que sobem e que descem sem rumo certo ou vão morrer nos becos sem saída. Cadeiras nas calçadas. Gente alegre sentada em roda nas cadeiras. Conversas, sorrisos. Cigarros. Violões. Sambinhas modulados em surdina. Namorados e vasos de flores nas janelas. Malandros conquistadores chocando nas esquinas. Meninos batendo bola no meio da rua... E enchendo a rua de poeira e nomes feios.

★

De meia em meia hora o trem apitando na estação. A estação é o relógio do subúrbio. Mas ninguém lhe peça hora certa. No subúrbio tudo é atrasado. O trem que vai e o trem que vem. O aluguel do casebre e o casamento da filha do mestre sapateiro. Há também, vez por outra, um adiantamento. Meninos que se apressam e nascem antes dos nove meses. Ali, na batata só há duas coisas: o cobrador do armazem e a missa que o reverendo, todos os domingos, vem celebrar na capelinha branca.

★

E a Lili! A Lili de todos os subúrbios, morena dos olhos verdes, perigosa como uma curva fechada, que é a vergonha da classe e a loucura dos rapazes nas festinhas familiares. Sem ela o subúrbio perde o calor e a alegria. Não há ciúmes, nem vaidades, nem intriguinhas, nem escândalos. E as moças só se enfeitam para abater a Lili. E o amor só prolifera porque Lili semeia. Sem Lili a moralidade morreria de tédio e o bom-senso de fastio. Lili é o ritmo nervoso e a rima embaladora da poesia das tardes suburbanas.

★

E por que não falar na Maria do Carmo? Ah! a Do Carmo! Um amor de menina! Dezoito quilates. Pálida e loura, mas que modos e que suspiros profundos! "Comparando mal é uma santinha, dizem todos. A Do Carmo tem mesmo as olheiras dos mártires. Vermes? Tem alguns... E algumas insuficiências também. Sem ela o subúrbio não se salvaria. Se ela desaparecesse, não se sabe mesmo o que seria da poesia do Schmidt e dos romances de Lúcio Cardoso. O maior pecado de Do Carmo não é sair de noite, que ela não sai. E' viver pelas esquinas da imaginação brincando de noivado com um fuzileiro naval.

★

Mas isso tudo só tem graça nos domingos de tardezinha. Haja sol ou não haja. Faça frio ou calor. Naquela casa de porta e janela mora a Amélia, a musa chocolate do poeta do samba. Bem defronte, a mulher de "seu" Oscar. E a gente vai indo e vai vendo um desses filmes bem brasileiros, com muita cantoria e pouco cenário e uma sequência de quadros pitorescos e humanos que os gringos de Copacabana não conhecem. Basta olhar para a gente sentir o ter de tudo: motivos para pintura, sensações para reportagens, material para novelas!... E quando se recolhe o pensamento vemos, perfeitamente, que ele vale impregnado desse mormaço de vida simples e clara, que é a poesia dos subúrbios nos domingos de tardezinha!...

Sumário:

SEÇÕES PERMANENTES

Vida no Rio (Martins d'Alvarez)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	47

REPORTAGENS

A fauna do Zoológico de Londres fala à BBC (Nelson Vainer)	4/ 5
O "reveillon" de Ano Novo no Jockey Club	12/13
O outro Luis de Carvalho (A. Migueis)	55/58
Dramático problema da moradia	29/33

LITERATURA

Livros Novos	10
--------------	----

CINEMA

A última noite de glória	6/ 7
--------------------------	------

HUMORISMO

Bom humor	11
O mundo manca e a mula murcha	45

NOVELA

A quadrilha do Mandarin	16/17
-------------------------	-------

RÁDIO

Broadcast (A. Migueis)	18
------------------------	----

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	19
Jantares elegantes	22/23
Para você andar de bicicleta	24
Modelos de Hollywood	25
Grandes modelos	26/27
Para todas as horas	35
Pequenos atentados contra a beleza	34
Noite de verão	36
Mães e filhos (Anamaria Célia)	37
Sol e mar	41
Vestidos pretos	38/39
Week-end na cozinha	43
Linhas pretas	43
Detalhes e novidades	44

CONTOS

A máquina retornadora (Paulo Pinto)	21
A promessa (Felix Lima Junior)	42
Música	46

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	48
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu	49
-----------------------	----

FOLHETIM

Drago	53/54
-------	-------

ILUSTRADORES

Orlando Matos	
Sibilla	



NOSSA CAPA

Barbara Battes é a encantadora moreninha que enfeita a capa da REVISTA de hoje. Dona de muito talento e muita simpatia, Miss Battes é uma das promessas de Hollywood. Presentemente acha-se sob contrato com a Warner Bros., para onde filmou "April Showers", "Romance of high seas" e, mais recentemente, "Adventures of D. Juan", tecnicolor.

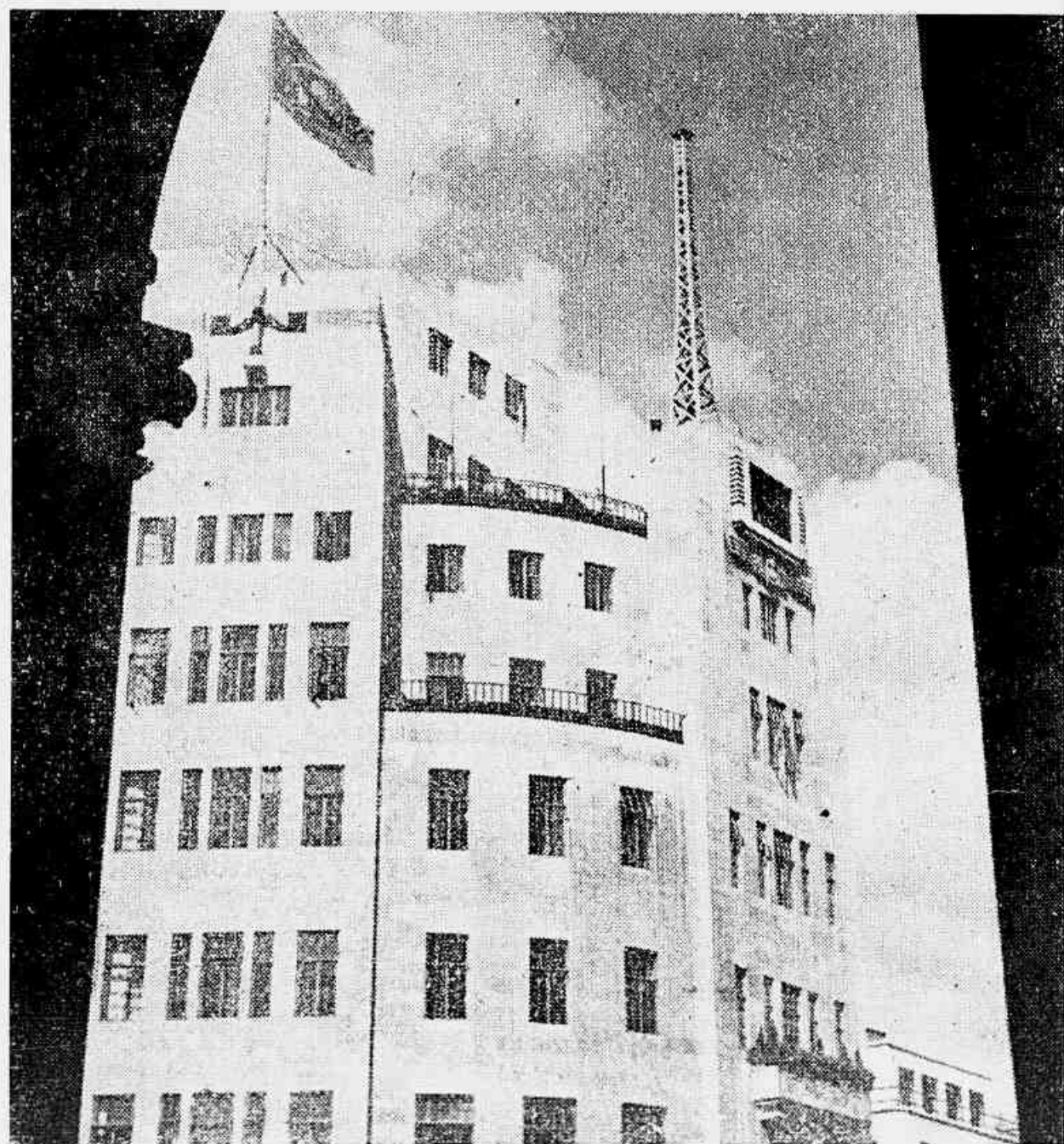


ROTA, o leão de Winston Churchill. Em 1934, por ocasião da visita do grande estadista britânico à África do Sul, o sr. George Thomson presenteou o antigo "premier" com o rei dos animais, que se encontra atualmente no Jardim Zoológico de Londres. O seu rugido foi transmitido pela B.B.C. para todos os cantos do mundo.

A FAUNA DO ZOOLÓGICO DE LONDRES "FALA" À B.B.C.

A TELEVISÃO DA FAMOSA ESTAÇÃO LONDRINA A SERVIÇO DO POVO INGLÊS ★ ASSISTINDO A UMA TRANSMISSÃO DE TELEVISÃO DO JARDIM ZOOLÓGICO DE LONDRES ★ "FALA" AO MICROFONE DA B.B.C. O LEÃO DE CHURCHILL...

Reportagem de NELSON VAINER (Especial para "REVISTA DA SEMANA")



A mais recente foto do edifício central da B.B.C. A sua construção é tão sólida, que pode resistir a um ataque da bomba atômica.

OS habitantes das grandes cidades desconhecem geralmente as inúmeras maravilhas existentes nas mesmas. Conheci muitos franceses que jamais visitaram a Torre Eiffel, nem o Arco do Triunfo, o mesmo se dando com bastantes ingleses que conheci em Londres, dos quais muitos jamais passaram pelo portal da Torre de Londres, tão famosa no mundo inteiro devido às grandes tragédias históricas que se desenrolaram entre os muros da velha cidadela britânica. E, entre nós, não são poucos os cariocas que ainda não subiram no Pão de Açúcar, que também constitui uma das Maravilhas do mundo.

A tremenda luta para ganhar o pão nosso de cada dia, as inúmeras preocupações diárias, sem falar nas guerras e revoluções infernizam a vida dos povos não permitem a uma grande parte das populações das grandes cidades o luxo de visitarem museus e lugares históricos tão admirados no mundo inteiro através de leitura e fotos. Nas horas de lazer, muitos preferem descansar em casa e, quando resolvem fazer um passeio visitam geralmente os lugares não muito longe do bairro em que residem, porque as horas são poucas e Londres e

Paris são cidades muito grandes... Por isso, são inúmeros os habitantes das duas referidas cidades que desconhecem as maravilhas que toda a humanidade admira.

QUANDO A MONTANHA NÃO VAI A MAHOME'...

A velha história se repete: se a montanha não vai a Mahomé, então, Mahomé vai à montanha... Os ingleses encontram uma solução deveras satisfatória, levando a imagem das maravilhas existentes em toda a Inglaterra à casa dos ingleses que possuem rádio-televisão. Os que não têm tais aparelhos, têm a possibilidade de ver tudo isso nas sub-estações da B.B.C., à qual se deve tão eficiente iniciativa.

UMA TRANSMISSÃO DE TELEVISÃO DO JARDIM ZOOLÓGICO DE LONDRES

Em setembro de 1948, por ocasião da minha estada em Londres, visitei pela segunda vez o Jardim Zoológico, provavelmente o maior do mundo no momento que passa. E foi justamente naquele dia que a B.B.C. realizava uma transmissão de televisão do famoso "zoo" londrino.



Outros animais que mandam "mensagens" a seus correligionários através da famosa rádio-emissora londrina

O Jardim Zoológico se acha instalado no maior parque de Londres, no Regent's Park, que é muito longe do centro da cidade. É um verdadeiro eden terrestre, imenso e belo — belo e imenso. Como outrora na arca de Noé, ali se encontram representantes de quase todos os seres vivos da terra, dos mares e dos ares. E diga-se de passagem — nós, que nos gabamos de possuir a mais rica fauna da terra, não temos em nossos pobres jardins zoológicos tantos bichos e aves da nossa amá-zônia quanto as das nossas selvas que

foram parar nas jaulas e no ar livre do Regent's Park...

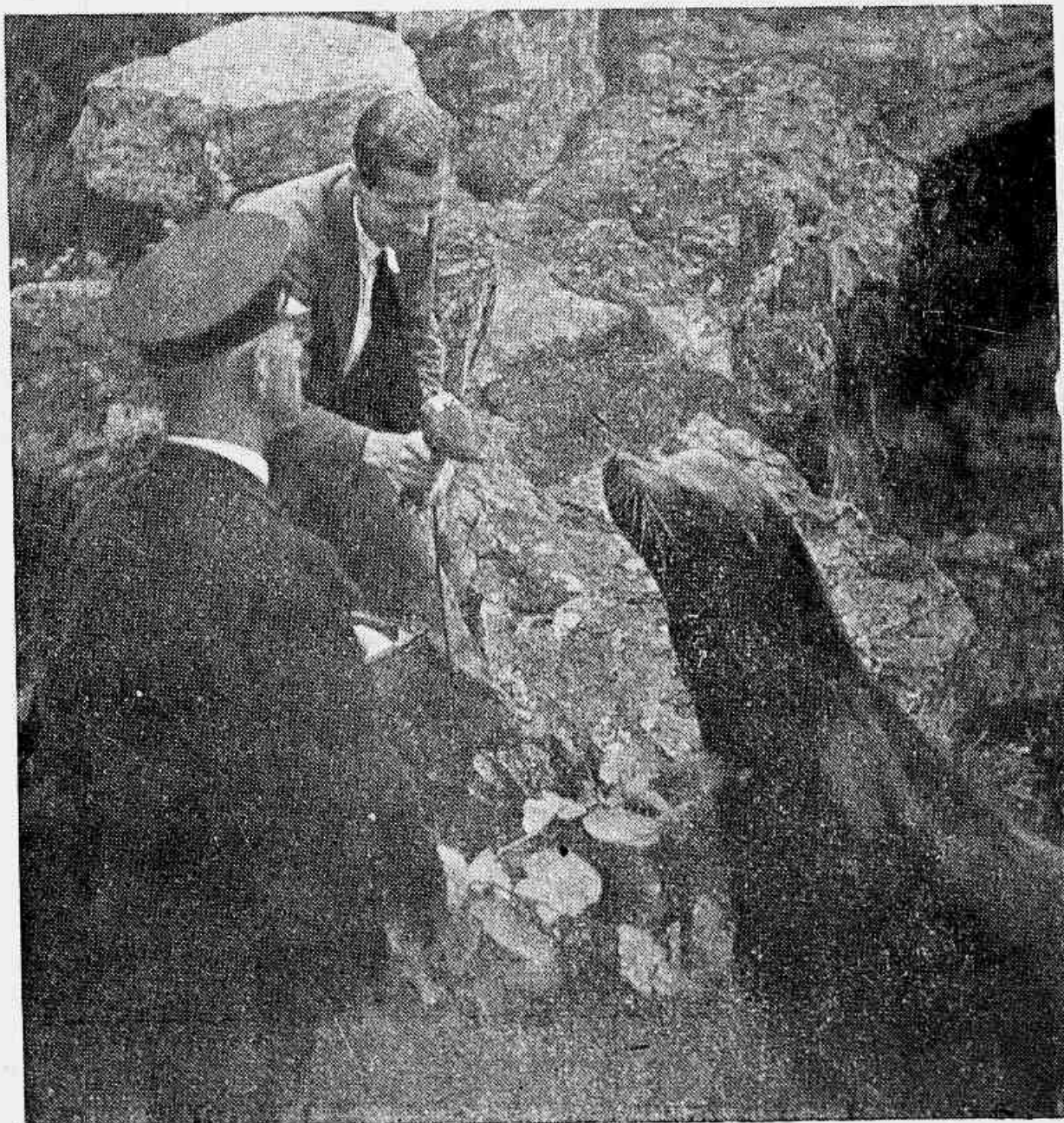
Em dado momento, os guardas do jardim estenderam cordões pedindo os visitantes a se retirarem das avenidas. Minutos depois, entraram vários caminhões da B.B.C. cheios de aparelhos de todos os tamanhos e tipos. Os seus ocupantes se espalharam pelas redondezas, ligando fios dos caminhões diretamente às jaulas e fazendo ligações aos microfones. Em seguida, quando tudo já estava pronto, deram início às transmissões. Os bichos e as aves foram filma-

dos além de serem transmitidos por meio da televisão. Foi um espetáculo deveras empolgante. Para atrair certas feras, como os leões e os tigres, era preciso mostrá-lhe de longe enormes pedaços de carne. Este era o trabalho dos guardas, já familiarizados com os animais. Ao mesmo tempo, os funcionários da B.B.C. se aproximavam, uns com as máquinas cinematográficas, outros com os microfones, os quais transmitiram os rugidos das feras enquanto aparelhos especiais registravam o som.

E, graças a esse sistema milhares de

londrinos, que ainda não tinham visto as maravilhas existentes no famoso "zoo" de Regent's Park, puderam vê-los exatamente como são e ouvir o rugido das terríveis feras enjauladas.

Noutra reportagem, que publicarei brevemente, mostrarei como a B.B.C. penetra em todos os setores de vida do seu país, a fim de transmitir ao povo inglês, através da televisão, o desenvolvimento agrícola, industrial, econômico, financeiro e intelectual que se opera na Grã-Bretanha no após-guerra.



A esquerda — Um funcionário da B.B.C. aproxima o microfone a um dos elefantes do zoo. O gigantesco animal não faz muita cerimônia e "diz" o que tem a dizer... A direita — A foca contempla o microfone da B.B.C. mas não "fala"... En dessa o velho provérbio dos homens, segundo o qual "o silêncio é de ouro"...

A ÚLTIMA NOITE DE GLÓRIA

A ampla sala de entrada do apartamento em que Valerie Stanton vivia, no alto do edifício, estava às escuras quando ela entrou. Ficou de pé, um momento, à entrada. Depois, fechou rapidamente a porta, como se alguém a perseguisse. O luar que entrava pela janela iluminava estranhamente a mobília, tornando em vultos ameaçadores os objetos mais vulgares. Valerie olhou um instante para a estátua que estava sobre a mesa de entrada — a pequena estátua em cuja placa se expressava a admiração que o mundo tinha por Valerie Stanton, a grande atriz, que havia recebido aquele prêmio em 1943, quando foi eleita a melhor artista daquele ano. Mas a artista desviou os olhos incontinentemente do objeto, porque a pequena estátua se parecia com outra que pouco antes havia tido na mão e que havia arremessado, num momento de cólera incontida, contra um crânio humano... Valerie baixou as vistas para as mãos e começou a tirar as luvas negras, horrorizada...

Nesse momento acenderam-se as luzes e Nancy, a criada de côr, entrou, trazendo uma bandeja com café e biscoitos.

— A senhora está muito cansada... Tivemos uma função em grande forma esta noite, não foi?

O uso do verbo no plural sempre parecia engraçado a Valerie, mas esta noite não. Realmente não ouvia o que a preta dizia, enquanto se dirigia para o dormitório. Começou a tremer novamente, no horror que a invadia, e arrancando as luvas escondeu-as numa gaveta da cômoda. Estava frenética, cobrindo-se com outras roupas, como um cão que esconde um osso, quando o telefone soou, dando-lhe a impressão de um dedo acusador...

Valerie pensou: "Será que o encontraram? Que vou dizer? Como devo me conduzir?". Deixou que o telefone soasse outra vez e acendeu um cigarro, aspirando-o fortemente para recobrar as forças. Mas a voz era de alguém que a tratava com ternura e interesse.

— Ah, é você, Michael!... — disse ela, com um suspiro de alívio. — Que alegria ouvir a sua voz... Sim, estou muito bem... Não, Gordon não chegou ainda, meu bem. Não, não venha agora. Ah, que bem me faz ouvir a sua voz... Sentia-me muito só... Até amanhã...

Ela tinha dito "até amanhã" e não "adeus"... Michael teria compreendido? Por que não havia dito a Michael que Gordon não voltaria a seu apartamento? Valerie sentou-se e esteve durante muito tempo pensando... Como aquilo tinha acontecido? Que misteriosas forças tinham feito com que ela, Valerie Stanton, no ápice da sua carreira, se tornasse uma assassina? E justamente quando conhecia o verdadeiro amor de sua vida? Oh, Michael, Michael!... Seria demasiado tarde?

Valerie atirou-se de costas sobre a cama, tentando, de olhos cerrados, recompor todas as peças daquela horrível tragédia... Tudo aquilo tinha começado uma semana antes, nada mais... Era uma reunião que Gordon, Gordon Dunning, dava em sua casa. Gordon pensara que seria um gesto de elegância de sua parte convidar para a reunião Peter Gunther, outro empresário como o próprio Gordon. Este também se julgava, recordava Valerie, mais esperto do que ela, a atriz que ele tinha tornado famosa e a quem amava realmente.

— Gunther não é meu rival — dissera Gordon, no automóvel que tomaram ao sair do teatro, naquela noite. — Já perdeu mais dinheiro do que ninguém, na Broadway... Não sabe o que é teatro. Pode dizer-lhe que se atire de cabeça no rio Hudson, juntamente com a "Hedda Gabler" que quer oferecer a você... Você sabe muito bem que seria um desastre...

Valerie tinha sorriso... De modo que já tinha chegado aos ouvidos de Gordon que Gunther queria dar-lhe o papel de Hedda Gabler!

— Não saberei se será um desastre se não tentar — replicou ela.

Gordon encolheu os ombros, superiormente... — Não, adianta... Eu sei bem o que é o teatro.

— Só você sabe o que é o teatro, não é?

— Pode apostar, até. Se sei! Conheço bem a mentalidade do nosso público. Sei o que querem... Temas sexuais e cômicos e algumas canções de mólho... Por Deus, — disse Gordon voltando-se para Valerie, — você é uma comedianta. Não pode fazer papéis trágicos.

— Que é isso? Um repto?

— Ouça-me, Valerie... Gostaria de meter à força em sua cabeça um pouco de sentido comum! Eu e você, juntos, fizemos sucesso na Broadway... E, queira você ou não, sem mim você não fará nada.

Seria aquilo verdade? Era o que Valerie pensava, enquanto Gordon dirigia o carro, em silêncio...

— Bem... pelo menos salvemos as aparências — disse Gordon, quando saíram do auto. — Não desenganemos o nosso público. Todos pensam que estamos encantados um com o outro.

— Então, encantados! — replicou Valerie, sorrindo, como quem põe maquilagem. Era uma boa atriz.

Para o grupo que a esperava na linda mansão de Gordon, no lado de East River, Valerie era a fascinante e atraente personalidade cujo talento, servido pela habilidade

de Gordon, tinha feito dela a atriz mais notável da Broadway. Mas enquanto saudava os convidados, levava Gunther com os olhos. O empresário deixou de falar com a jovem que o acompanhava para vir saudar Valerie e Gordon com grande entusiasmo.

— Tenha cuidado com o que beber, — disse-lhe ela, — porque pode se envenenar... Gordon já sabe que o melhor me falou sobre "Hedda", e não gostou...

— Acha que Gordon recorrerá ao veneno? — replicou Gunther, sorrindo, enquanto levava sua taça aos lábios.

— Nada mais evidente... Gordon é um perfeito anfitrião e quer que o senhor se sinta perfeitamente à vontade...

Todos que estavam perto riram, menos o próprio Gordon.

Marion Webster, que também pertencia à companhia de Gordon, lá estava naquela noite, com os olhos brilhantes de ressentimento, e seus olhos brilharam mais ainda quando viu Gordon e Valerie juntos. Valerie tinha pena da pobre rapariga, que era tão apaixonada... Era o caso clássico do "triângulo", e Valerie não tinha tido culpa de que Gordon a houvesse preferido. A situação não lhe importara... até aquela noite. Pois foi naquela festa, justamente, que conhecera Michael. Este, então um desconhecido, tinha achado muito engraçado o fato, embaraçoso para Valerie, de que ela se confundira a respeito de duas celebridades. E, com a maior naturalidade deste mundo, tinha se dirigido a Valerie, dizendo-lhe: "Eu também sempre confundo os nomes das pessoas a quem sou apresentado".

Valerie olhara-o com arrogância, considerando-o um atrevido. Não era com essa familiaridade que os homens jovens a abordavam...

— Não creio que nos conheçamos, senhor...

— Morrell, Michael Morrell. Como se chama a senhora?

— Valerie Stanton — respondeu ela, certa de que ele se mostraria atônito. Mas Michael não deu mostras de nenhuma estupefação.

— Muito prazer... Realmente nunca fomos apresentados, e não me recordo de havê-la visto antes... E que faz?

Valerie não podia crer no que ouvia. Seria sincero? Ou estava tratando de ser engraçado? Mas sua expressão era de inocência. Quem era esse homem? Nunca teria ido à Broadway?

— Sou atriz — respondeu, sorrindo, a contragosto.

— E' uma boa atriz?

— Uma principiante...

— Ah, por isso é que não a conhecia, então. De qualquer modo, nunca vou ao teatro. Prefiro as emoções diretas. — E, dizendo isso, olhava a piteira que ela tinha no ar, à espera de um cigarro... — Nunca tira as suas luvas? — acrescentou, ignorando a piteira e apontando-lhe as grandes luvas negras, de cano alto.

— Oh, não!... Minhas luvas negras são tão famosas como Radio City — explicou, sem nenhuma modéstia. E, voltando-se para Gordon, que nesse instante se aproximava dos dois: — Eis aqui um cavalheiro que você precisa conhecer. Deve ser diretor do sindicato dos inimigos do teatro. O sr. Morrell.

Gordon parecia perplexo.

— Nunca ouvi falar de tal, A Censura?

Valerie e Michael trocaram um sorriso breve.

— Temo que a senhorita Stanton tenha interpretado mal o meu ponto de vista sobre o teatro — explicou ele, cortesmente. — Permitem que me retire? — E, inclinando-se, afastou-se, dizendo a Valerie, como se tratasse de uma coisa trivial: — Então, está entendido? Almoçamos amanhã, no Chatelaine. A uma e meia... Boa noite.

Valerie estava boquiaberta, quando Gordon a interpelou, irritado:

— Quem, diabos, é esse sujeito?

Mas Valerie não sabia, ignorava quem poderia ser aquele tipo atrevido, impetuoso...

Talvez a novidade de ser cortejada como mulher e não como artista foi que influíu na atitude de Valerie essa noite, mais tarde, quando ela e Gordon se acharam a sós outra vez. O assunto de Gunther tinha voltado à baila e Gordon queria aclarar as coisas.

— Não lhe disse nada ainda, Gordon — disse Valerie, com firmeza. — Mas — acrescentou, com suavidade — quero que você me faça um favor, Gordon. Deixe-me em liberdade. Quero interpretar aquele papel.

— Em nome dos céus, por que?

— Porque quero saber de uma vez por todas se de fato posso ou não representar uma peça dramática. Há dez anos que não faço outra coisa senão seguir a "direção Dunning" — vestindo-me, andando, atuando no palco... Você tem-me dito o que devo e o que não devo fazer. Perdi completamente a minha própria personalidade. Quero encontrar a mim mesma outra vez. Não é que eu seja ingrata... Mas nossa sociedade, mútua admiração que não chegou a ser amor... tudo isso está terminado.

Gordon mordeu os lábios com furor.

— Ah, você está convencida de que não precisa mais de mim, não é?

— Se você quer tomar essa atitude... sim — replicou Valerie.

E fitou Gordon frente a frente.



THE VELVET TOUCH

ELENCO

Valerie Stanton	Rosalind Russell
Michael Morrell	Leo Genn
Capitão Danbury	Sydney Greenstreet
Marion Webster	Claire Trevor
Gordon Dunning	Leon Ames
Peter Gunther	Walter Kingsford

Produção de FREDERICK BRISSON ★ Direção de JOHN GAGE ★ Cenários de LEO ROSTEN ★ História original de WILLIAM MERCER e ANNABELLE ROSS

★

Uma película da INDEPENDENT ARTISTS

★

Produção de FREDERICK BRISSON ★ Apresentação da RKO RADIO PICTURES



— Estou compreendendo — disse Gordon lentamente. — Mas não vou concordar com isso. Não vou deixar que você atire por terra, por simples capricho, dez anos de minha vida de trabalho. E se você pensa que pode fazer tal, então não me conhece, como pensa.

Quando Valerie saiu, Gordon estava realmente colérico. E ela não soube dele nos dias seguintes, porque estava preocupada com Michael. Havia ido, afinal, ao pequeno restaurante francês, e tinha passado algumas horas deliciada com a companhia de Michael. A princípio foi um duelo de ironias e amabilidades... Quando passaram a falar seriamente, Valerie veio então a saber que Michael era arquiteto e trabalhava nos planos de edifícios para as Nações Unidas.

— E' um bom arquiteto? — perguntou ela, desforrando-se.

— Incomparável!

Valerie examinou que Michael tinha esboçado nas costas do cardápio, enquanto esperava por ela.

— Recio que não entendo nada disso — declarou.

— E' simples — explicou Michael. — Como tudo, é a princípio um sonho, uma idéia. Depois, a gente vai dando forma concreta à idéia, até que ela surja, completa, perfeita.

— Você fala de seus edifícios como outros homens falam de mulheres, querido...

Michael pestanejou, ao ouvir o "querido". — Você distribui o seu "querer" como se fosse produção em massa.

— Prefere atenção individual?

— Sim... Suas representações contínuas já são coisa corrente... Quando é que o pano cai? — E Michael sorriu-lhe.

— Todas as noites, às 11 e 50...

— Pois então, quando você me chamar de "querido", quero que seja de verdade, não por dizer...

De fato, não tardou muito até que Valerie aprendesse a não representar quando estava com Michael. Via-o todas as noites, sentindo-se cada vez mais ligada àquele homem tão raro, cuja personalidade ele procurava disfarçar com maneiras isentas de romantismo. Mas foi somente naquela noite, em que se sentaram juntos no terraço do apartamento de Valerie, contemplando a beleza da paisagem da cidade, que de lá se descortinava, que ambos compreenderam o amor profundo e avassalante que os unia. Ele havia se inclinado para beijá-la, e Valerie exclamou:

— Michael... O panorama, veja!

— Já vi.

— Você não disse que seria capaz de ficar olhando horas e horas o mar? — perguntou ela, mortificando-o...

— E' o que tenho dito — replicou Michael, sem tirar os olhos do perfil de Valerie, beijando-a outra vez.

Valerie ergueu-se.

— E' engraçado... Não sei o que dizer. Estou confusa.

— Alegria-me que assim seja, — disse Michael aproximando-se dela, — porque é assim que eu também me sinto.

— Não sei o que tenho, Michael... Pela primeira vez em minha vida que me sinto assim...

— Bem sei... E' o que eu também sinto. Olhe para mim... Acabo de descobrir como um homem se sente quando percebe que realmente está apaixonado, depois de tantas vezes ter...

— Tantas vezes? — interrompeu Valerie, trêmula como uma colegial.

— Ouça uma coisa, Val... — disse Michael, serenamente: — Posso ser sincero com

você, porque a quero... Não vê que é o único meio de nos sentirmos mais unidos? Todos nós cometemos erros, e é a única maneira de saber quando o amor verdadeiro nos chega... Diga-me que o amor chegou para você... Diga!

Val riu, contente... Era maravilhoso não ter que fingir!

— Sim, Michael... Adoro você...

— Minha querida! Era o que eu queria ouvir de seus lábios! Diga-me mais e mais! — E Michael tomou-a em seus braços.

Valerie disse uma e mil vezes, e jamais qualquer das cenas de amor que havia representado poderia se comparar a esta, sem público, no terraço, com Michael.

Era esperar muito que as entrevistas de Val e Michael não chamassem a atenção de Gordon. Sua maneira de bater à porta do camarim de Val, na noite seguinte, quando ela se preparava para ir ver Michael, era peremptória.

— Você representou o terceiro ato como se estivesse para apanhar um trem — disse ele, colérico.

— Foi culpa de sua amiga Marion.

— Vamos terminar esta temporada daqui a dois dias, meu anjo — disse Gordon com suavidade — mas o público pága para ver uma obra teatral, não para ver uma corrida de cavalos! — E, olhando-a fixamente: — Falei com Gunther, esta manhã. Achei que era justo dizer-lhe que não deveria contar com você, porque você não ia deixar de trabalhar comigo.

Valerie fez que não estava escutando. Fez um sinal afirmativo a Nancy, que estava mostrando o seu mais novo e mais exótico vestido.

— Pensei que você estivesse "trabalhando" o Morrell com mais sutileza! — chacoteou Gordon, saindo do camarim.

Mas Val estava mais preocupada do que parecia. Mandou chamar Marion. Queria falar-lhe, enquanto terminava de vestir.

— Que deseja, princesa? Vamos ter agora uma cena da vida real? — perguntou Marion com sarcasmo, ao entrar.

Valerie foi diretamente ao assunto.

— Você tem estado com Gordon esta semana, não é?

Marion deu um muxôxo. — Sim, saímos juntos... mais foi por descuido... Você tem estado tão ocupada!...

Valerie cerrou o cenho, em frente ao espelho, antes de se voltar para encarar Marion.

— Sei que não compreenderá... Mas estou precisando de sua ajuda, Marion.

— Por que não deixa Gordon, para sempre? Não precisará de passaporte para isso!

— Marion olhava, com suspeitas.

— Tenho procurado fazer isso, mas em vão. Gordon se nega a reconhecer os fatos. Pensei que você talvez...

— Ah, já compreendo! Gordon tem que sair de cena, porque Morrell vai aparecer no palco! E eu faço o papel de ponto!

Valerie suspirou. — Deixemos de parte as ironias. Se não quer falar comigo, de amiga para amiga, fale então de mulher para mulher. Você e Gordon já tiveram algo, uma vez. Foi a minha chegada que atrapalhou tudo. Mas nem tudo ficou realmente acabado entre vocês. Basta que Gordon tenha uma oportunidade para abrir os olhos. Se você realmente o quer, leve-o sem perda de tempo para longe de Nova York. Porque só você poderá ajudá-lo agora. Eu, não.

(Continua na página 48)





O Cardeal Mindszenty, primaz da Hungria, atraiu todas as atenções do mundo católico, em face do episódio ocorrido entre ele e o governo húngaro.

Acusado de atividades contrárias à situação política do seu país, foi preso e submetido a processo criminal de acordo com as leis em vigor na Hungria.

O Vaticano imediatamente protestou e excomungou todos os que tiveram interações na prisão do cardeal, classificando o caso como uma "infamia juris", ou seja sua inclusão entre os crimes de heresia, saque e sinomia, que é o tráfico ilícito de objetos sagrados.

O Vaticano reputa esse episódio deploável contra uma de suas maiores figuras eclesásticas, como uma afronta aos sentimentos católicos do mundo, e uma farsa torpe que somente o ódio político poderia justificar.

Por sua vez o governo húngaro publica documentação oficial através da qual o cardeal é acusado de vários delitos, inclusive espionagem a favor da restauração da monarquia, mercado negro de moedas, campanha contra a reforma agrária, patrocínio do "fascismo húngaro", traição e outros delitos ligados ao famoso caso da coroa de Santo Estevam.

Essa joia histórica é, talvez, a mais sagrada relíquia católica do país. Pertenceu a Santo Estevam, o primeiro rei da Hungria



O cardeal Joseph Mindszenty, primaz da Hungria e que se acha preso e impossibilitado de exercer sua missão eclesástica, por ordem do governo húngaro

e data do ano 1.001 quando o Papa Silvestre II coroou Estevam com ela. O governo apontou o cardeal Mindszenty como culpado, com outro sacerdote, Monsenhor Giovanni Batista Montini, de ter mantido a coroa fora das mãos húngaras. Segundo declarações oficiais, fora a mesma roubada pelos nazistas quando ocuparam o país, estando agora em poder das forças norte-americanas na Alemanha Ocidental.

O nome do Cardeal Mindszenty se tornou ponto culminante de todas as discussões, e mereceu palavras de solidariedade à sua pessoa e de reprovação ao ato do governo húngaro, de eminentes personagens de todos os países, inclusive de Truman, que declarou numa entrevista à imprensa que a detenção do cardeal não passava de "vergonhosa farsa".

Do Brasil partiram protestos do Cardeal Câmara, não podendo o nosso governo externar-se em virtude de não manter relações diplomáticas com a Hungria.

A ação da Igreja se estendeu a quantos participaram do sacrilégio contra a pessoa do cardeal Joseph Mindszenty, lançando-lhes a excomunhão conforme os cânones 2.343 e 2.334 do Código da Lei Canônica.

Surge, assim, naquele país essencialmente católico uma questão religiosa na qual está envolvido sua maior autoridade eclesástica e inúmeras outras pessoas citadas no processo.

a SEMANA EM REVISTA

FORÇA MORAL Quando fundaram a Liga das Nações, cujo fim essencial era o de evitar a guerra entre os diversos povos do mundo, sua maior força seria a moral. Houve quem lembrasse que isso não era o bastante. Se as potências interessadas organizassem um exército internacional, a defesa da paz seria mais eficiente. Tais argumentos não lograram êxito. A "Liga das Nações" foi fundada, organizada e mantida apelando apenas para a força moral dos seus componentes. O resultado todos sabemos qual foi: o mais estrondoso fracasso. Depois desta última guerra universal número dois, fundaram a "Organização das Nações Unidas", ou ONU. Também sua força maior é a moral. Entretanto, que temos visto? Apesar de todos os seus esforços, ainda não conseguiu resolver o seu primeiro "test": a luta na Palestina. Com os países americanos do Norte, do Centro e do Sul, também está ocorrendo coisa semelhante. Numa conferência pan-americana realizada no Rio, foi fundada uma organização de Estados Americanos. Sua função primordial é a de evitar conflitos armados entre os povos deste hemisfério. Sua prova de fogo acaba de ser aplicada com a luta entre Nicarágua e Costa Rica, ambos signatários do Tratado do Rio de Janeiro. Desde que, segundo afirmam, revolucionários costa-riquenhos invadiram o território de sua pátria amparados por forças regulares da Nicarágua, havendo luta e invasão territorial com tomada de cidades, a tal "Organização dos Países Americanos" está a correr para cima e para baixo. E o resultado? A guerra prossegue às barbas das Comissões de Investigações... Força moral é coisa de séculos passados.

DUZENTOS ANOS DE VIDA Já é velha a ambição humana de viver 3 ou 4 vezes mais do que vive a humanidade. Os bio-antropologistas organizam estatísticas irresponsáveis, comparando a vida de um homem com a vida de outros animais. Pelos seus estudos de natureza científica, cada indivíduo humano, em condições normais, deveria viver de 150 a 200 anos. Dentre esses indagadores de nossa pouca existência, destaca-se o sábio dr. Maurice Ernest de Esther, na Inglaterra. Esse paciente estudioso dos fenômenos biológicos, depois de quase meio século de pesquisas, declarou que os seres humanos deviam viver, pelo menos 200 anos. Ele próprio, que tem seus 77 janelos, assevera que chegará aos duzentos. Sua receita para tanta vida é simples: bom humor em tudo e temperamento plácido; fumar e beber, mas com moderação; olhar vivo em cada um dos órgãos mais importantes da engrenagem vital: coração, cérebro, nervos, pulmões, fígado e glândulas. Como vemos, não é difícil atingirmos a idade preconizada pelo mestre Ernest. O diabo é que, com os tempos que correm, não é possível a uma pessoa normal, manter-se moderada e plácidamente em face de tantas complicações em torno da vida. Como poderemos ser plácidos e moderados de gênio depois que damos dinheiro para trocar num ônibus? Como ficamos moderados e plácidos ao entrar num mercado de peixe ou carne, galinha ou frutas? Como pode um ser humano manter-se moderado e plácido ao pedir um copo de leite que só tem água? Como chegar a duzentos anos um cidadão do século XX, residindo no Rio, em pleno janeiro de 1949 com 40 graus à sombra e o chope aumentando de preço? Não é mesmo preferível ir-se mudando para o outro mundo aí pela quarta parte de 200 e mais um bocadinho?

NO MARANHÃO É ASSIM "Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha, nas débeis cordas da lira hei de fazê-la rainha". Assim cantava o poeta. Cobrir de belos versos a pátria, colocando-a tão alto que todos os povos a vejam, é dever de todos, poetas ou não. Mas, no Maranhão de hoje, já ninguém quer engrandecer a terra natal com poemas e baladas comoventes e cheios de patriotismo. O que se quer é gaita. Quanto mais dinheiro, melhor. Foi assim pensando que os senhores deputados estaduais resolveram combater o alto custo da vida com um aumentozinho de três mil cruzeiros por mês, como remuneração aos seus árduos trabalhos no Legislativo Estadual. Lá por estranho que pareça, a pretensão não provocou escândalos nem discussões estereis. Também não se observou a praxe de apresentar projetos. A coisa foi muito mais simples: alguém redigiu um abaixo-assinado ao presidente da Câmara, solicitando aumento de subsídio. O pedido era modesto. Apenas três mil cruzeiros para cada deputado. Ora, um abaixo-assinado com as assinaturas de todos os legisladores, excetuados apenas o presidente da Assembléia e um outro que se encontrava ausente, comove muito mais do que um projeto. Neste, há uma crise de considerações antecipadas, artigos e parágrafos, complicando a coisa e provocando críticas. No abaixo-assinado, o sentimento é mais cordial, quase mendicante. Num se exige, no outro, se implora. Os deputados do Maranhão recorreram, pois, ao pedido em abaixo-assinado. E conseguiram o aumentozinho de mais três contos, sem nenhuma discussão... Trinta e quatro pais da pátria firmaram naquele documento histórico um antecedente perigoso. Daqui por diante, tais coisas não mais serão convertidas em projetos e discutidas em plenário. O mais cômodo é recorrer ao "abaixo-assinado". Rápido e seguro. Deus louvado!

NOVO CALENDÁRIO No próximo mês de março vai realizar-se em B. Aires a Conferência Inter-Americana de Economia, em cuja Agenda já foi incluída esta questão muito séria: a reforma do calendário gregoriano. O caso há de despertar intenso interesse, provocando vivas discussões. O calendário que está em uso em todo o mundo ocidental é o gregoriano, obra do Papa Gregório XIII, que entrou em vigor em 1582. Na Rússia e países cristãos do Oriente, ainda continuam em vigor o calendário Juliano, de Júlio Cesar, organizado e pôsto em uso no ano 45 antes de Cristo. Em 1793, os revolucionários franceses modificaram a nomenclatura do calendário e começaram a usar outros nomes para os meses. O calendário dos positivistas também é diverso do gregoriano, quanto ao nome dos meses. Entretanto, a questão não é de nomes de meses, e sim de encontrar-se um meio de organizar-se um calendário perpétuo, sem mudar de ano a ano. Para mostrarmos o quanto isso é cabuloso, basta que se observe nas tais datas móveis. A morte de Cristo, por exemplo, sempre é numa sexta-feira, mas em datas diferentes, em meses diversos. O mesmo com o Carnaval. Com essa mudança de calendário o Brasil também já teve suas dificuldades. O seu descobrimento foi a 21 de abril, mas, com a reforma gregoriana, 82 anos depois, o dia de seu nascimento passou para 3 de maio, arbitrariamente. Essa Conferência de Buenos Aires vai dar trabalho aos sábios. Que todos se acomodem e venha um novo calendário com dias mais felizes. Chega de coisas pela hora da morte...

SEGRÊDOS DO CÉU É inesgotável o campo de observação dos céus. De quando em quando surpreendem os astrônomos com as suas novidades. Agora mesmo foi comunicado à Sociedade Astronômica Americana o anarcimento de uma nuvem de poeira jamais vista no mundo. Não pense o leitor que se trata de poeira de argila ou terra; nada disso. Trata-se de poeira celeste, uma espécie de nevoeiro de estrelas pulverizadas. E sua densidade é tão grande que, segundo cálculos matemáticos, um raio de sol levaria apenas mil anos para atravessar essa nuvem. Isto dito assim é fácil de ouvir; mas, sabendo-se que a luz percorre 300 mil quilômetros por segundo, se a luz de seus raios levar mil anos para atravessar essa tal nuvem, a espessura da mesma seria apenas de quase dez trilhões de quilômetros, ou exatamente: 9.466.800.000.000, em ano não bi-sexto, é claro. Mas, pensará o leitor: para que diabo servirá essa nuvem de poeira? Nada temos com os fenômenos dos céus, uma vez que nossa vida é muito simples sob a abóbada azul do infinito. Entretanto, uma coisa é certa, isto é, o sábio J. Nashau e o professor D. Mac Rae, do Observatório de Warner e Swatsen de Cleveland, Ohio, nos Estados Unidos, não teriam interesse algum de estarem a pregar peças de tal natureza nos leitores crédulos. Se eles descobrissem esse banco de fumaca celestial, é porque se trata, talvez de um mundo em formação segundo a teoria kant-laplaciana das nebulosas e, mais cedo ou mais tarde, os habitantes da Terra avistarão um vizinho a tomar seus banhos de sol entre colegas do espaço. Ou então, quem sabe? trata-se de propaganda do filme brasileiro "Poeira de Estrelas"...

O PRÊMIO DA PAZ A Comissão Nobel do Parlamento da Noruega decidiu, e com muita razão, que não haveria candidatos ao Prêmio da Paz em 1948, recebendo a bolada em comêços de 1949. Segundo o critério adotado, os únicos indivíduos que poderiam merecer tal prêmio, foram: Ghandi e o conde Bernadotte. Mas ambos morreram assassinados justamente porque eram apóstolos da Paz. Especialmente o indiano. O outro, o Conde, trabalhou pela paz na Palestina, mas não teve aquela dedicação quase mística de Ghandi. Fora o sueco um emissário da ONU, e, como era natural, procurava sempre interessar-se pela solução do conflito entre árabes e judeus, ressaltando os interesses das grandes potências ocidentais. Sua atuação foi mais política do que diplomática. Já em relação a Ghandi, o aspecto era diferente. Quando as multidões indianas se mostravam ansiosas e dispostas a começar uma guerra contra a dominação britânica ou contra nações de lá mesmo, o Mahatma, dirigia-lhes a palavra evangelizadora e serena, pedindo que fizessem jejuns, preces e atuassem "brancamente", num protesto mudo de gente pacífica. Nada de violências. Nada de sangue. Os ingleses eram poderosos. De nada serviria uma luta desigual entre o Império e a Índia sem unidade, retalhada, ela mesma de dissensões e guerras internas, tanto políticas como religiosas. E Ghandi foi abatido a tiros por um fanático que trabalhava contra sua teoria cristã bebida no budismo. Assim, ninguém mereceu o Prêmio Nobel de Paz, em 1948. E' verdade que o nosso vizinho Juan Bramuglia fez uma força enorme para merecê-lo. Mas, ao que consta, sua candidatura fica transferida para este ano, quando as Nações Desunidas se unirão novamente...

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 3 — 15-1-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano Cr\$ 140,00 Seis meses Cr\$ 70,00
Registrada — Um ano Cr\$ 170,00 Seis meses Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano Cr\$ 270,00 Seis meses Cr\$ 140,00

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro!

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourcenço Marques, Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideu, Na Argentina: "Inter-press" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

★ ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



REALIZAM-SE conversações secretas entre norte-americanos e ingleses sobre a situação na Palestina, havendo perigo de a Inglaterra entrar na luta ao lado dos árabes. O general Norton de Matos, em entrevista à imprensa, manteve a decisão de disputar as eleições para presidente da República Portuguesa, apesar das restrições para propaganda. Nos festejos do Ano Novo morreram de desastres mais de trezentas pessoas nos Estados Unidos. Mantêm-se alertas as tropas norte-americanas na Alemanha, prontas para uma repentina ordem de manobras militares. Os dezenove governos que participam do Plano Marshall declararam que vão precisar de 4 bilhões e 347 milhões de dólares de ajuda dos Estados Unidos no ano fiscal que começa a 1.º de julho de 1949. Os Estados Unidos, França e Inglaterra interpelaram a Rússia sobre o número de prisioneiros de guerra alemães ainda em seu poder e porque deixou de dar-lhes liberdade depois do dia 31 de dezembro. Segundo inquérito realizado pelo "New York Times", este ano será maior o consumo de café nos Estados Unidos. A Santa Sé rejeitou o oferecimento húngaro para um entendimento sobre o caso do Cardeal Mindszenty. Agita-se nas fileiras nacionalistas do exército de Chiang-Kai-Shek o movimento para obter dos comunistas uma paz a qualquer preço. Um destróier inglês canhoneou os comunistas malaios a fim de proteger o desembarque de tropas "gurkas" que combatem os revolucionários. O Ministro Raul Fernandes reuniu em seu gabinete os jornalistas do Rio e fez declarações sobre a Assembléia Geral das Nações Unidas. O presidente Dutra convocou extraordinariamente o Congresso Nacional para o dia 15 de janeiro a fim de serem tratados assuntos urgentes. Continuam as discussões entre os poderes públicos e a "Light" acerca do aumento de tarifa de seus serviços de bondes, luz e telefone. Truman, ao ler sua Mensagem provocou reações entre os elementos do capitalismo norte-americano. Conforme ao Congresso dos Estados Unidos, desencadeou uma tempestade de aplausos e notícias de Londres, estão sendo feitas conversações acerca de novo acordo comercial anglo-brasileiro. Não responderam os comunistas às sondagens de paz de Chiang-Kai-Shek. Foram recolhidas à prisão nos Estados Unidos, duas milionárias que cobravam preços exagerados pelos aluguéis de seus imóveis. As potências Ocidentais da Alemanha instituíram centros de auxílio às pessoas que desejarem sair da Alemanha Ocidental, garantindo-lhes trabalho na região do Ruhr. O "Pravda" de Moscou contestou afirmações de Truman sobre o não cumprimento por parte da URSS, de acordos internacionais. Estourou na Itália uma nova onda de greve, tendo os operários ocupado fundições e pedreiras de mármore fechadas pelos patrões. Chegam às portas de Pequim as forças comunistas. Continuará a armada dos Estados Unidos a manter forças adequadas no Pacífico Ocidental inclusive em Tsing-Tao, cercada pelos comunistas. Organizado pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, parte para a zona flegelada pelas enchentes de Minas, grande comboio de caminhões do Exército conduzindo víveres, roupas, medicamentos e tudo o que de indispensável está aquela zona a precisar. Foi descoberto grande desfalque no Departamento Nacional de Imigração. Caiu em Caravelas, na Bahia, um avião de passageiros da British South American Airways, morrendo três pessoas. Causam as enchentes no Estado do Rio enormes prejuízos materiais e mais de cinquenta mortes, no distrito de São Pedro de Alcântara. E' destruído pelo fogo o Hotel Amazonas, na rua Haddock Lobo, nesta capital. Os Comandos Sanitários reiniciaram suas atividades no Distrito Federal multando e intimando estabelecimentos comerciais por falta de higiene. Não há esperanças de que diminua a situação de "guerra fria" entre os Estados Unidos e a Rússia. Cessou o fogo em Sumatra. Truman solicita poderes especiais ao Congresso. Irrompem os exércitos comunistas da China sobre as defesas de Tientsin. Demitiu-se o secretário de Estado, o general Marshall, sendo nomeado em seu lugar Dean Acheson. Os estudantes da U.N.E., no Rio, promoveram movimento de protesto contra o aumento de preço nas passagens de bondes, e incendiaram um veículo na Praia do Flamengo sendo presos 35 estudantes e fechada a sede da União pela polícia.

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**



BOAS-FESTAS



Ilustramos esta notícia com o cartão de Boas Festas de Raul Pederneras, o nosso querido "Raul"

Recebemos brindes de Natal e votos de Boas-Festas com votos de Feliz Ano Novo, que agradecemos e retribuimos sensibilizados, das seguintes pessoas e firmas: Teleradio Brasileiro Ltda., Lupe Roberto & Carlos, Pan-American World Airways, Arcosta (Ponta Grossa), Banco Nossa Senhora das Graças (Tupaciguara), Rubens de Almeida (Santos), Linotipo do Brasil S.A., Elca Limitada, Sociedade dos Auxiliares da Imprensa, Dr. Mozart da Gama, Metrôpol Companhia de Seguros, Cineac Trianon, Gráficos Concentra Hartman Lincoln Propaganda, Banco Ribeiro Junqueira, Artega Ltda., Sociedade Brasileira de Autores, Compositores Editores de Música, Carlos W. Aliseris, J. C. Eno (Brasil) Ltd., Scott & Bownw of Brazil, Weller Weber S.A., Marmel C. G. Lazcans, Agência Keystone, Agência Madalena (Recife), Bartolomeu B. Oliveira (João Pessoa), Partido Socialista Brasileiro, Companhia Importadora Sueca, J. Rasina, Standard Oil of Brazil, S.A. Mercantil Anglo Brasileira, Clube de Regatas Boqueirão do Passeio, Comercial Exportadora Silveira Ltda., Engenharia e Construção Meyer Fainbaum, Companhia Lanston do Brasil S.A., Record Propaganda Ltda., Jorge Mendes & Crillon, Klabim Irmãos & Cia., Bureau de Informações Polonêsas, C. R. Vasco da Gama, Dorival Hipólito Ferreira Pena (Bahia), Centro Carioca, Cia. Fábio Bastos, Albino Mesquita & Cia., Banco do Comércio S.A., Tecnigráfica S.A., Federação Metropolitana de Pugilismo Fiação Santa Terezinha, Otílio Polato, Luiz Otávio, The Finnish Paper Mills Association, Murray Simonsen & Cia., Cia. Seguradora Brasileira, A Casa dos Artistas, Polícia Militar do Distrito Federal, Shell Mex Brasil Ltda., Companhia Química Rhodia Brasileira, Bunkley Duntun Paper Co. S.A., Walther Scabeel & Cia., Ltda., Jarbas de Freitas Galvão (São Paulo), Diretoria da Aeronáutica Civil, Panair do Brasil, Texas Empresa de Propaganda Ltda., Expresso Mauá, Octávio Sagebin (Porto Alegre), Tintas Supercor Ltda., Rádio Clube do Brasil S.A. Leje & Thurne A. B., Mesbla S.A., Mc Cann Erickson Corporation of Brazil, Viúva Vicente Sant'Ana & Filhos, João Alves de Melo (Natal), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Nabor Fernandes, União Brasileira de Compositores, Clube de São Cristóvão, Aimée, I. R. Sofá-Cama Drago, Aluizio Guilherme Teles Ribeiro, Empresa de Transporte Campos, Folha da Manhã e Folha da Noite, Secretaria Geral do Ministério da Guerra, Lauro Sant'Ana (Estância), João Doria, Imperial Fundação de Rólos Tipográficos Ltda., Associação Atlética Banco do Brasil, Alfredo J. de Souza (Salvador), Previdência do Sul Cia. de Seguros, Sebastião Fernandes, Ch. Lorileux (Tintas) S.A., Companhia Importadora Gráfica Arthur Sievers, Fundação do Livro do Cego, Casa da Borracha, Federação Republicana do Brasil, Arnaldo Fernandes de Souza Novais, Indústrias de Tintas e Vernizes Coltomar Ltda., Cia. Paulista de Papéis e Artes Gráficas, Ademar Duarte Constante (Palmeira dos Índios), G. Leonardos, União das Operárias de Jesus, Casa J. Lopes S.A., Rio Publicidade Ltda., Serviço de Informações Jornalísticas, Europa Sul-América Films Ltd., Augusto Luiz dos Santos (Bonsucesso), João da Silva Ramos (Sumidouro), James Scott, Embaixador do Canadá, Gráficos Bloch S.A., Francisco Rício (Belo Horizonte), Eunice Weaver (Federação de Combate à Lepre), Augusto Roscher (Marcelino Ramos), Homero V. Costa (S. Gabriel), Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro.

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr\$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

INQUIETAÇÃO

★

Versos de VINA COSMO

★

Irmãos Pongetti Editores
Rio de Janeiro
1948

Esta poetisa obedece, não raro, a uma inspiração turbulenta e cálica. Segundo nos diz na composição que dá o título ao livro e inspirou o desenho da capa, certa noite, *in naturalibus*, lançou-se a uma dança ardorosa — o adjetivo lá empregado é outro — invocando uma visão logo

presente e possuída "daquela paixão furiosa das ventanias". E, por entre os pormenores da descritiva, surgem expressões, em obras de poesia pelo menos, bem singulares. Em outras páginas o amor violento, tempestuoso se manifesta e domina. Nem tudo, porém, no livro são excessos de temperamento ou extremos de emotividade. Também se encontram passagens em que a sra. Vina Cosmo nos confia uma inquietação menos devoradora. A sua linguagem passa então a uma relativa serenidade. E os versos, ora metrificadas e rimados, ora uma das duas coisas, ora ainda nenhuma delas, falam do poder sugestivo dos panoramas; dos aspectos que certas figuras em dados momentos assumem; amores que passaram, vão voltar ou ainda não vieram; pressentimentos agoureiros ou surtos de alegria — tudo isso em estilo claro, fácil e sempre com alguma beleza. Por exemplo, "Desalento":

Caminhando por entre escombros do passado
Vejo os farrapos dos meus sonhos nos caminhos
Cada um contando uma história
De amor, amarguras e carinhos...
Apanho-os um a um com cuidado,
Procurando entre eles uma esperança.
Mas vejo que nada resta senão
Um punhado de cinza em cada mão.
Ponho-me a chorar como criança
Numa tristeza medonha e tão sentida
Que os anos vão passando e o meu choro
Continua infinito pela vida.

★

ALGUMAS FÁBULAS DE FEDRO

★

Tradução e anotações de
SOUSA DA SILVEIRA

★

Livreria Agir Editora
Rio de Janeiro
1948

modo, indevidamente. Pelo regulamento do nosso tempo, os estudantes que se destinassem a Direito ou Teologia tinham que se aprofundar na matéria, para outro exame, a prestar no ano seguinte e que se chamava "de latimidade". Nós, que devíamos ir para Matemática, estávamos isentos daquela sobrecarga de erudição. Além disso, os examinadores do latim elementar usavam geralmente de benignidade. E ainda, no nosso caso pessoal, requintariam de benevolência. O fato é que passamos e não "simpliciter" mas "nemine discrepante". Depois... Tão pouco tempo nos sobrava de outros trabalhos e tanto nos interessavam outros livros, que nunca mais pudemos estudar a língua na qual Ovídio se entendeu com os deuses e, como ele, Virgílio e Horácio se imortalizaram.

Felizmente, não vai a nossa ignorância a ponto de não podermos reconhecer a sapiência alheia. Resta-nos o consolo de admirar os que, após o seu tempo de estudante, continuaram verdadeiramente estudiosos e, ainda depois de ficarem mestres, estudam. Tal o caso do sr. Sousa da Silveira. Há muito tempo lhe acompanhamos a inteligência e o labor, para cada vez mais os prezarmos. As nossas relações vêm de umas férias em Teresópolis, nada menos — "ça ne nous rajeunit pas, hélas!" — que no primeiro lustro do século. Era ele, então, discípulo, em matemática, do nosso já então bem-amado Oto de Alencar, que dele falava com paternal afeto e, portanto, também certo orgulho. Sousa da Silveira ia ser engenheiro. De certo um grande engenheiro. Mas as Letras o vieram gradualmente seduzindo e conquistando. A mentalidade de sábio se aliava, de dia para dia mais harmoniosamente, a tendência de artista. Os novos problemas não o desafiavam apenas a encontrar-lhes a incógnita e a solução, mas também o convidavam a distinguir e amar tudo quanto neles houvesse de beleza, arte, poesia. Relembrando agora a sua vultosa e substancial obra dos "Textos quinhentistas", de

novo e com a mesma nitidez da primeira impressão o vemos andar por Gil Vicente, Crisfal, Antônio Ferreira, Camões, notando em cada recurso de expressão a eloquência obtida, em cada particularidade de estilo o sentimento comovedor. Assim ele concilia — sem prejuízo de uma nem de outra e antes a ambas, pela sua união, dando realce — a segurança da idéia e a delicadeza da emotividade.

Temos agora "Algumas fábulas de Fedro", analisadas e explicadas com o mais rigoroso escrupulo e sempre com elegância transpostas para o nosso vernáculo. Não se trata apenas de um desses livros destinados a diminuir a pesquisa e facilitar a interpretação dos alunos comedistas, volumezinhos que, pelas dimensões, se prestavam a ser compulsados à sorrelfa em aula ou exame e aos quais, no nosso tempo, chamávamos "burros" — como se os ignoros, os ineptos fossem eles. Este volume de duzentas e trinta páginas constitui um tesouro de conhecimentos de que não se pode fazer uso furtivo nem mesmo ligeiramente. Para os "cábulas" — tal a designação que, também no nosso tempo, se dava aos modraços — é profundo e opulento de mais. Mãos apressadas que o tomem pouco proveito dele tirarão. Folheando-o, é preciso respeitá-lo, render-lhe a homenagem de aprêgo e afeição que realmente merece, sem o que se cometerá uma profanação, uma espécie de crime.

Das quarenta fábulas tratadas pelo sr. Sousa da Silveira, mais dez traduzidas e anotadas pela sua digna colaboradora d. Maria Amélia de Pontes Vieira; bem assim do rico vocabulário e o índice metódico que encerram o volume, se compõe esta preciosidade de livreria, para ser guardada na mais seleta estante de qualquer biblioteca. E, quanto a nós, pessoalmente, se não fora de certo um pouco tarde, ainda tentaríamos, nestas páginas, estudar latim a valer.

★

NAVIO ANCORADO

★

Romance de ONDINA
FERREIRA

★

Edição Saraiva
São Paulo
1948

obra de rara elevação e sutileza a que Paul Hervieu deu o título "Peints par eux mêmes". O que neste outro livro se vai expondo, definindo e explicando por meio de cartas entre os personagens, as figuras apresentadas pela sra. Ondina Ferreira o realizam, pela maneira como narram episódios da sua vida, exprimem os seus pensamentos e as suas emoções, se analisam, comentam e julgam a si próprias perante o interlocutor — e o resto da sociedade. Cuidam sempre, naturalmente, de se defender ou justificar. E o que dizem deve prevalecer, porque ninguém contradiz as suas asserções; não há quem intervenha a discutir com elas.

Ercília, que seria a protagonista do romance, ouve muito mais do que fala e não pretende, em geral, dominar a ação nem o comentário. Por via de regra, nas cenas que se desenvolvem, aceita ou repele as coisas que está escutando, mas sobretudo o faz consigo mesma, para si mesma. Não sucede como nas peças ou nos contos de Pirandello, onde a controvérsia é constante e os conceitos em muitos casos forçados, artificializados, para acabarem dando razão... ao autor. Ercília é complexa mas não paradoxal; é, ao mesmo tempo, emotiva ao extremo e sempre refletida, capaz de sofrer aguda, lancinantemente, sem quebra do prestígio dominador da razão. Dos casos a que não assiste, depois tem conhecimento, porque lh'os vêm contar. Direta ou indiretamente recebe as confidências de todos os outros. Por escrupulo de caráter e generosidade de sentimentos, se abstém de expender o seu juízo quando não pode louvar; e, impossibilitada de absolver, faz mais ou menos, em todo caso, melhor do que isso: perdoar.

E' por diante dela que desfilam as outras figuras, com os seus rasgos de nobreza de alma, seus aspectos de triste miséria, seus júbilos, seus dramas, suas esperanças, suas dúvidas, seus desesperos: um Gil, pouco além de adolescente, que ama pela primeira vez, desmedida, desordenadamente, e assim desencadeia uma tragédia e, em certo momento, é por ela envolvido como por um turbilhão de fatalidade; uma Berenice, cada vez mais apaixonada pelo marido morto e sentindo-o sempre em si, porque, se as recordações não bastam para o ressuscitar, ela o inventa e apropria no homem a quem realmente chega a seguir ou no que traz

para dentro de casa, imaginário este, não menos "vivo" que o outro; uma Jandira, amarga, pessimista, revoltada: "Os homens não são maus? São piores do que maus: sórdidos, mesquinhos, sempre dispostos a tirar partido dos mais fracos. Não me refiro ao homem, sexo masculino, você entende? Falo da humanidade"... Outras vidas, outros destinos se vêm encontrar no edifício de apartamentos que, pela configuração, a situação, o "ar" sugestivo traz à idéia um navio. Ali se associam, dali se dispersam. Renovam-se como os passageiros de um barco enorme em que viajassem e ao qual, finda a travessia, abandonassem — tudo isso sem ele sair do lugar.

O romance da sra. Ondina Ferreira não constitui absolutamente um acréscimo nem uma réplica à novela da sra. Lia Correia Dutra "Navio sem porto". De algum modo, porém, os títulos se aparentam, porque ambos batizam obras cheias de talento e sensibilidade.

★

PALAVRAS AO MUNDO

★

Páginas de poesia de
LAURINDO DE BRITO

★

São Paulo
1948

Neste livro, quase tudo o que não é amor é sofrimento. O poeta precisa de estar amando ou do seu amor falando, para sentir os bens, a fortuna da vida. Longe dessa bênção do destino, fora desse ambiente providencial, os seus versos se entristecem, passam tormentos e chegam a aproximar-se do desespero. Em certa página, o rimador se lastima por haver perdido o seu ideal e em vão tentar agora reconquistá-lo; possui-se do mais negro pessimismo: "eu, sentindo a piedade de mim mesmo — bendigo a morte, maldizendo a vida". E termina o seu lamento, comparando-se a uma árvore que o canto dos pássaros, as carícias da aragem, os frutos, as flores, as próprias folhas abandonaram e, sozinha, "definha e morre à beira de uma estrada". Em outra composição, declara "os seus olhos cansados de chorar"; em outra ainda, tem a sensação de "um pássaro negro piando, piando lugubrememente" dentro da sua alma... Opondo-se, porém, a esses momentos e de algum modo os desmentindo, vêm as poesias "Esse olhar", "Ofertório", muitas mais que são louvores exultantes, hinos venturosos à mulher amada. Esta imagem o acompanha pela vida além, atenuando com flores as asperezas do caminho, enchendo o ar de aromas virtuosos e "da música divina da esperança". E' "a mais casta e gentil das criaturas — a mais formosa e santa das mulheres".

O sr. Laurindo de Brito verseja, sempre que quer, com fina arte. As vezes, e sobretudo na última parte do volume: "Entérro de terceira classe", abandona a boa técnica, as regras que os modernistas qualificam de antigas por serem eternas. Mas nessas páginas mesmas se nos deparam criações que não podemos deixar de apreciar. Não são rigorosamente versos mas formam belos conjuntos de imaginação, sentimento e estilo. Assim, "A poesia", série de definições superiormente "achadas" e que bem sentimos, por força da divisão do espaço nestas colunas, não poder transcrever integralmente:

Nasceste, ó poesia,
com a minh'alma,
cantando;
vives com o meu ideal,
sonhando;
exultas
com a minha misericórdia,
perdoando;
cantas
com as aleluias
das minhas esperanças;
sonhas
com a redenção
dos meus amores;
choras
com as litanias
das minhas saudades;
gozas
com o deslumbramento
das minhas vitórias
sofres
com as injustiças
das minhas derrotas;
sangras
com as feridas
das minhas dores...

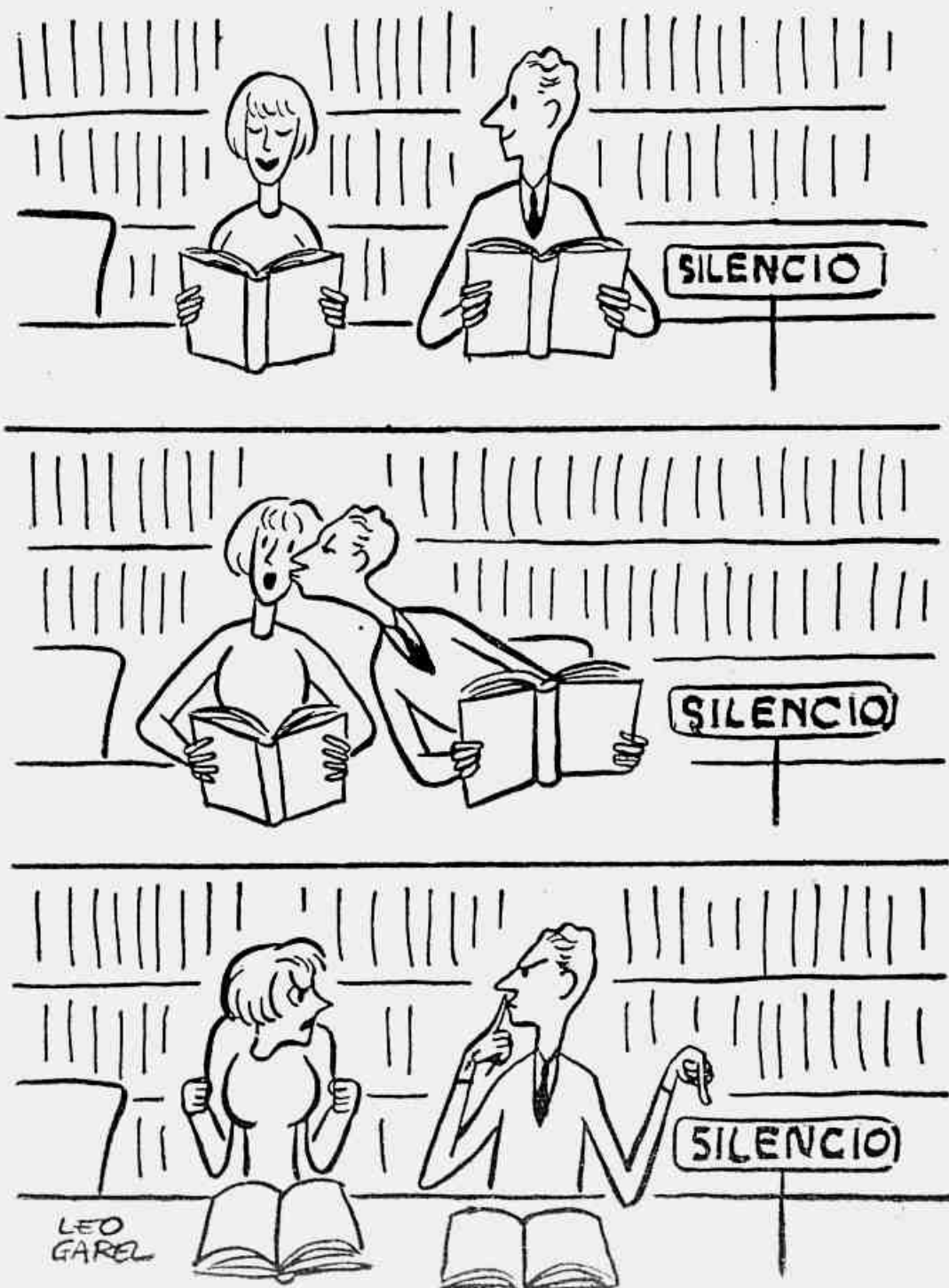
BOM HUMOR



— Minha mulher estava tão cansada, que tive pena de acordá-la de madrugada.



— Bem, já nos livramos dos ratos, e AGORA?



LEO
GAREL



Eric Peter

— Eu disse que a chave estava no bolso DIREITO?



O "REVEILLON" DE ANO NOVO NO JOCKEY CLUB





Nomes da maior evidência no quadro social do Jockey Club Brasileiro compareceram ao notável "reveillon" com que ali se festejou a passagem do Ano. Nestas páginas, entre pessoas das suas famílias e amigos, pudemos anotar a presença dos srs. Arthur Pires, Alonso Dutra, Jorge Jabour, todos empolgados pelo ambiente de animação então dominante. Todos os aspectos da linda festa dão nítida idéia do que ocorreu no Hipódromo da Gávea, ao findar 1948 e ao se iniciar mais uma etapa que a todos se afigura promissora e feliz



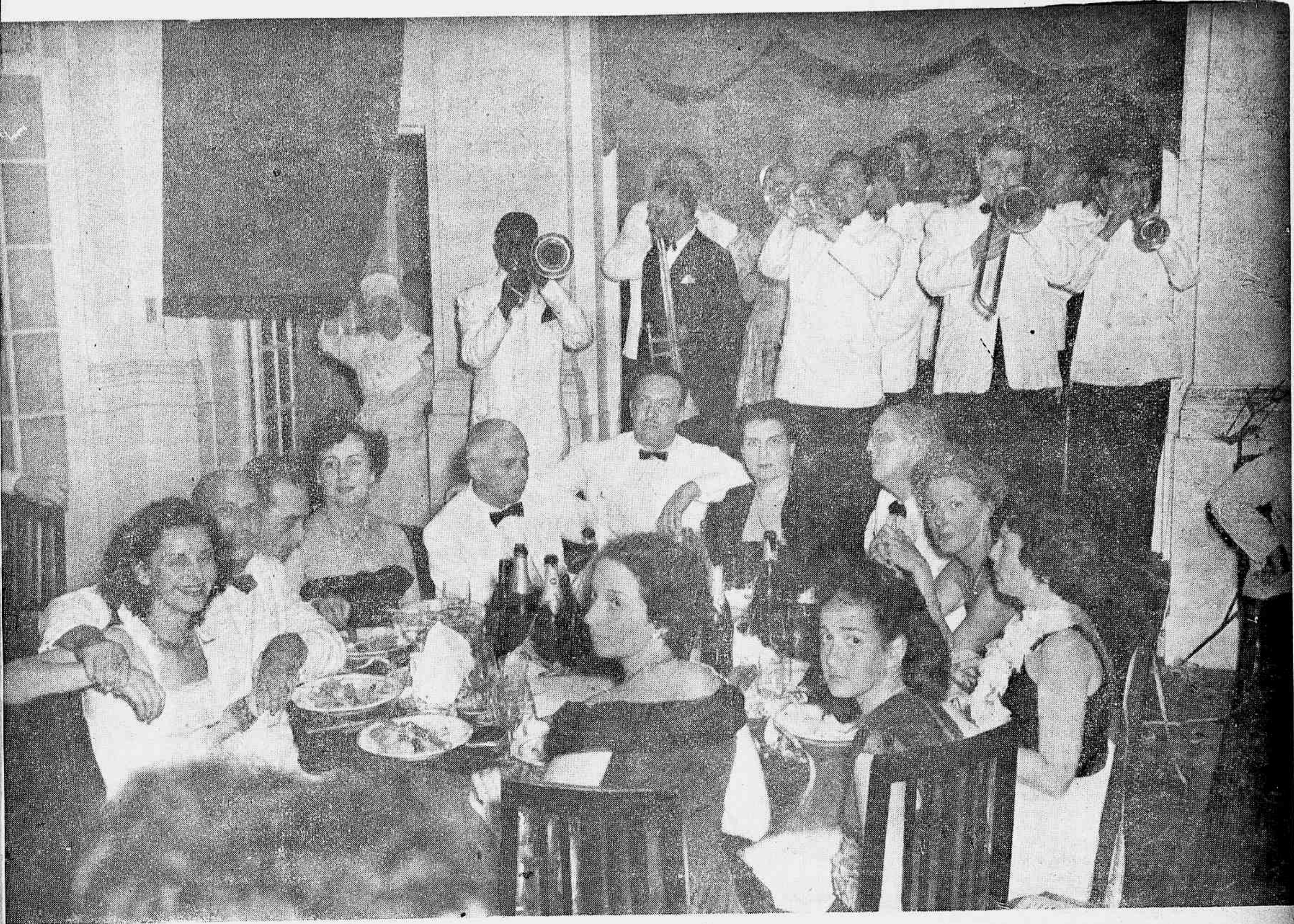


A mesa do presidente do Jockey Club e sra. João Borges Filho, onde se encontra entre outras pessoas, o desembargador Cândido Lobo. Em baixo, mais dois aspectos da festa



REVESTIU-SE de um brilhantismo sem paralelo o grande "reveillon" que a diretoria da nossa tradicional sociedade turfista ofereceu aos seus numerosos associados, para festejar a passagem do ano velho para o novo. Não sabemos mesmo de outra festa que haja suplantado a realizada no Hipódromo da Gávea, na noite maravilhosa de São Silvestre. Vale aqui acentuar o prestígio mundano que vem grangeando para o Jockey Club a orientação da sua direção social, de tempo a esta parte. As festas com que hoje são distinguidos os sócios da mentora carreirista, conquistaram rapidamente invulgar notoriedade nos anais da nossa crônica social, pelo esplendor com que são levadas a efeito pelo seleto conjunto de elementos das nossas altas esferas sociais que às mesmas comparece. Foi o que aconteceu no "reveillon" do dia 31 de dezembro último, episódio que marcará para o Jockey Club Brasileiro uma das mais brilhantes jornadas mundanas da sua triunfante existência.

Alegria, somente a alegria dominou os espíritos naquela noite memorável, em meio a um ambiente de sonho. Grande festa, onde não se sabia o que mais se admirar. Oito orquestras animaram as danças, impecável serviço de "buffet" encantou aos presentes. O "reveillon" de Ano Novo do Jockey Club esteve à altura da grandeza e das tradições mundanas dessa prestigiosa sociedade. Dessa festa primorosa REVISTA DA SEMANA colheu os flagrantes que ilustram esta reportagem, reprodução magnífica de uma noite magnífica.



Em meio aos magníficos flagrantes desta página, vemos os srs. Fadel Fadel e Armando Fajardo, além de inúmeros outros elementos de destaque na nossa alta sociedade, que prestigiaram com as suas presenças a bela festividade que foi o "reveillon" de Ano Novo no Jockey Club Brasileiro





A QUADRILHA DO MANDARIM

O inspetor de polícia Henri Rousseau em companhia de mais três companheiros de corporação ia, noite a dentro, pela estrada de S. Denis Wood, umas 40 milhas de Paris, quando foi surpreendido com a passagem de outro carro que, em louca disparada, quase tromba com o seu.

Ia como uma bala, na mais desenfreada carreira que se possa imaginar, aquele carro velocíssimo, marca "Isotta-Fraschini", pintado de branco e negro, como se estivesse a disputar corridas.

— Santo Deus! — Exclama Henri, olhando admirado para seu companheiro Alphonse Bertillon, sentado ao seu lado.

— Devemos voltar e segui-lo, meu amigo?

— Que esperança! Eles devem estar ansiosos por alguma coisa, sem o que não viajaríamos a tal velocidade e de noite; embora com esse meio lunar.

— Quem sabe se não é gente do grupo que procuramos?

— Não podemos segui-los, — diz Henri a Bertillon. — Eles usam uma "Isotta-Fraschini"; corre o dobro de nosso auto. Estamos com sede, fome e sono, e não podemos segui-los nestas condições.

Diante da impossibilidade os policiais se conformam e não resolvem perseguir o carro que passara naquela carreira louca.

De súbito o auto estaca e um dos policiais diz a Bertillon:

— Era uma jovem que ia dirigindo aquele carro. Ainda tive tempo de mirar-lhe o rosto, aliás, lindíssimo. Tem cabelos ruivos e olhos negros. Há muitos homens com ela. Não pude contar, mas sei que são, no mínimo, uns seis. Não me admirarei se, depois de tudo, tratar-se de membros da quadrilha do "Mandarin", os mesmos a quem andamos perseguindo!

— E' provável, diz Rousseau. — Mas você fez um milagre de observação.

O inspetor acelerou o auto e disse:

— Eles sabem fazer bem as coisas. O seu carro é prova de que gastam dinheiro e são bem organizados.

— Sim, meu caro Henri, — diz Bertillon — uma linda jovem ia ali, e, neste caso, não se trata de gente do bando. Trata-se de bebedores em farra pela noite a dentro. Acho que esse negócio de quadrilha do "Mandarin" já o está obcecando, não?

— Não amole! — Responde Henri meio encabulado. — E porque não nos devemos impressionar com esta quadrilha? Não vivemos imersos num dilúvio de queixas acerca de ataques, depredações, roubos desse bando dirigido, aparentemente por um jovem chinês que tem pões de Mandarin? Diariamente não nos chegam queixas de atividades do bando sobre cheques sem fundo, "contos do vigário", roubos de jóias, assaltos, tanto em residências particulares como em casas de negócio? Não vivemos a ouvir: "Quadrilha do Mandarin!"? E com um muro denotando todo o seu ódio: não devemos descansar enquanto não houvermos deitado a mão naquela corja!

— Calma, calma! — diz Bertillon para

serenar Henri. — Não devemos julgar as coisas assim com o calor do seu julgamento, caro Henri. Faremos um serviço de mera rotina acerca desse grupo.

Rousseau resmungou ainda qualquer coisa, mas procurou dar toda a atenção ao "guidon" do carro para evitar certas surpresas das estradas à noite. E fizera muito bem, de súbito, teve que frear violentamente o auto quando, numa curva fechada da rodovia, foi surpreendido com a obstrução da estrada por uma grande árvore caída transversalmente.

Pulando do carro os policiais foram examinar a situação conduzindo suas lâmpadas manuais para aumentar a iluminação dos faróis do automóvel.

— Veja! — Gritou Bertillon. — Esta árvore foi recentemente derrubada!

— Olha aqui! — Exclamou Henri. — Foi abatida a golpes de machado!

Os seus companheiros se acercaram e examinaram as marcas do machado no tronco, graças aos facho de suas lâmpadas elétricas.

François Levallois, um dos detetives, fez outra descoberta:

— Vejam! Quem derrubou a árvore foram aqueles camaradas da "Isotta-Fraschini"!

— Como sabe? — Interrogou Pierre Dupont.

— Aqui estão as marcas do calçado da jovem que ia dirigindo o auto! — E Levallois iluminou, no chão, as pegadas de sapatos de mulher.

— Estou absolutamente certo agora, ajuntou o chefe Henri — que são os membros do grupo do "Mandarin". Que diabo andariam eles fazendo a estas horas por aqui?

— Logo que dispusermos de um telefone o saberemos. — Diz Bertillon. — Agora devemos desimpedir a estrada.

O serviço era duro. O peso da árvore parecia muito superior à força conjugada daqueles quatro homens. Tiveram que recorrer a cordas, ao "macaco", ao próprio automóvel que serviu de rebocador. Depois de mais de meia hora de esforço, conseguiram desobstruir a estrada.

— Mas... para quê diabo iam eles perder preciosos minutos com o trabalho de derrubada dessa árvore, quando dispõem de um carro com aquela velocidade? — Interroga Bertillon ainda ofegante do cansaço.

— Isso indica — explicou Rousseau pensativamente — que os nossos homens precisavam de maior segurança para fugir, ou, talvez, por se tratar de algum crime muito mais grave.

— Quer dizer... algum assassinato? — Pergunta Bertillon — e acrescenta: eles nunca cometeram delitos tão graves assim.

— Mas sempre há "uma primeira vez", responde sentenciosamente Rousseau.

— E' exato — concorda Bertillon.

Por uns quinze minutos ainda, Rousseau dirigiu o carro da polícia pela sombria e sinuosa estrada de "S. Denis Wood".

— Ora, até que enfim! — Exclama com um suspiro Bertillon. — Dentro em pou-

cos minutos... teremos vinho, boa boia e... Não pôde terminar.

— Veja, chefe! — Gritou de súbito Levallois esticando o pescoço para a frente do auto. — E continuou: — que significa aquela luz? Parece que é algum sinal!

Quando Rousseau parou rapidamente o carro, todos os detetives olharam na direção em que Levallois apontava com o dedo.

Com efeito, cerca de uma milha à frente, uma tímida luz estava a acender e a apagar.

— Será um sinal? — Pergunta Bertillon.

— Penso que não, responde Henri Rousseau. — Estou mais inclinado a julgar que essa luz provém de janela de algum edifício desguarnecido de cortina... ou por isso mesmo, por alguma cortina...

— Sim... mas, porque essa intermitência?

— Pode ser causado justamente por um oscilar qualquer... uma cortina que se mova com o vento, a flutuar para lá... para cá... interceptando o reflexo do luar dando a impressão de intermitência premeditada, sugeriu Rousseau.

— Bem, De qualquer forma devemos investigar, disse com decisão Bertillon. Vamos de carro até onde for possível e depois seguiremos a pé o restante do caminho, pois a estrada não passa por ali.

Tudo combinado, Henri continuou a dirigir o auto até onde foi possível. No instante em que a estrada se desviava da luz misteriosa, eles encostaram o veículo e saltaram para prosseguir a pé.

— Nada de lanterna nem de conversa, recomendou Bertillon. E seguiram na direção da luz.

Minutos depois estavam eles diante de uma espécie de muro.

— Isto parece um castelo, — diz Rousseau em voz baixa.

— Sinto que vai sair alguma coisa complicada por aqui, — murmurou Bertillon. — E em seguida, decidido: vamos enfrentar o perigo?

Os outros fizeram sinal de assentimento.

— Então preparem seus revólveres, iluminem o caminho e sigam-me.

Bertillon foi o primeiro que chegou à porta de frente do castelo. De pé, fitou bem o ouvido, como que procurando escutar alguma coisa no interior. Como nada percebera, pulou para dentro.

— Aparentemente deserto! — Exclamou.

— E como está bem mobilado! Olhem! Aquela piscar de luz que vimos é produzida pela luz da lua! Mas... Santo Deus!

Bertillon estacou. Os outros se juntaram a ele. O corpo de um homem, enforcado, oscilava para lá e para cá, em frente a uma janela envidraçada na qual se refletia a luz do luar. O corpo do enforcado era o causador da intermitência luminosa que dava a impressão, ao longe, de alguém a fazer sinal. Tinha mãos e pés atados com cordas.

Levallois com o auxílio de uma cadeira cortou a corda acima da cabeça do desconhecido enquanto os outros o apara-

vam na queda, levando-o em seguida para uma espécie de canapé.

— Está morto? — Perguntou Bertillon, quando Rousseau encostou o ouvido no peito do homem para verificar se ainda lhe pulsava o coração.

— Sim. Está morto, respondeu Rousseau. Vejamos agora quem é ele.

Deram busca em seus bolsos e todos, a um só tempo, exclamaram em voz alta.

— Le Pante!...

— Pobre Le Pante! — Lamento Bertillon. — Está agora definitivamente comprovado que se trata mesmo do bando do "Mandarin", pois Le Pante estava trabalhando na captura dessa quadrilha havia algumas semanas. Isto lhe causou a morte.

Identificado o morto, Bertillon dirigiu a luz de sua lâmpada em volta e admirou o ambiente, enquanto Levallois prosseguia a examinar o conteúdo das algibeiras do assassino.

— Como estão eles bem instalados em seu refúgio! Como isto aqui é confortável! Com certeza, decididos a não mais usarem este castelo, deixaram-nos alguma coisa para descobrir...

— Com certeza para depois se vangloriar da ousadia, — murmurou Levallois, a rebuscar mais alguma coisa nos bolsos do cadáver.

— Veja! — Gritou.

Era uma folha de papel mal garantida, com estas palavras em alentados caracteres.

"Se nossa salvação exigir, mataremos. Estejam avisados".

— Que bandidos! — Resmungou Bertillon com cara de quem está indignado. E repetia a advertência "Se for preciso mataremos". Pensarão eles que nos intimidam com esse aviso? Idiotas! Precisam saber que a guilhotina se alimenta do sangue desses canalhas! Nós...

Não pôde terminar a frase. De uma das portas partiu subitamente um ruído como se alguém saltasse rápido para a sala onde estavam. Voltaram-se todos de uma só vez para o lado do barulho, e se viram diante de focos de luz e de revólveres apontados para eles.

— Mãos ao alto! Qualquer movimento e... — Ordenou uma voz forte e autoritária.

Em seguida, porém, um dos recém-chegados exclamou:

— Ué! E' você, Bertillon?!

— Claro! — Respondeu o detetive desafiado e reconhecendo o inspetor C. Maupert. — O que...

— Deus meu! — bradou Maupert diante do cadáver de Le Pante. Os bandidos mataram-no! Precisamos capturá-los, colegas!

— Estamos prontos, respondeu Bertillon desassossegado. Mas, o que sucedeu, exatamente?

— Enquanto vocês estiveram fora, Le Pante, dissimulado em fabricante de carvão vegetal, descobriu este coito da quadrilha. Apenas duas horas depois ele procurou telefonar-me. Immediatamente providenciei a vinda de dois carros com poli-

ciais: mas o segundo carro quebrou-se no caminho. Agora... — continua ele com profunda tristeza — agora... Bem, Le Pante está morto e a quadrilha fóra de nosso alcance. Deve ter sido Jules Voland quem o traiu.

— Jules Voland?... — Estranhou Bertillon. — Mas ele estava trabalhando com Le Pante! Era um dos nossos informantes. Pensava...

— Eu também pensava o que você está pensando, isto é, que Voland merecesse confiança. Mas, já havia dois dias que ele não prestava seus informes e somente agora veio porque assim agia. Com certeza o bando lhe pagou mais do que nós.

— Bem, continuou Bertillon firmemente. Veremos se ele também não irá pagar na mesma moeda. Vejamos em primeiro lugar como devemos agir para mandar as cabeças dos outros à lâmina. Que há de mais novo sobre a quadrilha?

— O grupo do "Mandarin" acaba de realizar sensacional furto na joalheria do Sr. Jaubard, apoderando-se de um colar de diamantes no valor de mais de um milhão de francos.

— Jaubard, um homem experiente, chegou a cair em algum conto do vigário!

— Oh! Eles trabalharam muito bem, embora usando métodos já conhecidos. Um da quadrilha, fingindo-se de mandarim chinês, pediu a Jaubard que levasse o colar ao hotel. Era aniversário de sua esposa, da esposa do falso mandarim. O joalheiro, interessado em fazer um bom negócio, ficou impressionado com as maneiras cativantes do chinês aristocrático e com o ambiente de refinado luxo do seu apartamento no hotel. O mandarim tomou o colar em suas mãos e pediu licença para ir mostrá-lo à sua esposa no salão vizinho, aposentos privados da esposa. Passaram-se os minutos e nada de o homem voltar. Impressionado com essa demora, Jaubard procura sair e tomar providências, pois já suspeitara de que havia sido vítima de um embuste em boas condições. Mas, com surpresa, todas as portas estavam fechadas a chave. Atônito, começa a gritar desesperadamente por socorro. Quando este chega, já o mandarim havia fugido... com o colar! Agora eu desejo mesmo saber se o bandido que passa por mandarim, é mesmo chinês.

— Segundo todos os seus característicos, deve ser chinês. Tem olhos oblíquos e amendoados, pele amarela, é de fragil complexão, baixa estatura, bigodinho negro e ralo, o tipo perfeito do chinês, explicou Bertillon. — Mas tudo isso pode ser falso. E aqui em presença do corpo de Le Pante, prometamos que deitaremos a mão nos seus assassinos. Agora vamos dar uma batida por aqui.

Imediatamente todas as luzes iluminaram o ambiente, desde o teto ao vestibulo. Deram busca no edifício.

— Muito bem! — exclamou Bertillon quando chegaram no salão de estar. Todos sabemos que este castelo é muito luxuoso e está otimamente situado. Mas, parece que descobrimos mais alguma coisa.

— Que quer dizer? — Perguntou um dos companheiros.

— O assunto se refere à árvore que eles cortaram sobre o caminho para causar demora a alguma perseguição. Aquilo revelou que era um perito o derrubador da árvore. Lembro-me agora de um sentenciado de nome Courtaud, aliás, cognominado d'Artagnan que esteve a trabalhar na extração de madeira do Canadá por alguns tempos. Sua habilidade em derrubar árvores era coisa notável. Com certeza ele agora está integrando a quadrilha do "Mandarin". Se pudermos descobri-lo, ele nos levará à pista dos demais.

— Ele nos conduzirá aos outros do bando? — Pergunta Rousseau incredulo. — Acha que eles voltariam depois de uma fuga com tanta pressa?

— Tenho esperanças, tornou Bertillon. — Que pensariam se eu permanecesse aqui enquanto vocês regressam a Paris?

— Bem, disse Rousseau. Vocês estão cansados, com fome e sede. Eu ficarei observando as coisas. Olhou o relógio. Já passava de meia-noite.

— E você poderia suportar o sono, Rousseau? — Perguntou Bertillon.

— Ficarei o resto da noite de ronda.

— Pois sim! mas, pela manhã, retornaremos.

Assim fizeram. Na manhã seguinte Bertillon, Dupont, Levallois e outros deteti-

ves voltaram ao castelo, mas não encontraram Henri Rousseau!

Alarmaram-se.

— Procuremo-lo! — Grita Bertillon.

Detetives e soldados deram uma batida no castelo e arredores. Um deles descobriu sinais de luta no solo, com a erva arrancada e a grama toda machucada, como se ali houvesse havido violento corpo a corpo.

— Eles voltaram e aprisionaram Henri! — Exclamou Bertillon.

Encontraram ainda uma flecha apontando na direção de Paris. Porque o levaram prisioneiro sem assassiná-lo? Indagavam entre si.

— Certamente, explicou Bertillon — eles precisam de Henri como refém. Sabem que, para poupar a vida do inspetor, poderíamos aceitar condições de forma que pudessem sair da França sem que os molestassemos. São criminosos de morte, e a pena capital seria aplicada a cada um deles. De posse de uma presa como Henri, eles dispõem de importante triunfo para exigir o que bem desejarem.

Depois de buscas infrutíferas, voltaram à capital afim de ali iniciar diligências para libertação de Henri.

Durante vários dias esteve a polícia ocupada no serviço de esclarecimento do inspetor Henri Rousseau sem nenhum resultado, quando entregaram a Bertillon informações acerca do carro que esteve a abalroar com o da polícia na noite de 20 de maio.

Tinha sido comprado pela senhorita Haxaire de Joinville, filha de Frantz de Joinville, reputado biólogo e explorador.

— Não resta a menor dúvida que, quem estava no volante naquela noite era Mlle. de Joinville, diz Levallois.

— Sim, é possível, diz Bertillon, mas apenas com esses traços do carro nada poderemos fazer. Que apurou mais?

— Tenho alguns informes, declarou Dupont. Dentre eles a da velha trapeira Lily.

— Oh! a velhinha que já nos tem ajudado antes? Onde está ela?

— É vigia do café "La Sauterelle", que se inaugurou há poucos meses, próximo ao canal S. Martinho. Trata-se de um antro de canalhas sob a capa de café.

— Bem! — Diz Bertillon. E que há mais?

— Nada de mais importante, a não ser... Dupont interrompeu e que ia dizendo quando o fone tilintou.

Por alguns instantes Bertillon esteve a ouvir. Por sua fisionomia todos estavam percebendo que uma notícia agradável acabava de receber.

— Ela está-me dizendo que, não faz uma hora, Courtaud, o "d'Artagnan" entrou no "La Sauterelle". Estava acompanhado por um homem esguio, de olhos escuros. Disse-me ainda Lily que o café é apenas pretexto para reuniões de gente desclassificada.

— Então devemos atacar o antro imediatamente, diz Levallois.

— Claro! — Respondeu Rousseau. Precisamos agir para salvar o nosso amigo Henri Rousseau.

Levallois e Dupont ficaram silenciosos por instantes. Depois Bertillon tornou com voz firme:

— Arriscaremos tudo para salvar Henri! E começaremos as providências para surpreender o bando no café suspeito.

Já ia bem alta a noite, quando eles se dirigiram para os lados do "St. Martin Canal", para uma visita ao café "La Sauterelle". Um nevoeiro que invadia toda a zona veio em ajuda dos detetives. Saltaram e se aproximaram. Eram eles: Bertillon, Dupont, Levallois e o inspetor Maupert chefiando o grupo. Iam trajados a marinheira, como se fossem gente de bor-

do. Ali se achava uma população que era fácil classificar à primeira vista. Todas as entradas e saídas estavam bem vigiadas.

Em dado momento, os que estavam lá dentro receberam ordem de erguer os braços para uma revista. Homens e mulheres foram corridos, nada se encontrando quanto a armas. Não foi também encontrado ninguém que se parecesse com Courtaud ou com aquele pseudo chinês dos assaltos.

— Pensa que eles fugiram? — Pergunta Maupert.

— Duvido muito. Diz Lily que este lugar esconde muitos porões e refúgios. Vamos dar uma busca.

Começaram a investigar por todos os lados até que deram com uma espécie de porta secreta que devia ir a uma galeria subterrânea, uma catacumba.

— Tirem os sapatos! Preparem os revólveres, mas nada de luz ou ruído! — Ordenou Bertillon.

Com muito cuidado, foram descendo a escada. Lá em baixo, num corredor estreito e escuro, uma restea de luz vinha do salão através de algumas frestas do soalho. Mais adiante havia um canal cheio d'água. Levallois descobriu um bote pequeno, amarrado a um canto. Tomaram-no e prosseguiram.

— Ouço vozes do lado oposto, disse ele. E' preciso ir com muita cautela.

Deslisaram pelo canal, quando Bertillon, com um dedo à boca pediu silêncio.

— Sch...

Polegada a polegada, iam vencendo os detetives, quando perceberam a um recanto rápido raio de luz. Havia gente por ali. Seguiram com cuidado. Dobraram uma esquina.

Súbito saíram numa vasta cripta iluminada a lampeões de azeite, em cujo centro estavam uns doze homens. No meio deles

(Continua na pág. 50)





DRUM CRAZY (Fox)

A bunn for me honey — A dolly
[with a curl.
An aeroplane, an electric train and a
Teddy bear for my girl.
A kitty for my pretty, a castle for
[my love,
Gee, what do I see
Brother, if that's a druth, that's for
[me.
I'm Drum Crazy yes, I'm Drum Crazy
[yes,
I'm plumb crazy for drums.
I've got drum sticks full of hot likes
And a roll loaded with soul under
[control
First, soft violins, then sweet saxo-
[fones,
Then blue clarinets croon
When it's my turn into a loon
When the drum takes the melod,
When the drum carries the tune.

★

A MULHER E A GALINHA (Marcha)

J. Batista e Nássara — Gravada
por Dyrzinha Baptista

Seja preta, seja branca
Amarela ou carijó
A galinha quando canta
E' cocoró, cocoró
Seja preta, seja branca
Seja loura a mulher
Quando faz o que não deve
E' porque quer.

Ora vejam, que idéia esta minha
Comparando a mulher e a galinha
Poís na vida real é diferente
Na galinha manda o galo
E a mulher manda na gente.

★

CORSÁRIO

Marcha de João de Barros e A.
Ribeiro — Gravação em disco
Continental, por Nuno Roland

Chegou o Rei dos Corsários
Chegou, donzelas, o Rei
Fechai as vossas janelas
Pais de família, tremel!

Eu sou o Rei dos Corsários
Não temo a fúria do mar
Porém, nas noites de calma
Eu deito para sonhar
E sonho que estou contigo
Longe feliz a vagar
Porque a Rádio Patrulha
não pode ir em alto mar.

Pertinho do quartel
E quando estavam na maior lua-de-
[mel

Ta tata tata ta ta ta tatatata
Ta tata chamaram ele lá pro quartel.

Maria anda contrariada
Com a corneta
De madrugada
Quando Maria vai ficando animada
Ta tata tata
Toca alvorada.



BROADCAST



ARMANDO MIGUEIS

IMPRENSA FALADA

○ Jornal falado nasceu com a evolução do rádio. Acompanhando este, ele veio a se tornar uma das mais preciosas fontes informativas a que recorre o público, quando no afã de tomar conhecimento de algum fato importante. Dessa maneira, nada mais resta daquele serviço informativo, em que a tesoura e a gilete desempenhavam funções relevantes. Hoje, graças ao elevado grau de adiantamento a que chegou o rádio, as emissoras não mais recorrem aos recortes. Vão à própria fonte colher dados para bem informar o público, quando não lançam mão de outros recursos, como sejam as reportagens feitas "in loco" e as entrevistas oportunas. Aliás, o que se vem notando, ultimamente, é a preocupação do rádio antecipar-se à imprensa escrita, fato que diz melhor do futuro reservado à imprensa falada.

A vitória do jornal falado, na época presente, é caso indiscutível. Tanto assim, que as grandes estações já mantêm departamentos especializados, aos quais compete a colheita de todo o material de caráter jornalístico. E, o que se observa, é o interesse público crescer para essas apresentações, tal a presteza e a fidelidade na maioria dos lares brasileiros, seguir atentamente o desenrolar dos acontecimentos nacionais e estrangeiros, através do serviço informativo difundido pelo rádio.

Aqui, mais uma vez, sentimo-nos à vontade para dizer do absurdo praticado pelo jornalista americano Robert Donald, quando em 1917, predisse para daí a um século, o jornal falado. Não foi preciso tanto. Ele aí está vitorioso, acompanhando a marcha evolutiva da radiofonia brasileira. Prestimos e imparcial, na hora exata, ele nos põe a par dos grandes acontecimentos, sem precisarmos sair da comodidade de nosso pijama e de nossos chinelos.

RÁDIO-FLASHES

Aconteceu no Rádio

★ Meira Filho não teve seu contrato renovado com a Globo, razão de estar em entendimentos com outra emissora. Fala-se no seu ingresso na PRE-8, embora nada exista de positivo. ★ "Paradas de Melodias", é a nova atração do microfone Tupy. Através desse programa serão distribuídos quarenta mil cruzeiros entre os compositores patricios, além de prêmios menores para os intérpretes das músicas vitoriosas. ★ Elvira Rios é o novo cartaz internacional da PRE-8. Artista já nossa conhecida, ela retorna ao Brasil com novo repertório a fim de exibir-se numa das principais "boites" cariocas. ★ Navarro de Andrade, elemento de valor no "cast" de teatro-cego da PRE-3, acaba de assinar contrato com Chianca de Garcia, para participar de sua companhia de revistas. ★ Benvenuto Edinaldo desligou-se do quadro redatorial da Guanabara, assinando compromisso com a Rádio Nacional. ★ Zilah Fonseca, ao fecharmos essa Seção, entrava em negociações com a Globo. Aliás, os entendimentos caminhavam satisfatoriamente.

Quinze Anos de Luta

No dia 6 do corrente, a Rádio Roquete Pinto entrou no décimo quinto ano de existência. Criada para servir à cultura dos que vivem em nossa terra, ela teve como seu primeiro dirigente, aquele que lhe dá o nome. Mais tarde, em virtude de um decreto que proibia as acumulações, passou à direção do professor Francisco Maciel Pinheiro. Hoje, a emissora da municipalidade tem à frente de seus destinos, a professora Magdala da Gama Oliveira.

A PRD-5, fiel ao lema de seu fundador, jamais fugiu às suas finalidades, quer na parte educativo-cultural, quer no setor musical. Aliás, deve-se, em grande parte, à Rádio Roquete Pinto, o aprimoramento do nível musical de nosso povo. Foi através de programas feitos para o grande público, que ela conseguiu fazer chegar ao homem da rua, o gosto pela boa música.

Dora Lopes Contra Dora Lopes

A vedeta Dora Lopes, atualmente no elenco de Derci Gonçalves em declarações prestadas a um vespertino, anunciou que processará a cantora Dora Lopes, por crime de calúnia. É que a exclusiva da Nacional, dizendo-se vítima de chantagem, por parte da vedeta, queixou-se à polícia contra a mesma, além de trazer a público seu veemente protesto. Agora, porém, a integrante do elenco de Derci Gonçalves, não se dando por achada, com as acusações que lhe foram assacadas, ameaça por os pontos nos 11...

Você Sabia Que...

...por intermédio do "Trem da Alegria", veio a ser descoberto um caso de bigamia ocorrido nesta mui leal cidade de São Sebastião?

...Ari Barroso, ora excursionando pela terra de Tio Sam, acaba de ser eleito presidente de honra da SBACEM?

...Silvino conseguiu prender a atenção de milhares de ouvintes, com a sua falação do dia 31 de dezembro?

...a professora Ivone Garnier, responsável pelas aulas de francês da PRD-5, vem de ser premiada com uma viagem aos Estados Unidos?

Perda Irreparável

Lamartine Babo iniciou mal o 1949. O popular autor de "Tai" foi vítima do incêndio que destruiu um prédio na rua da Carioca. E' que no terceiro andar do edifício sinistrado, ele possuía seu escritório de trabalho, onde se achava guardado seu precioso arquivo de radialista. Vinte anos de atividade no "broadcasting" nacional foram consumidos pelo fogo, não havendo chance para que o autor da "Canção do Dia" possa reconstituir o material perdido. Até originais de suas composições de sucesso, como "Teu Cabelo Não Nega", "Serra da Boa Esperança" e tantos outros, desapareceram na voragem das chamas, inclusive a curiosa coleção de caricaturas, pela qual seu Lafá tinha verdadeira veneração.

Quanto vale ser "maquinista"

Muito se tem escrito a respeito do "Trem da Alegria". Há os que o consideram um programa feito para o agrado público. Existem os que o apontam como prejudicial à evolução do "broadcasting" brasileiro. Tem os que o consideram vexatório para um rádio que se quer impôr à admiração das chamadas elites intelectuais. Seja lá o que for, não estamos aqui para discutir os méritos desse cartaz que Heber de Bóscoli apresenta na onda da Rádio Globo.

Unicamente, nosso desejo é tornar público o interesse que o "Trem da Alegria" desperta nas camadas menos favorecidas. Para tanto, vamos recorrer à linguagem das cifras. No dia 25 de dezembro, as bilheterias desse programa arrecadaram oitenta mil cruzeiros, obrigando ao maquinista a providenciar a apresentação do espetáculo diretamente do campo do Vasco, a fim de atender à enorme massa humana que desejava empreender a viagem natalina no "Trem da Alegria".



Barreto e Barroso andaram pelo interior do país, contando seus "causos" e dizendo seus trocadilhos. Agora, estão de volta ao microfone PRA-9 para participarem dos programas dessa emissora. Que os ares lá de fora lhes tenham feito bem, é o que esperamos...



Virginia Mayo (RKO)

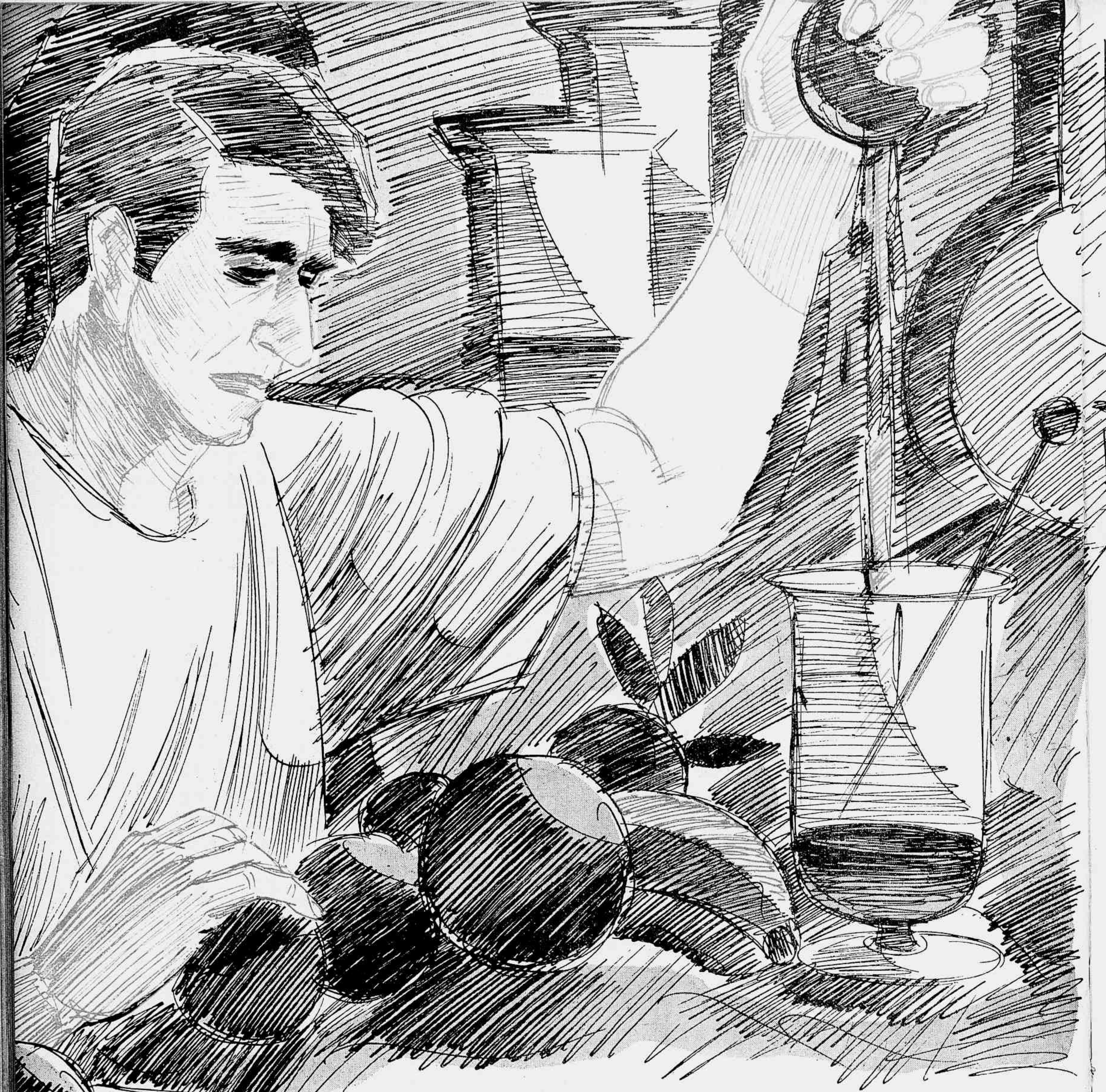
NOS BASTIDORES FEMININOS

VENDO FANTASMAS...

Você, minha amiga, que tanto se queixa da sua infelicidade, é uma das principais culpadas, senão a principal, desse estado de coisas. O quadro que você mesmo pinta, é uma denúncia contra a sua personalidade, contra a sua inteligência... A "falta de sossego" a que se refere, é motivada apenas pela sua imaginação, imaginação de quem não tem coisa mais útil e proveitosa a fazer. É por isso que você vê "fantasmas"; é por isso que você vê o mal onde o mal não existe; é por isso que você vive preocupada e aborrecida; sempre disposta a discutir e a brigar... Tudo isso desapareceria se: em primeiro lugar, você passasse a olhar seu marido como a um homem comum e não como um Deus que as outras mulheres cobizam (não lhe dê muito "cartaz"...); procurasse compreender que ele como homem, não tem tempo para pensar em detalhes e coisinhas para agradá-la

e nem sequer imagina que você espera tal coisa de sua parte; se deixasse de ser tão ciumenta e, consequentemente, deixasse de pensar que todas as mulheres que o vêem na rua, se atiram, fatalmente, nos seus braços e que ele as recebe muito feliz... Se compreendesse a sua grande responsabilidade: prover o conforto do lar, lutar todos os dias nos campos mais diversos, a fim de que a você nada falte; manter a sua dignidade de pessoa; esforçar-se para subir mais e mais, sempre visando o bem-estar da família. Você, que tem um marido assim, deveria levantar os braços para os céus e agradecer a Deus o tê-lo dado a você; deveria sentir-se feliz e fazer com que ele também o fôsse; deveria se ocupar em coisas úteis a si e ao seu lar; cooperar para a tranquilidade e harmonia do mesmo; deveria afastar pensamentos doentios que tudo perturbam e deveria aceitá-lo tal qual ele é, sem viver imaginando o quanto melhor seria se ele fôsse

igual àquele seu primeiro namorado, ou ao marido de sua amiga... O melhor é você se convencer de que possui um excelente esposo, e tornar-se para ele uma verdadeira amiga e companheira, disposta a colaborar para a conservação e felicidade do lar e da família.



Não, não foi nenhum bilhete de loteria que transformou a vida dele de repente. Sua riqueza, que a muitos podia parecer ter vindo da noite para o dia, foi fruto de uma idéia luminosa explorada escondidamente e cuja aplicação veio a lume subitamente, isso sim.

O filme que estava apreciando era um desses amontoados de disparates para provocar comichão. Após "zigue-zagues" de um auto a quase se esborrachar em outros, numa movimentada rua, com os heróis atrapalhados com um saco de pano que lhes tapava a visão, há uma perseguição que termina na escalada de um alto trampolim montado nas bordas

de uma piscina. Não vou descrever tôdas as asneiras que se viam na tela — é um dos piores vícios das solteironas quando voltam das "sessões chics" — mas, por incrível que pareça, foi nesse momento que a tal idéia surgiu.

Subindo na escadaria de ferro lá ia à frente o perseguido que, acuado com a cordona ou narceja do macegal, só encontrou saída na longa tábua de mergulhos para onde se dirigiu entre as risadas dos espectadores. De lá do alto se atira nas mais estrambóticas "micagens", caindo nágua e, — aí então entra a cena culminante — da água retorna à prancha num movimento inversor da "câmera", sendo agar-

rado pelo outro mancebo apalhado, quando já se julgava livre, contra a expectativa geral.

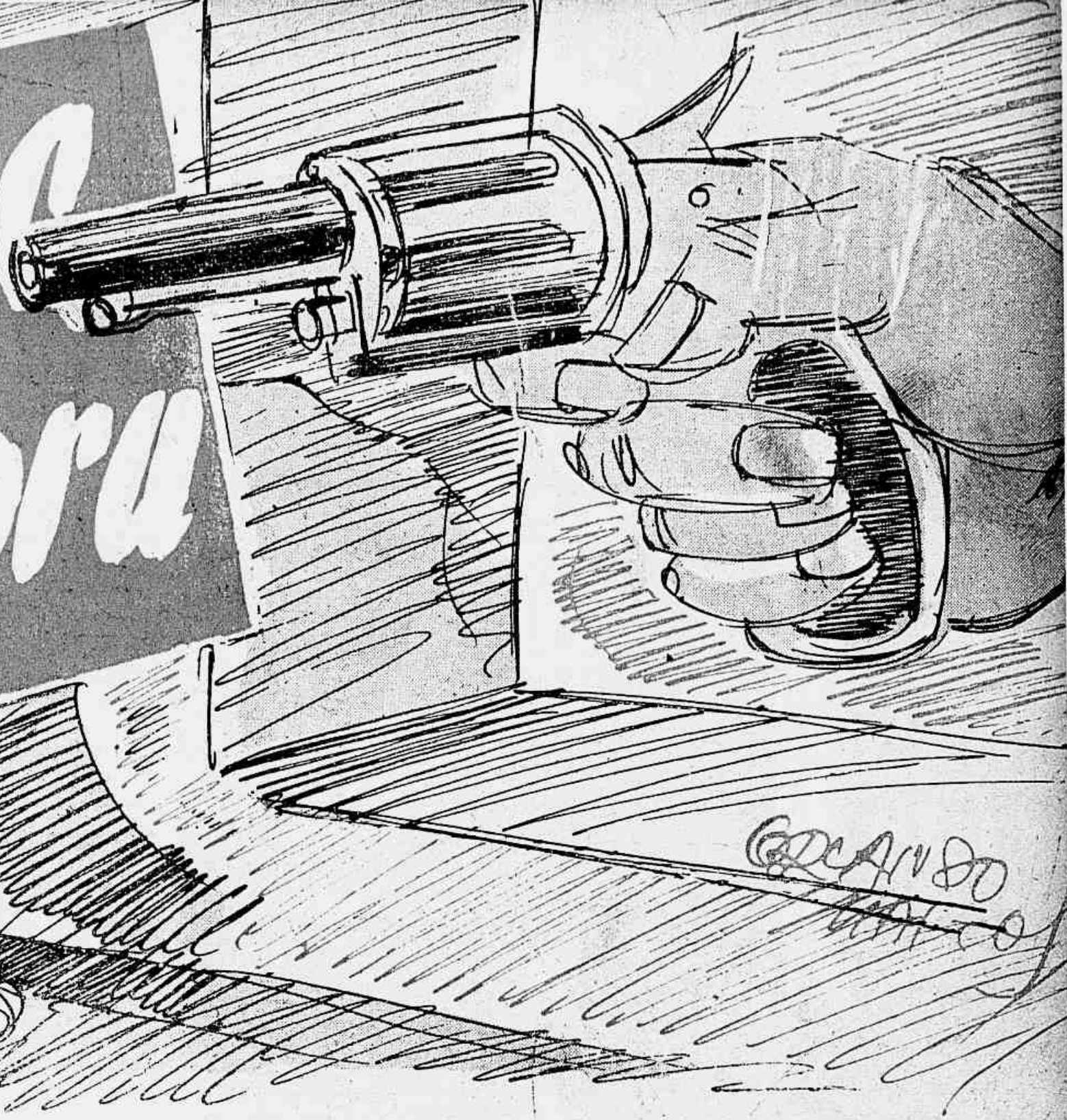
As gargalhadas estouram em todo o mundo, menos nêle. Aquela volta do sujeito da água para a táboa, ficou-lhe na retina e no pensamento como uma obsecação.

Quem diria, há alguns anos atrás — pensava — que seria possível fazer de novo, como se fôsse chupado por força estranha, um cidadão que se despencara de tanta altura? No entanto na tela lá estava voltada às avessas aquela queda; e aquela simples máquina cinematográfica conseguira facilmente tal retorno.

E se houvesse possibilidade de construção de um aparelho qual-

SELECIONADO PELA "REVISTA DA SEMANA"

A máquina retornadora



CONTO DE PAULO PINHO



ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS

quer que retornasse a condições primitivas corpos compostos? Mas que máquina? Que qualidade de raios teria força de recompor, por exemplo, uma fruta já amassada, fazer um anel de ouro se desmanchar aparecendo a pepita que o originara? Isso era pensamento de doido, bem lhe parecia. Mas também no século XV não era loucura pensar em televisão? Então uma cena poderia ser transmitida através dos ares — com tantos pássaros e nuvens, — dos mares — cheios de caravelas, corvetas, galeras e bergantins — passando por sobre altíssimas montanhas sujas de neve e de ninhos de águias — e ser vista sossegadamente numa poltrona, no mesmo instante em que estivesse sucedendo? Idiotice, loucura, naqueles tempos, mas hoje coisa normal.

No quarto dos fundos de sua casa não deixou mais ninguém entrar desde aquele dia. Com dificuldade arranjou uma máquina projetora de cinema, uma pequena tela, vidros, lentes, luzes, carvões de arco voltaico e milhões de apetrechos que dia a dia somavam aos que já existiam. Começou por interpôr entre a tela e o foco de luz pequenos objetos: no pano branco esticado somente uma sombra preta aparecia como cataplasma.

Pensou então nos Raios-X que atravessam tantos corpos conhecidos e tratou de conseguir um

aparelho portátil que passou logo a utilizar entre a máquina projetora e a tela. E daí em diante foi um nunca acabar de manobras e interposição de frutas e legumes amassados sob uma chuva de raios — sobressaindo os infra-vermelho, ultra-violeta e infra-pardo — naquela pesquisa esquisita.

Um dia teve o coroamento dos seus esforços ao ver reproduzida na tela uma banana e uma maçã que estavam sob aspecto de grosso mingau. Aumentou mais a eficiência do conjunto — somando feixes oblíquos de raios-X filtrados em uma lâmina especial e com projeção de efeito inverso pela máquina cinematográfica e pôs à frente uma gostosa "marmelada" acabada de adquirir. Marmelada? Não. Não era possível: tinha ali em sua frente, é verdade que um pouco embaciados pela trepidação, mas perfeitamente recompostos, três xuxus, uma abóbora dessas chamadas "abobrinha" ou "abóbora d'água", algum açúcar e... nenhum marmelo! Repetiu a projeção: a mesma coisa constatou! Mas então aquela marmelada, de fabricação tão renomada era feita sem marmelo? Ladrões. Sua máquina — estava a deduzir — seria de inestimável valor na fiscalização policial de gêneros de tal natureza. Vamos a uma goiabada. As sombras, a princípio imprecisas, logo mostraram que em uma lata des-

sas comuns, eram encontrados oito tomates, açúcar, dois xuxus e uma goiaba — que distintamente percebia estar bichada com aquele habitual e branco hospedeiro vermiforme...

Não se conteve de tão indignado e passou a cotucar as teclas de sua máquina de escrever, dirigindo às "Indústrias Reunidas de Produtos de Sobremesa" uma longa carta em que as palavras — "confidencial e reservada" — sobressaíam no canto à direita. Nela contava parte de suas atividades e aquilo que descobrira, e convidava o responsável a visitá-lo — às tantas horas do dia tal — para se certificar do que lhe assegurava. E iria adiante — frisava — no interesse da honestidade do povo — terminava.

Daí veio sua riqueza. Com boas conversas compraram-lhe a consciência descobridora por alguns milhões de cruzeiros. Pagaram-lhe para que silenciasse. A marmelada continuava a ser para todo o mundo de puro marmelo e todas as coisas similares também não eram desmentidas em sua constituição. Assim se comprometera.

Mas, se podia ganhar muito mais, para que se circunscrever somente àquelas experiências sobre comestíveis?

E então viu na tela seu sapato de "pele de Búfalo" que lhe castara um dinheirão, a se retornar na matéria prima de origem, e

que é do búfalo? Um magérrimo bovino, por sinal que muito cheio de bernes lá se espelhava com toda a clareza. E lá seguiu outra "confidencial e reservada" para o proprietário do "Cortume Nacionalista".

As tantas horas de um tal dia também lá comparecia o responsável, mas o preço que exigiu do presidente da sociedade era alto de mais e as ameaças que se presume que fez foram de tal natureza que o resultado foi o que já se sabe.

Meteram-lhe uma bala na testa. Morreu imediatamente. Seus empregados correndo ao ouvir o estampido somente puderam conter o assassino — o honrado e impoluto fabricante de sapatos de couro de animais raros — depois que ele havia inutilizado toda uma complicada série de maquinismo que se viam aos pedaços pelo chão, e só o contiveram quando extenuado acabara de perfurar com os restantes cinco tiros a tela bastante amarelada. Estava louco.

E tudo ficaria ignorado se não fôsse a descrição — embora sem minúcias técnicas — da "máquina retornadora", encontrada cozida no bolso interno da calça da vítima, e de onde acabo de tirar grande parte destes apontamentos.

(Do relatório do Detetive K-2 ao seu Chefe Q-5, em 12-3-1948)



M

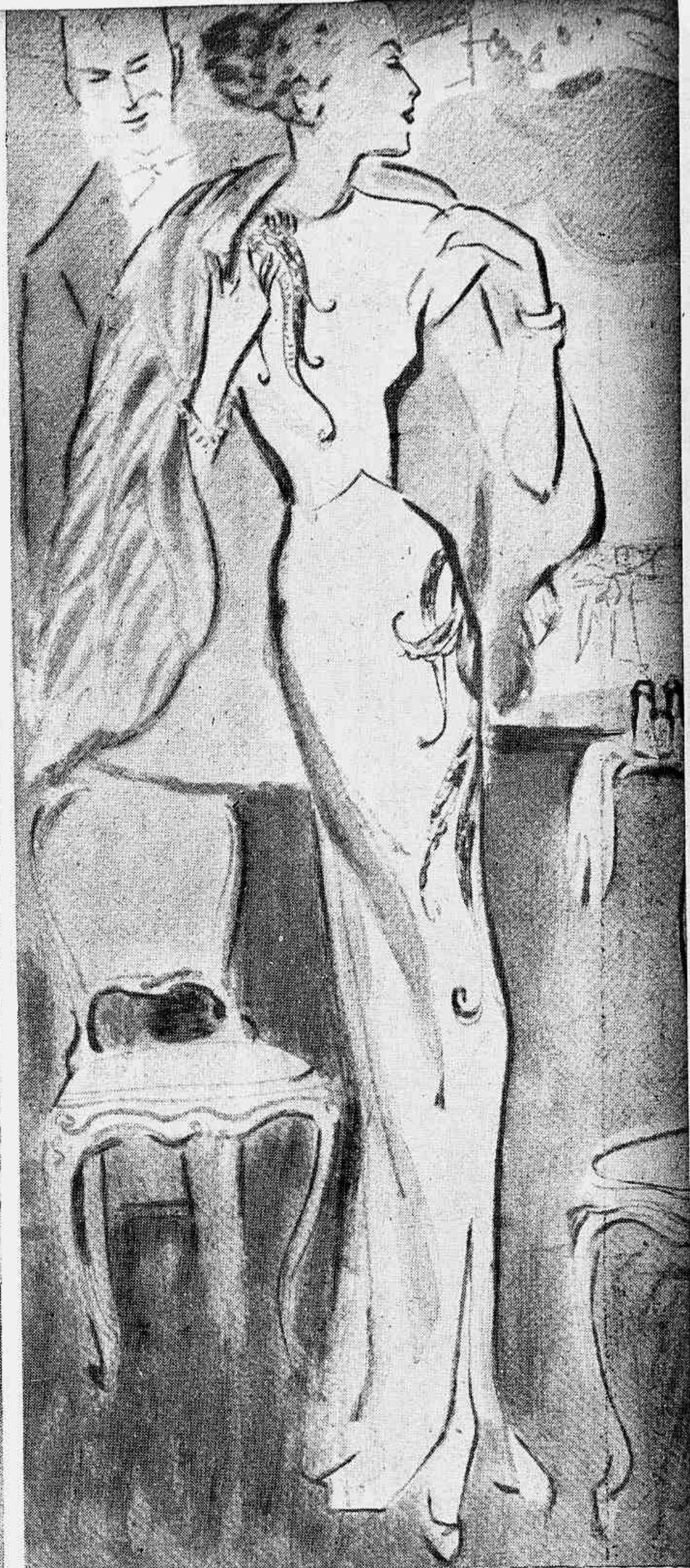
maravilhosos pela elegância de suas linhas e originalidade de seus fei-

tios, são os modelos que Paris nos sugere. Para qualquer que seja a hora e qualquer que seja o fim, são originais sugestões que nos chegam da capital da moda. Aqui, nestas duas páginas, estampamos algumas das notáveis criações de grandes e famosos nomes da costura francesa. São modelos próprios para jantares ou reuniões elegantes, e de um bom gosto indiscutível.



Jantares
ELEGANTES

Na página à esquerda: Para um jantar de grande cerimônia, Marcel Rochas criou este modelo extremamente feminino, de saia de cetim preto, muito justa, corpete justo também do mesmo tecido, coberto por capeline de **tulle**. **Basque** também de **tulle**, muito armada, com rosas de cetim aplicadas. ★ Modelo em tafetá furta-côr, com drapeado na cintura, caindo em **godet** do lado. Blusa salpicada de missangas formando pequenas flôres. Nesta página: Com uma saia estampada, azul e preto, blusão de tafetá preto, de decote redondo. Finalmente aqui está um modelo em **jersey** branco, muito justo, com bordados de inspiração oriental em ouro e vermelho. Capa curta de arminho branco, completará maravilhosamente esta **toilette**



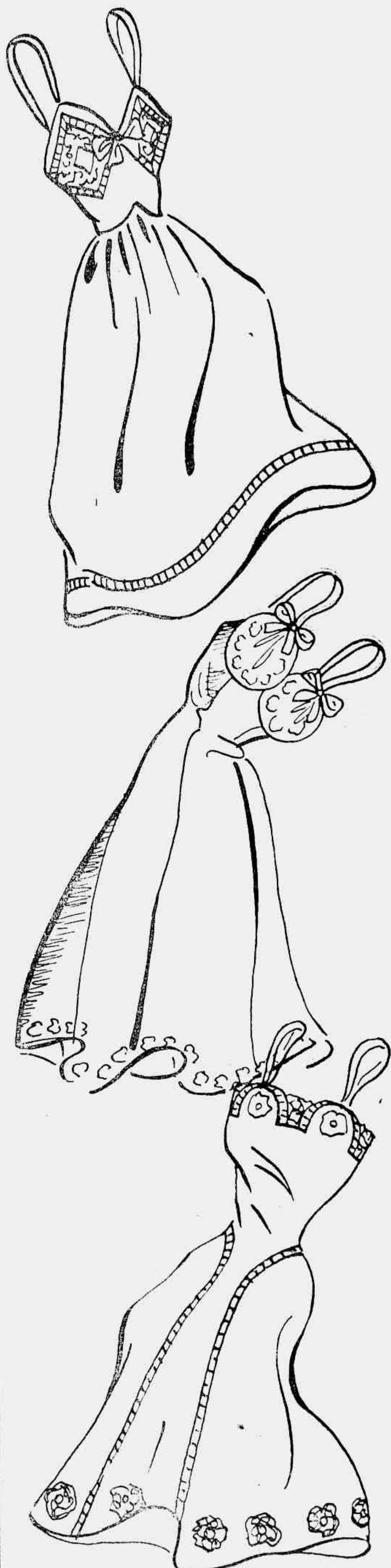
«LINGERIE»



PARA VOCÊ ANDAR DE BICICLETA



Para andar de bicicleta oferecemos às nossas leitoras alguns interessantes modelos. São, na maioria, confeccionados em algodão, com incrustações, bolsos, iniciais bordadas, etc.



Desta importante parte do vestuário feminino, apresentamos aqui alguns encantadores modelos de combinações bem femininas e bonitas, guarnecidas de rendas, fitas, "ajours", bainhas abertas etc.



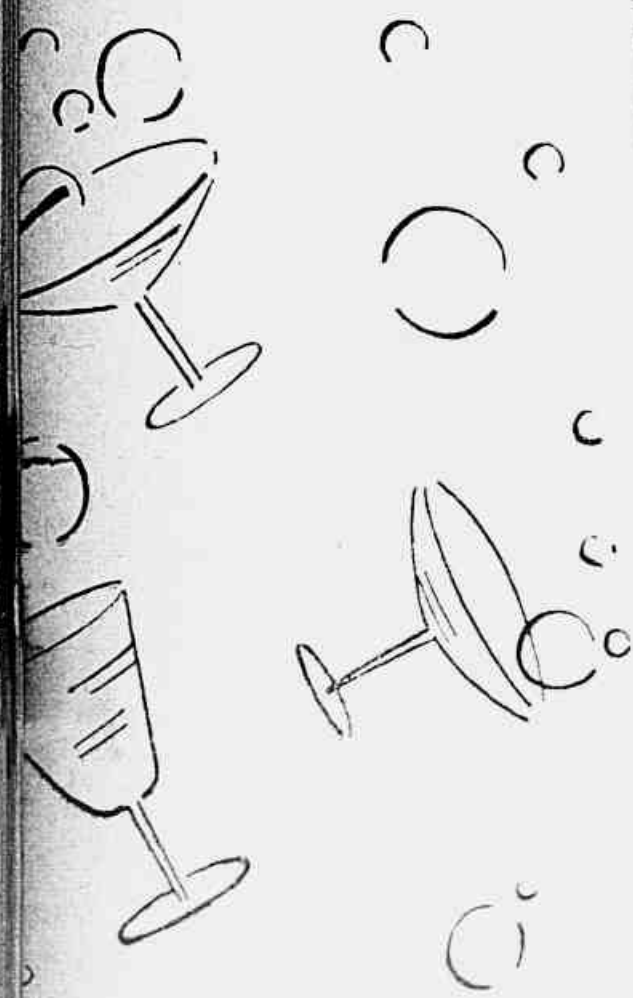
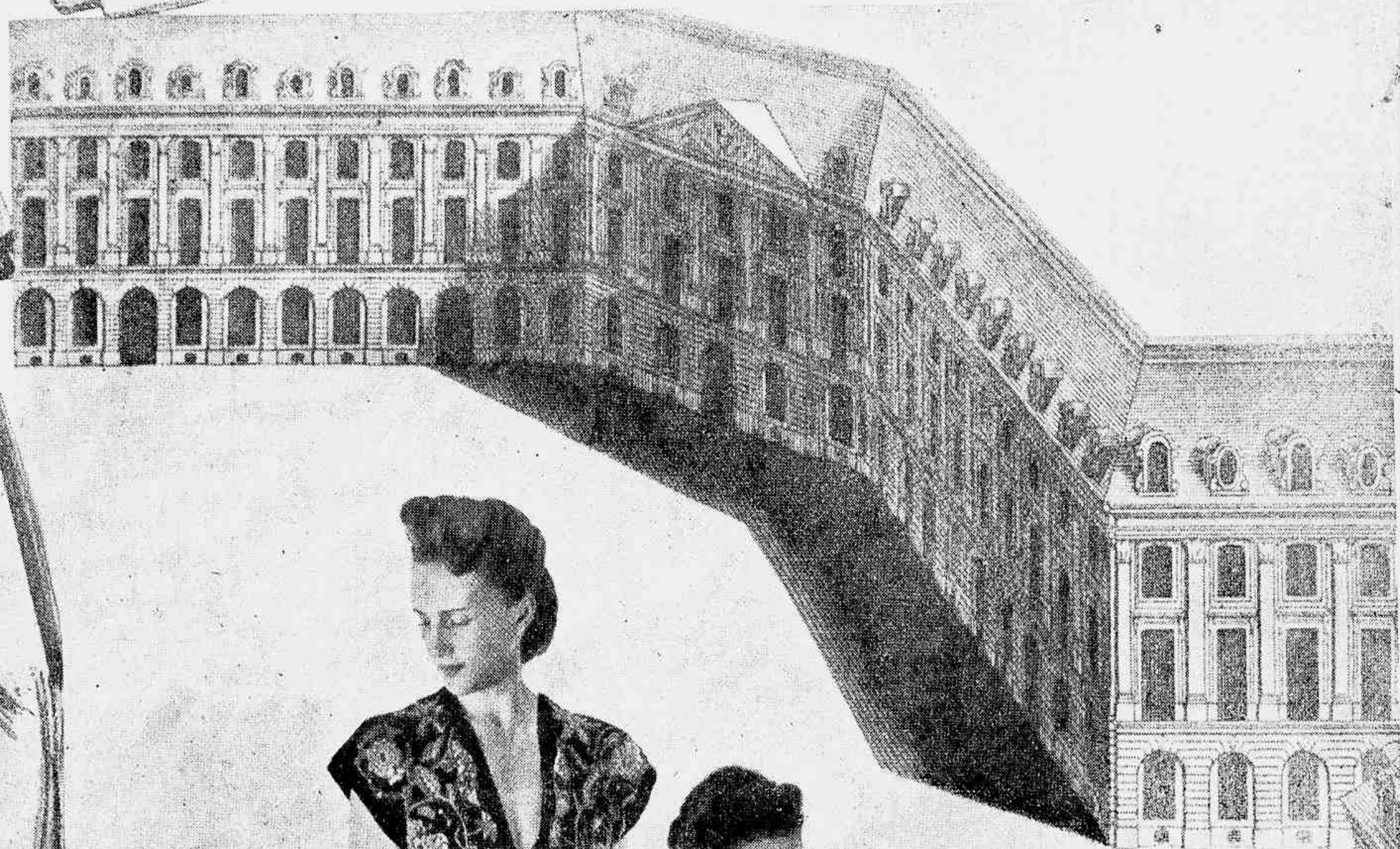
MODELOS DE HOLLYWOOD

TRÊS encantadoras figuras de Hollywood apresentam-nos aqui algumas das recentes e originais criações da meca do cinema. Ao alto, à esquerda — Com uma saia de "surah" verde e vermelha, Betsy Drake, a sensação da RKO, usa uma blusa de "jersey" vermelha. Cinto de camurça vermelha. À direita — Rosalind Russell sugere, para os dias cinzentos do verão, um "tailleur" de linho havana. Saia com pregas na frente. Chapéu de palha marron, véu bege. Em baixo — Diana Lynn, da RKO, apresenta uma criação original para ser aproveitada nas suas férias. Com uma calça de gabardine "três-quartos", uma "sweater" preta e branca, ligeiramente decotada... Reparem na sandália dourada, usada com meias. E' este o último capricho da moda feminina.



Grandes

MODELOS





CINCO maravilhosos e sugestivos modelos para as grandes noites, são estes que nestas páginas apresentamos às nossas leitoras. São magníficas sugestões que nos chegam de Paris, assinadas por nomes famosos na alta costura, nomes conhecidíssimos como os de Molineux, Lelong, Maggy Rouff. Na página ao lado, ao alto, temos: em sêda branca, cintura justa, corpo abotoado atrás, banda drapeada sobre os quadris, são os detalhes de elegância deste modelo, completado com bolero em renda branca. Na foto em baixo: dois notáveis modelos negros, o primeiro, de Molineux, é em jersey preto, saia reta longa, corpo bordado em ouro, mangas japonesas; o segundo é uma sugestão de Lucien Lelong, em tule negra, saia ampla, audacioso decote deixando as costas completamente nuas. Nesta página, à esquerda, temos, de Maggy Rouff, um lindíssimo modelo inspirado nos trajes da Grécia antiga, em finíssimo crepe de sêda branco; este modelo será de grande efeito. A direita: para ser usada com um elegante traje de sêda côr de cereja, esta "saída" em crepe negro, de originalíssimo feitio. Esta é uma linda criação de Molineux.





Ao alto — Vista do conjunto de edifícios de apartamentos baratos construídos pela Companhia "Metropolitan Life". Na página à esquerda — Edifício de apartamentos no "Parkchester" de Nova York, com o que está sendo solucionada a crise de habitações

O DRAMÁTICO PROBLEMA DA MORADIA

UM ASSUNTO UNIVERSAL ★ DUAS HIPÓTESES QUE SE DEFRONTAM: HABITAÇÕES ISOLADAS, LONGE DOS CENTROS URBANOS, OU ARRANHA-CÉUS CENTRAIS? A QUESTÃO CONTINUA ABERTA ★ UM PLANO INTERESSANTE

Texto de JOHN T. W. SMITH

★ Fotos KEYSTONE

O problema de habitações para o povo também se fez sentir nos Estados Unidos. Dizem mesmo que o de que mais precisa a nação, é de providências para resolver a crise de casas de moradia.

País organizado e onde tudo se faz através de estatística, uma dessas organizações especializadas colheu todos os dados indispensáveis à execução de um plano eficiente e preparou seu relatório, entregando ao presidente Truman, em comêços de fevereiro p.p. Por êsse documento de clareza incontestável, ficou provado que os Estados Unidos precisavam urgentemente de três milhões de casas de moderado aluguel, incluindo apartamentos, a serem construídos durante êstes dois próximos anos. Mas, tal a necessidade de casas, que, pelo menos, dois milhões e setecentas mil devem estar em construção imediatamente e prontas até o fim do ano de 1949.

Ao invés, porém, de construírem casas térreas, separadas, foi concebido o sistema de "Parkchester" iniciando-se os trabalhos com o emprêgo da verba de 60 milhões de dólares.

O plano está sendo detidamente exami-

nado pelo governo e autoridades e será aplicado por todos os grandes centros do país onde mais se fizer acentuada a crise.

Tudo o capital, porém, será de caráter privado, não dispendendo o governo um centavo. Será, evidentemente, o maior emprêgo de capital em matéria de construções de casas para moradia em toda a história do país.

Uma das experiências já foi feita com as construções para 12.272 famílias de Bronx, na cidade de Nova York, tudo financiado pela Companhia de Seguros "Metropolitan Life", como bom emprêgo de capital, embora os juros auferíveis regulem 4% sobre o custo das construções.

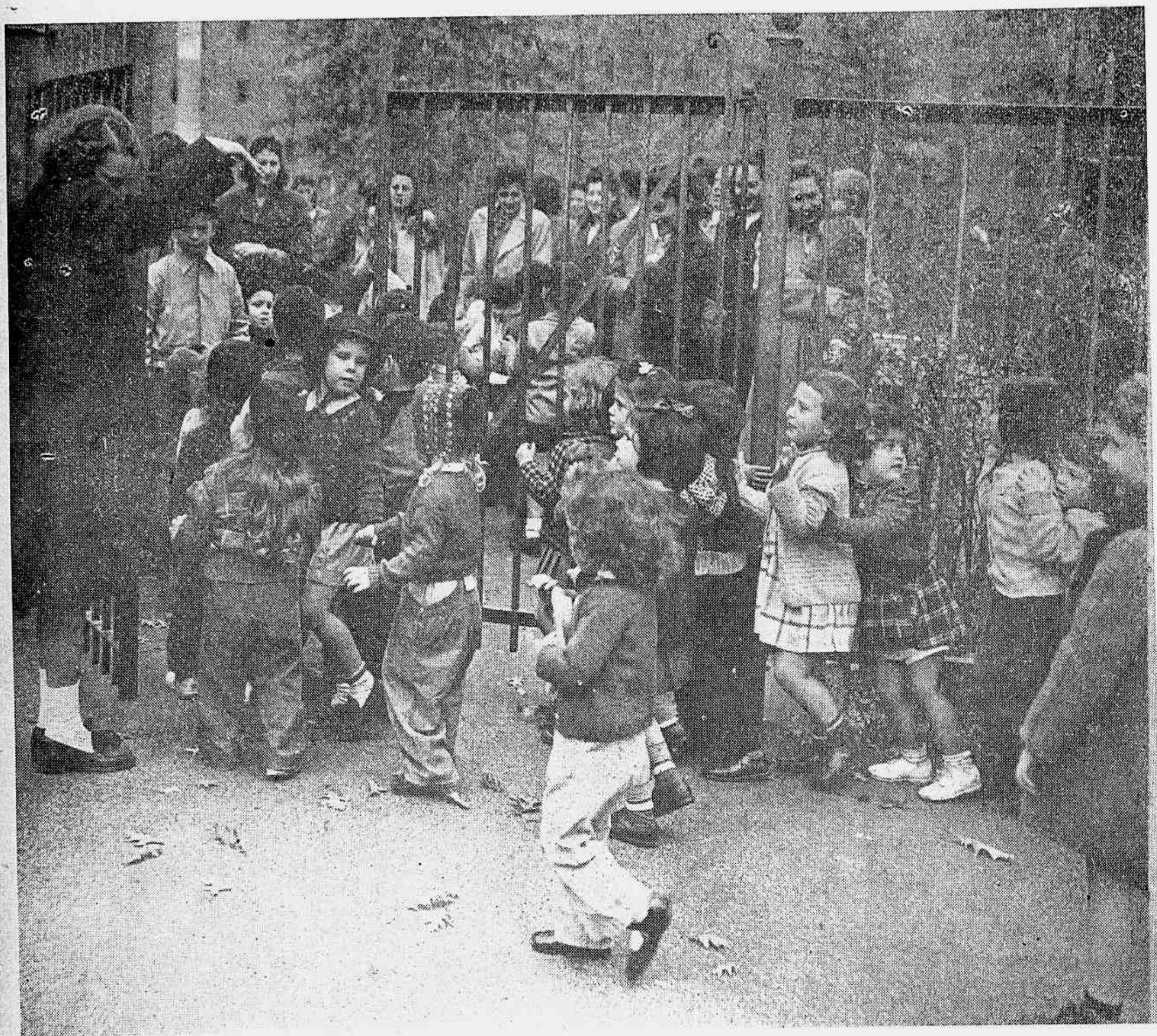
Os apartamentos nessas condições são alugados entre 32 a 71 dólares por mês, incluindo gás e eletricidade.

Aproximadamente metade da área de 130 acres foi reservada para parques e centros de recreio, bem como para vinte e dois parques infantis, incluindo-se basquetebol, voleibol etc. Os edifícios cobriram 32 acres e meio, e o restante do espaço se transformou em ruas.

Os 58 edifícios construídos no sistema



Sala de estar de um apartamento popular de duas a cinco peças e a preço entre 32 a 71 dólares por mês



Em cima — As mães residentes em "Parkchester" vêm buscar seus filhos quando acaba a folia da brincadeira. Em baixo — A mais corajosa inversão de capital privado ofereceu ao povo de Nova York uma nova cidade com todo o conforto



de "Parkchester", variam de seis a quatorze andares e nêles se acomodam nada menos de 35 mil pessoas. Nos andares térreos foram instalados muitos estabelecimentos comerciais como armazens e lojas havendo ainda garages subterrâneas para três mil automóveis, restaurantes e um cine-teatro com duas mil cadeiras. Esse conjunto de edifícios residenciais com seu comércio próprio, suas diversões e parques forma uma pequena cidade. Para termos uma idéia de sua importância, basta dizer-se que em 1944 vieram à luz do mundo nesse grupo de habitações nada menos de 1.300 crianças.

Em virtude disso o povo, que, em todos os lugares do mundo tem espírito, batizou o bairro com o nome de "Storkchester", em homenagem ao árduo serviço da cegonha...

O que a iniciativa privada sob a responsabilidade da maior Companhia de Seguros de Vida do mundo, que é a "Metropolitan Life" acaba de realizar em Nova York, onde também é crua a crise de habitações populares e para a média burguesia, deve ser imitado em todas as grandes cidades do mundo, onde tais problemas se verificam.

Mas não basta que se ergam tais bairros de aranha-céus com centenas de apartamentos; a necessidade da vida humana exige certos requisitos para que não surjam psicoses na alma dos habitantes, mo-



Em cima — Entre os povos civilizados ninguém sacrifica as crianças pela ganância do lucro. O "play-ground" é uma necessidade. Em baixo — Milhares de crianças têm onde brincar em "Parkchester", com 22 "play-grounds" à disposição

a qua
n nada
andares
abelec-
e lojas
us par-
e ur-
Esse
om seu
arques
termos
a dizer
mundo
enos de
m todes
batizcu
chester",
a cego-
respon-
e Segu-
"Metre-
m Nova
dia bur-
as gran-
proble-
s bairros
aparta-
humana
não sur-
tes, má-

xime no espírito das crianças e dos jovens.

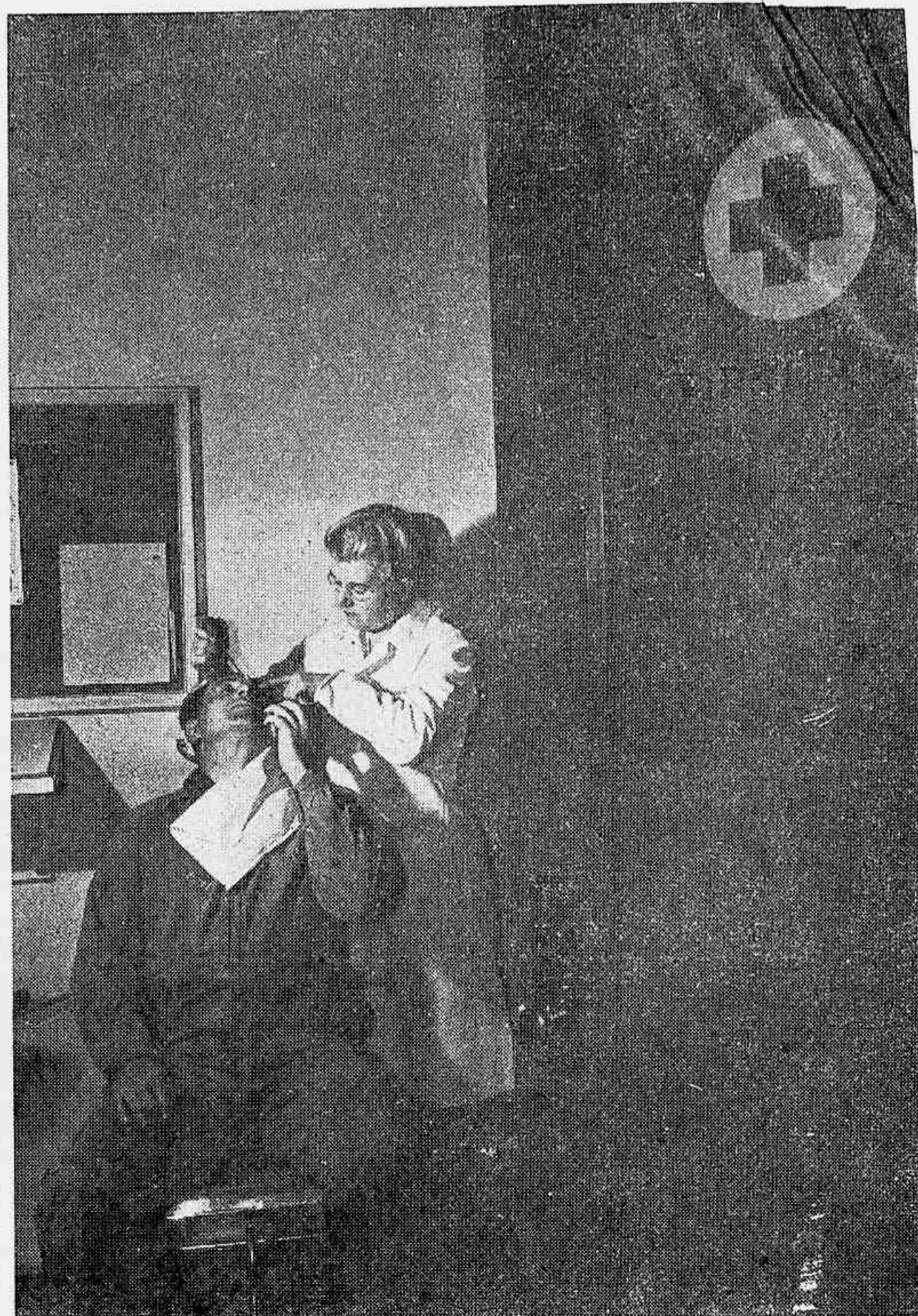
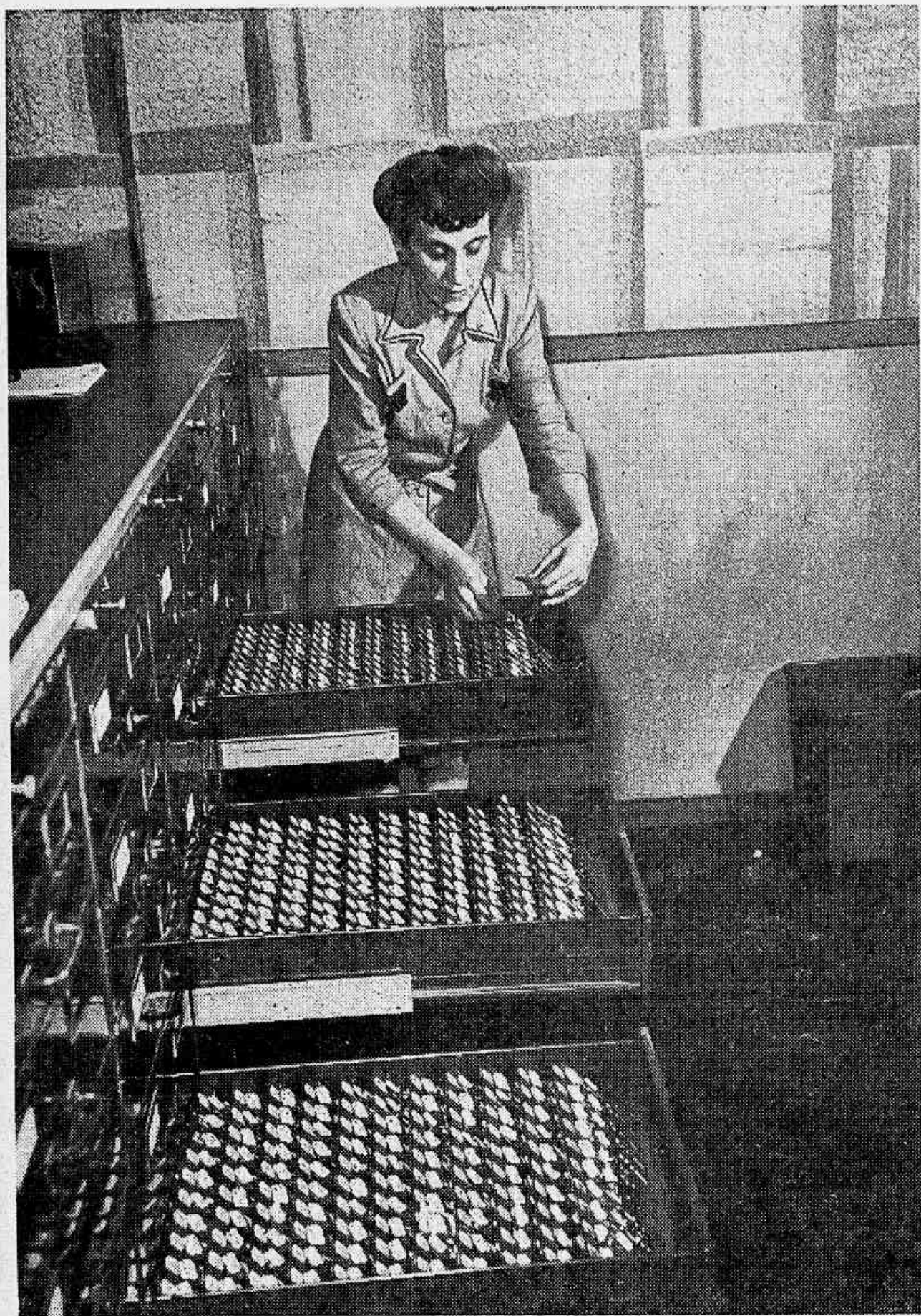
Quando se erguerem bairros dessa natureza, é imprescindível que vários "adicionais" lhes sejam acrescentados. Assim, postos de assistência médica, maternidades, pronto-socorros, "play-grounds" para as crianças, são aditivos indispensáveis à existência de tais aglomerados humanos.

Não basta que haja médicos, dentistas, farmácias como elemento particular, pagos a tanto por suas consultas ou despesas de balcão. O que é necessário, é assistência pública e gratuita, como base para socorros a pessoas que dêles precisem a qualquer hora do dia e da noite.

E' evidente que tais grupos residenciais constituem verdadeiras cidades com dezenas e dezenas de milhares de habitantes. O aspecto arquitetônico impressiona pela magnitude de suas proporções; mas isso só servirá de admiração para os visitantes ou curiosos. Para os que lá residem, vivem e trabalham, tais visões de opulências enganosas só servem de desilusões.

O homem moderno está subordinado a uma série inumerável de necessidades. Já não se pode contentar com recursos baseados exclusivamente na fé. Os filhos precisam crescer com o espírito arejado pelo prazer da vida que a sociedade lhe confere, sem recalques e crises ambientais que, mais cedo ou mais tarde, formarão no fundo d'alma centros de revolta de imprevisíveis consequências.





A esquerda — Se perder sua chave o inquilino não ficará na rua, pois o escritório central tem duplicatas de todos os apartamentos. A direita — De tudo há no bairro construído pela "Metropolitan Life Insurance", inclusive pronto socorro



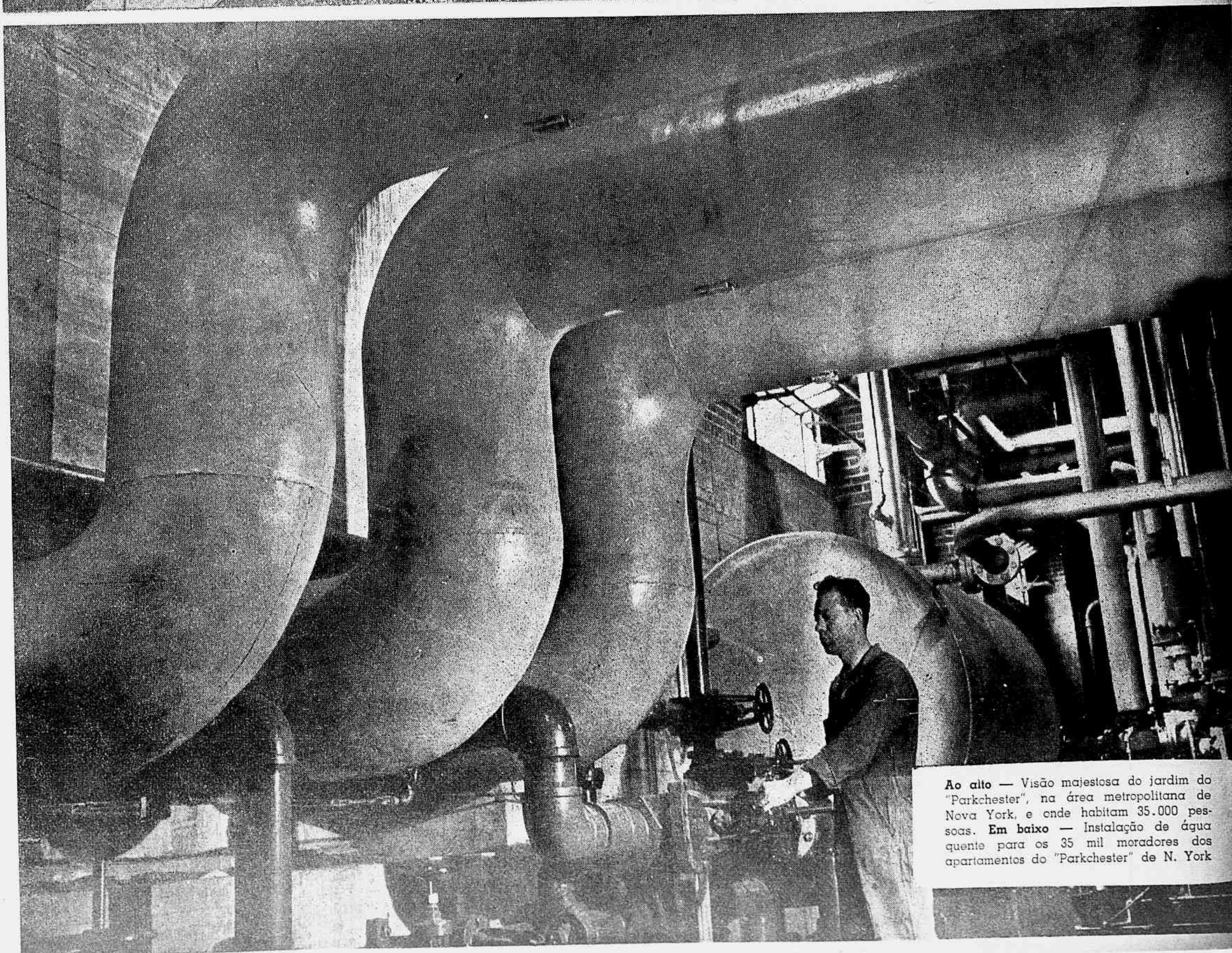
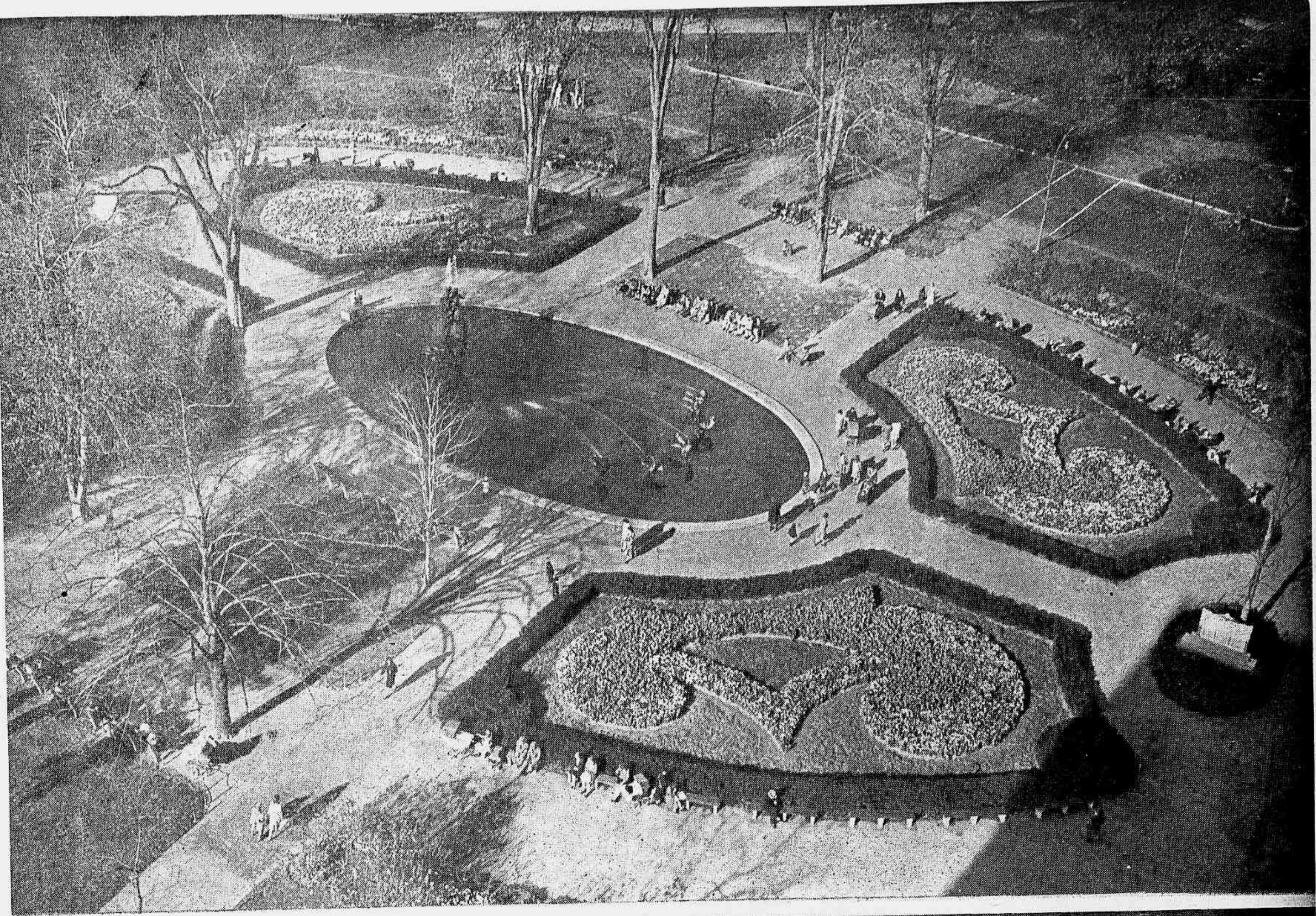
Já se conhece hoje uma moléstia juvenil a que os médicos deram o nome de "doença dos apartamentos". Por que? Pelo simples fato de as crianças viverem confinadas entre salas de uma residência sem espaços, sem contacto com a natureza, sem a beleza da vida que é o ar livre, aberto, cheio de oxigênio.

Certo escritor, falando de tristeza, teve esta comparação cruelmente verdadeira: "tinha no olhar a tristeza claustral de uma criança de apartamento". Nada mais perfeito. Um menino que se vê condenado a passar sua existência no décimo andar de um edifício de apartamento, sem sequer poder olhar pelas janelas, pelo risco que corre de precipitar-se no abismo; sem poder correr, brincar, sentir a terra sob os pés, a sombra das árvores, o frescor dos regatos, o cantar dos passarinhos, nada mais é do que um prisioneiro a cumprir pena de reclusão em tão tenra idade.

Ficam nervosas tais crianças; sem receber sol, aniquilam-se como qualquer planta sujeita à implacável lei do heliotropismo. Ao lado de tais edifícios, devem existir grandes parques arborizados com "play-grounds", escolas ao ar livre, através do que sintam as crianças a beleza tonificante de uma vida em harmonia com a natureza.

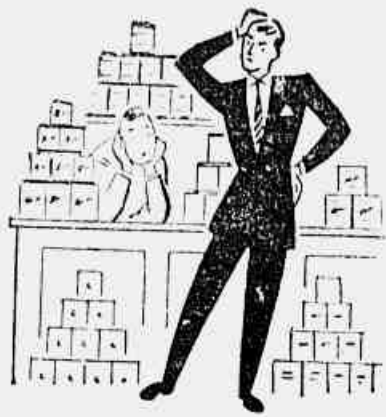
Seria também da maior utilidade que, ao invés da construções de tal espécie, edificassem os capitais privados milhares de pequenas residências nos subúrbios das grandes cidades, todas elas dispendo de grandes áreas para formação de pequenas chácaras onde os moradores pudessem cultivar hortas, criar galináceos etc. Não devem os responsáveis pela existência das famílias, aceitar projetos cuja beleza única se encerre neste binômio: grandeza arquitetônica e lucros garantidos ao capital empregado. Não! A vida humana exige maiores detalhes, e um deles é a vida da população infantil. Se formarmos uma infância nevrótica, recalcada, triste, anêmica, que poderemos esperar de sua atuação no mundo de amanhã?

Toda a água consumida no bairro é examinada no próprio laboratório do "Parkchester"



Ao alto — Visão majestosa do jardim do "Parkchester", na área metropolitana de Nova York, e onde habitam 35.000 pessoas. Em baixo — Instalação de água quente para os 35 mil moradores dos apartamentos do "Parkchester" de N. York

HA MUITAS TINTAS
PARA INTERIORES...



...MAS SÔMENTE UMA

Kem-Tone

PRODUTO DA SHERWIN-WILLIAMS

POR APENAS CR\$ 98,50
PINTA-SE UMA SALA INTEIRA

É tão fácil, tão econômico renovar e embelezar sua casa com Kem-Tone! Produto da Sherwin-Williams, Kem-Tone é o acabamento mágico que cobre com uma demão — seca em uma hora e não deixa cheiro de tinta! Qualquer um pode pintar com Kem-Tone. Um galão, diluído com água, dá 1 galão e meio de tinta — o suficiente para pintar uma sala. Pinte V. mesmo — ou chame um pintor — mas especifique Kem-Tone.



À venda nas boas casas do ramo

Um galão, Cr\$ 98,50 no Rio e em São Paulo. Não pague mais!

TINTAS E VERNIZES
SHERWIN WILLIAMS
DO BRASIL

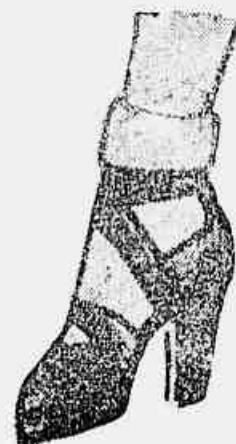
SÃO PAULO: RUA DOM JOSÉ DE BARROS, 264 - 6.º ANDAR
RIO DE JANEIRO: RUA ANDRÉ CAVALCANTE, 23
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

Pequenos atentados contra a elegância

A Falta de gosto, a falta de conhecimento de uns tantos detalhes, a impropriedade de outros tantos, são os piores "assassinos" da elegância feminina. Entre os mais comuns "atentados", podemos apontar os seguintes:



Dois laçinhos nos cabelos quando já se tem quarenta anos



Soquetes usadas com sapatos de saltos altos



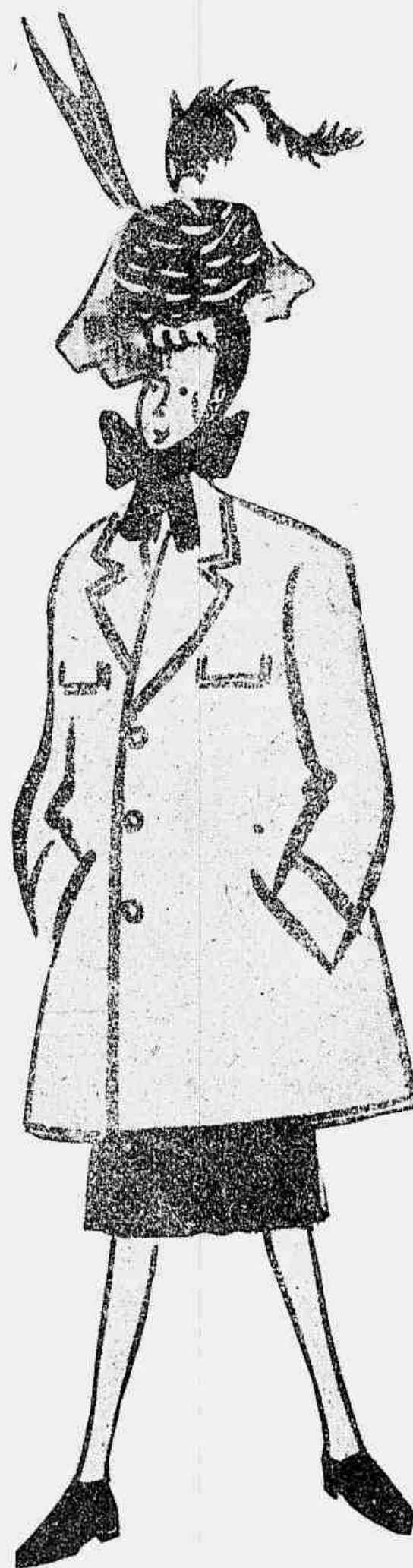
Pulseiras grossas e exageradas muito vulgares.



Pingentes imensos para garotas de menos de vinte anos



Colares, pulseiras e joias caras usadas com uma "sweater" esportiva



Chapéu com véu e pluma, com um conjunto esportiva



Luvas de malha, esportivas, com traje mais "habillé"



PARA TÔDAS AS *horas*

No inverno ou no verão, devem existir, no guarda-roupa da mulher elegante, modelos que se prestem para qualquer hora do dia e para qualquer ocasião. Do vestido mais simples ao mais requintado, eles deverão, no entanto, revelar o bom-gosto de sua possuidora. Aqui, nesta página, sugerimos algumas criações cem por cento parisienses que deverão agradar ao bom-gosto das nossas leitoras.





NOITES DE VERÃO



PARA as noites quentes, nada mais delicioso do que uma camisola leve e agradável. Ela poderá ser feita em cambraia, "mousseline" ou crepe "lingerie". Janine apresenta uma camisola em "mousseline" rosa com rendas ocre. Madame Alexandre criou esta outra em "lingerie" branca com incrustações de renda e franzidos na cintura. Lespinasse idealizou esta camisola em cambraia rosa com nervuras e babado franzido.

MÃES E FILHOS

ANAMARIA CÉLIA



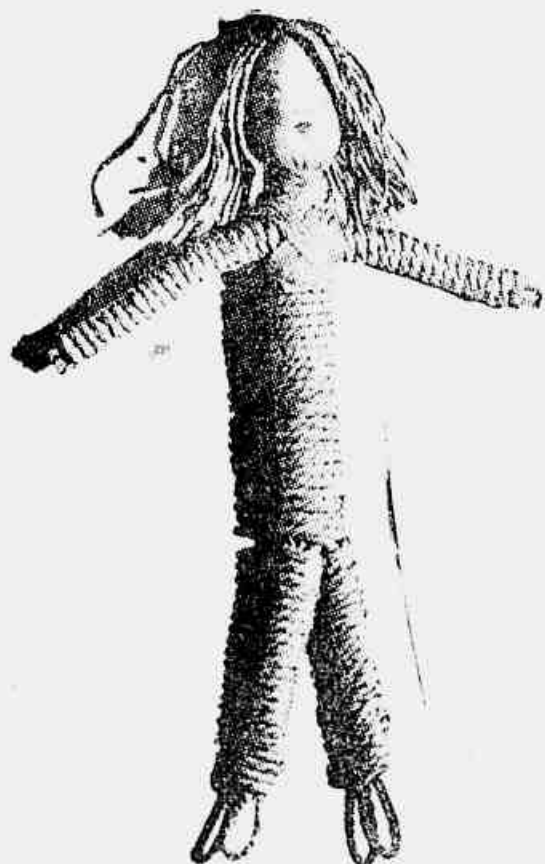
Jane Greer, da RKO Rádio, exhibe, orgulhosamente, o seu filhinho

A FELICIDADE DO SEU FILHO ESTÁ EM SUAS MÃOS!

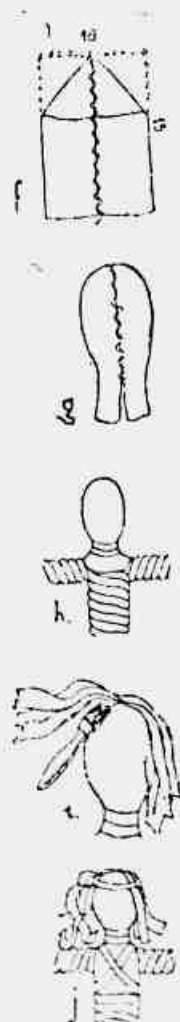
NÃO nos cansamos em dizer o quanto é grande a responsabilidade dos pais com relação aos seus filhos, pois deles depende, quase que exclusivamente, a formação de um indivíduo que poderá vir a ser feliz ou desgraçado. O conhecimento dessa responsabilidade é dever de todos os pais, não dependendo ela de condições sociais ou financeiras, o que, por conseguinte, a coloca ao alcance de qualquer pessoa. Pode até acontecer que um indivíduo criado num ambiente de luxo e conforto não venha a ser

feliz, enquanto que um outro criado num ambiente modesto o possa ser. Tudo depende da atitude dos pais, como já dissemos. Vestir bem uma criança, dar-lhe brinquedos caros e proporcionar-lhe um ambiente de imponência, poderá dar satisfação à criança, porém não bastará para fazê-la feliz. A criança precisa, acima de tudo, de amor e de compreensão. Precisa sentir que é amada e amparada, que tem nos pais verdadeiros amigos a quem pode recorrer nos momentos em que necessite de orientação e proteção. Entre outras coisas também necessárias à criança, a fim de que ela venha a ser feliz, estão o amor e o respeito entre os próprios pais. Se isto não existe, os pais inteligentes poderiam pelo menos ocultar essa falta diante dos filhos, a fim de que, com os maus exemplos, lhes tirem o estímulo pela vida e o desejo de ser feliz. Um filho que vê constantemente o pai maltratar a mãe, ou se revoltará contra o pai ou tomará o seu partido, passando a ver em todas as mulheres uma nova vítima que não deverá ser poupada. Ao crescer, dificilmente se tornará um bom colega e, mais tarde, um bom marido. Tratando-se de uma filha, o seu ódio se voltará contra os homens e esse ressentimento a acompanhará durante toda a vida, impedindo que venha a ser feliz. A má atitude de um ou de outro é sempre prejudicial à criança, contribuindo para a formação de complexos que raramente a deixarão na maturidade. Cabe aos pais agir com tato e delicadeza, pelo menos perante os filhos, quando a sua união não lhes possa servir de exemplo. A felicidade do homem de amanhã depende da sua infância, da sua vida no lar e da compreensão que os pais possam ter desse problema.

CORPO



CABEÇA



E' muito fácil fazer para a sua filhinha esta boneca de fibra. As ilustrações são claras, execute-a e verá como fica interessante

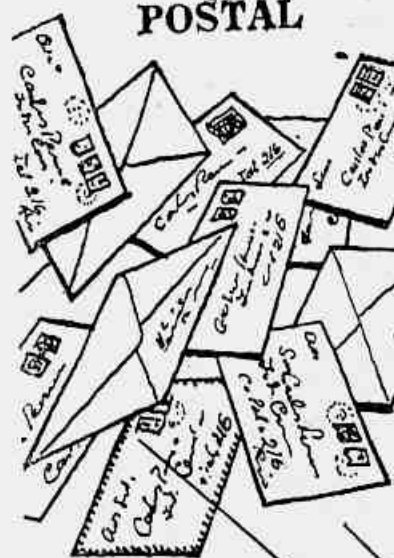
Sabão PLATINO

GANHA FAMA
EM TODO O
BRASIL



porque as donas de casa, no país inteiro, afirmam haverem encontrado no Sabão PLATINO qualidades excepcionais, algo diferente que supera tudo quanto se possa desejar e exigir de um maravilhoso sabão.

AGORA TAMBÉM
PELO
REEMBOLSO
POSTAL

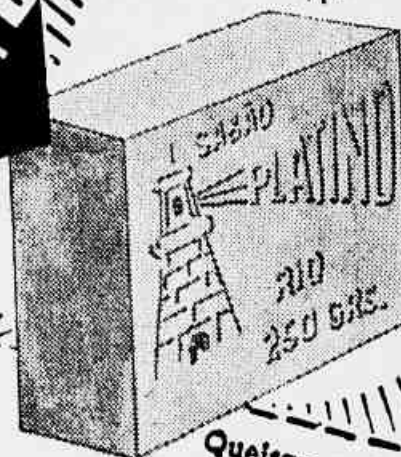


As roupas mais limpas e cheirosas; maior eficiência e rendimento nas lavagens a par da pureza absoluta que lhes emprestam os óleos vegetais de que é fabricado. É um sabão que não resseca e conserva-se perfeito até o fim. E note: uma caixa com 16 pedaços dura todo o mês, custando apenas Cr\$ 40,00, sobrando sempre para o mês seguinte.

SOMENTE PARA O INTERIOR, Sabão PLATINO está distribuindo rádios, ferros elétricos, geladeiras, enceradeiras, baterias de alumínio marca Chaleira, etc. Use Sabão PLATINO e ganhe prêmios, mas é preciso não esquecer que tudo o que é bom e se torna famoso passa a ser imitado.

Por isso, ao comprar Sabão PLATINO,

EXIJA-O SEMPRE
MARCADO ASSIM



DO CONTRÁRIO
NÃO É LEGÍTIMO

COUPON DE PEDIDOS

NOME:

RUA:

CIDADE OU LOCAL:

ESTADO:

Queiram enviar-me

SABÃO PLATINO

N.º

Recorte e remeta este coupon diretamente para
CARLOS PEREIRA, INDÚSTRIAS QUÍMICAS S/A
Caixa Postal 216 — Rio de Janeiro

SEM MAIS
DESPESAS



VESTIDOS

Pretos



OM um vestido preto, você estará bem vestida em qualquer lugar. O preto é sempre o preto, e nada lhe tira a distinção e a elegância. Aqui, Christian Dior apresenta um modelo encantador, em seda preta, de decote muito original, descobrindo um ombro. Paquin, por sua vez, apresenta um modelo em cetim, de decote muito acentuado, guarnecido de um babado de organdi branco. Grés sugere este outro modelo, de gola muito ampla e talhe "princesa". De Balenciaga é este modelo em tafetá todo drapeado e de decote em feitiço muito original. Hollywood também contribui com a sua quota, apresentando dois modelos — um em seda preta, exibido por Marcia Van Dyke, da R.K.O.; outro, para passeio, em tafetá "moiré", muito interessante e próprio para passeio.



Sugestões

DE HOLLYWOOD



H

OLLYWOOD, apesar da grande concorrência de centros criadores da moda — como Paris e Nova York, que pro-

curam manter o cetro da elegância feminina — continua enviando-nos os seus modelos elegantes e sugestivos. Como vemos nestas páginas, a originalidade e a elegância das linhas imperam em todos eles. São modelos variados e para as mais diversas horas do dia: esporte, passeio, campo, praia e noite. Simples e de fácil execução, aqui estão para a sua escolha



1 Na página à esquerda, em cima — Arlene Dahl, da Metro-Goldwyn-Mayer. Modelo em linho e tecido escocês. Gravata do mesmo tecido da saia



2 Na página à esquerda, em baixo — Elizabeth Taylor, da Metro-Goldwyn-Mayer. Modelo duas-peças: blusa em fina lã creme; "slack" três-quartos em "cordonet"; cinto largo



3 Nesta página, à esquerda — Arlene Dahl, da Metro-Goldwyn-Mayer. Modelo em linho cinza; notar o original feitiço dos bolsos. Largo cinto em fazenda escura



4 Nesta página, à direita — Arlene Dahl, da Metro-Goldwyn-Mayer. Modelo em tafetá liso azul marinho. Decote amplo; mangas com original acabamento



5 Finalmente, em baixo — Donna Reed, da Metro-Goldwyn-Mayer. Lindo modelo esportivo. Blusa em linho azul claro; saia ampla em fina lã com grandes quadrados



A PROMESSA

CONTO DE FELIX LIMA JUNIOR

Recordo-me perfeitamente. Éramos quatro conversando em torno a uma das mesas do Café Chile, no Recife. O garçon, «seu» Oliveira, trouxera outra rodada de whiskey e abrira mais uns côcos verdes. Fins de janeiro de 1927. Eu chegara há pouco à Veneza Pernambucana, vindo das Alagoas, tendo suportado, durante 14 horas, o desconforto, a poeira, os dismantelos do vagão da Great Western, ansioso de exercer as tão desejadas funções de 4.º escriturário a título precário e em comissão do Banco do Brasil, para as quais fôra nomeado depois de um concurso rigoroso, realizado naquela capital, em 21 de novembro de 1926. E ali estávamos reunidos: — eu, o mais moço de todos e o mais atento a ouvir as histórias dos três companheiros, que eram: Edilberto Nóbrega, quarto anista de direito, rapagão alegre, simpático, disposto, sempre às voltas com a polícia do sr. Ramos de Freitas, pelas extravagâncias cometidas e pelas desordens em que se envolvia, principalmente com embarcadouros, lá nas ruas de Bom Jesus e da Guia; Mariano Peixoto, muito elegante, embora já um pouco velhote, sempre a exibir as gravatas mais caras e mais modernas e trajando como se ainda estivesse residindo em Londres e o seu alfaiate fosse um dos melhores da capital inglesa; era agricultor e proprietário em Jaboatão, depois de ter lutado, sempre sem sorte, para fazer fortuna nas diamanteiras da Baía; e Aloisio Castelo, 1.º Tenente Contador do Exército, servindo no 21.º Batalhão de Caçadores, tendo residido no extremo sul e em Mato Grosso, que ele descrevia como o Estado do Brasil de futuro mais promissor.

Contávamos uns aos outros, com essa vontade de desabafar que parece inata a todo homem de existência, agitada, nossas vidas cheias de peripécias interessantes, lembrando tempos idos, fatos passados. Eu narrei minha longa odisséia pelo interior da Amazônia, quando, apenas com vinte anos de idade, já trabalhava como encarregado do barracão de um seringal, nas margens do Mapuá, tomando quinino e bebendo aguardente diariamente para poder resistir à solidão, ao desconforto, e lutando, semi-abandonado, com o beri-beri galopante, com os índios, com os regatões, com os seringueiros, com as febres, com o clima, com o impudismo, com o diabo... E só me safara daquele pedaço desgraçado do Inferno Verde desanimado, envelhecido precocemente, com o sangue arruinado, sem um níquel, depois de terríveis sofrimentos que só poderiam ser narrados por um escritor como Edgar Allan Poe ou constituir talvez um dos círculos tenebrosos do Inferno de Dante.

O Nóbrega contou, depois, recostado na cadeira e tirando fumaça do seu cigarro ordinário de palha de milho como, ajudado por alguns vaqueiros corajosos, conseguira acabar a tiros de rifle, na fazenda de seus pais, em Águas Belas, no interior de Pernambuco, numerosa quadrilha de ladrão de cavalo, atrevidos e protegidos pelo chefe político local, inimigo de sua família e da qual só escapara um bandoleiro, depois de uma luta que durara uma semana e onde imperara a Winchester de 18 tiros pois os outros ladrões ficaram enterrados à beira dos caminhos, em sepulturas abandonadas, sem a esmola piedosa de uma cruz ou de um

epitáfio. E, levantando a manga do palitô para mostrar, no braço esquerdo, sinais do chumbo das espingardas dos bandoleiros, lembrou, com saudade, o inverno na fazenda, «quando o sertão se não troca pelo céu», em pleno São João, o milho amadurece e as coalhadas alvas como neve, as umbusadas deliciosas, as pamonhas, a cangica, o milho cozido transformam as frugais refeições do sertanejo, mesmo o mais pobre e mais humilde, num banquete digno de Pantagruel.

Chegara a vez do Peixoto. E ele nos contou as lutas terríveis e o trabalho insano dos diamanteiros do Andaraí, às margens semi-desertas do Paraguassú, no sertão da Bahia, gente forte, rude e aventureira, sem Deus e sem fé, trabalhando semi-nua, sob um sol de fogo, com as pernas dentro d'água quente do rio, ganhando apenas o que comer, gente que, às vezes, enriquece de repente, a um ponta-pé da sorte que lhe põe nas mãos uma pedra maravilhosa de 20 ou 22 quilates, obtendo assim uma fortuna que outros nunca alcançam por terem sido abatidos a tiro ou à faca, por uma questão de mulheres, de jogo ou de dinheiro, ou só alcançam — quando alcançam! — depois de longos anos de trabalhos pesados ao sol, à chuva, ao vento, à tempestade, quando já estão alquebrados, próximos à velhice, não podendo mais gosar a vida nos grandes centros civilizados.

Surgia a oportunidade do Castelo narrar um caso qualquer de sua vida, mas ele permanecia calado. E quando lhe pedimos que contribuísse com a sua parte ele riu, um riso forçado, e disse-nos, com má vontade: — Nada tenho de interessante para contar a vocês.

O Nóbrega, levantando-se, abriu os braços num gesto teatral e replicou logo, com maneiras adoidadas: — Você precisa dizer qualquer coisa, narrar um fato qualquer. Eu, você, os demais tem um caso qualquer na vida. Conte o seu!

— Só se eu narrar a promessa que fiz em certa ocasião...

— Promessa? E a que santo? — indagou o Peixoto.

— Não foi a santo, não! A promessa que eu fiz foi... ao diabo!

Ao diabo?... Uma promessa ao diabo?... — indagámos todos, espantados, surpreendidos.

— Sim, ao diabo — confirmou o Castelo, com um riso contrafeito.

E bebendo mais um gole de whiskey começou a narrar:

— Certo dia, em S. Paulo, onde servia então, como Contador do 4.º Batalhão de Caçadores, aquartelado naquela capital, fui à Delegacia Fiscal e recebi, para pagamento de despesas diversas com a soldadesca, quarenta e oito contos de réis, que contei e pus no bolso da calça, voltando imediatamente ao quartel. Ao chegar ao pátio deparei com uma cena interessante: estavam vários oficiais e sargentos tentando montar um dos burros da Companhia de metralhadoras, recém-adquirido pelo Batalhão, animal terrível que dava coices a valer e derrubar a todos os que tinham tentado montá-lo, inclusive dois sargentos baianos, rapazes fortes, dispostos, bons cavaleiros, acostumados a correr atrás de novilhas e garrotes bravos e a derrubá-los, prendendo-os pela cauda, em Feira de Sant'Ana e Mundo Novo.

Eu sempre me gabei de montar

(Continuação da página 46)

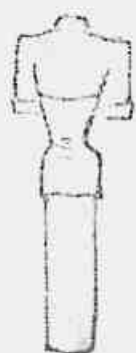
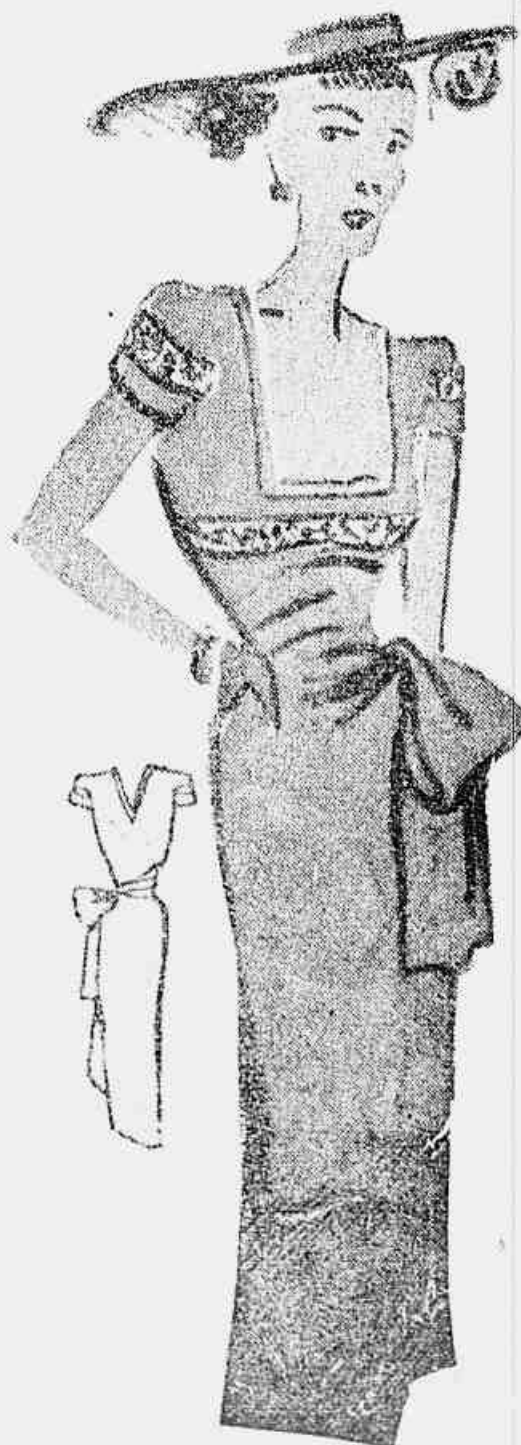
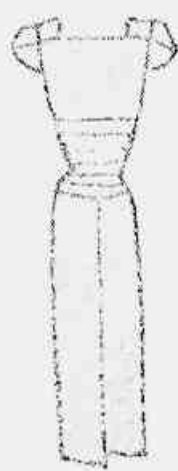
Selec. pela "REVISTA DA SEMANA"
Ilustração de SIBILLA



LINHAS RETAS



ALGUNS costureiros franceses abandonaram as saias fartas para retornar à linha reta. Os modelos aqui apresentados mostram uma das novas tendências da moda.



week-end NA COZINHA



CULINÁRIA

Os ovos fritos devem ser feitos em fogo lento, a fim de que a clara se cozinhe uniformemente.

★ Para preparar um creme de Chantilly perfeito, adiciona-se ao creme de leite uma colher, das de sopa, de água e bate-se muito bem.

★ Para evitar que a maionese se "corte", deve-se juntar o azeite aos poucos, misturando rapidamente e sem parar.



COSTELETAS ASSADAS

Ingredientes — 3 quilos de costeletas, 250 grs. de manteiga, sal e salsa.

Preparação — Tratam-se as costeletas, passam-lhes sal e manteiga põem-se numa frigideira, levam-se ao fogo brando, cobrem-se com uma tampa, põe-se brasas por cima e deixam-se as costeletas cozinhar, sem água e sem molho, durante duas horas. Findo esse tempo, retiram-se e servem-se com o suco das mesmas e salsa frita na manteiga disposta sobre as costeletas.

SALADA DE PALMITO

Ingredientes — Palmitos, ovos, azeite, vinagre, limão, sal.

Preparação — Tiram-se as cascas grossas do palmito e parte-se o centro em pequenos pedaços que se vão pondo em água com limão. À parte, leva-se ao fogo uma caçarola com água e sal e logo que comece a ferver põem-se dentro os pedaços de palmito e deixam-se que cozinhe até ficarem tenros. Em seguida, escorrem-se e deixam-se esfriar. Cozinham-se os ovos até ficarem duros e, depois de frios, descascam-se separando-se as claras das gemas. Em seguida, desmancham-se estas em azeite e faz-se um molho, juntando-se-lhes um pouco de vinagre e uma pitada de sal. Dispõem-se os pedaços de palmito numa saladeira e regam-se com o



molho que se preparou. Picam-se as claras muito bem, ou passam-se num ralo e espalham-se sobre a salada na ocasião de servir.

VAGENS "SAUTÉE"

Ingredientes — 50 grs. de vagens, 100 grs. de manteiga, 1 colher das de chá, de caldo de limão, 1 colher de salsa picadinha, sal.

Preparação — Cortam-se as extremidades das vagens, desfiam-se e levam-se a cozinhar em água a ferver com sal. Em seguida escorrem-se e fritam-se na manteiga bem quente. Junta-se-lhes uma pitada de sal, o limão e a salsa. Mistura-se tudo muito bem e serve-se.

BALAS DE ABACAXI

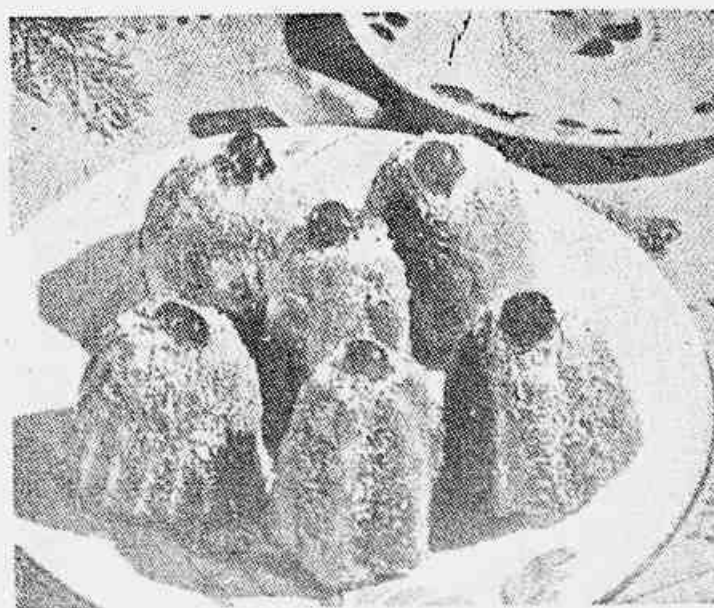
Ingredientes — 1 abacaxi maduro, açúcar.

Preparação — Descasca-se o abacaxi, ralase em seguida, juntam-se-lhe tantas chicaras de açúcar quantas chicaras da polpa com o caldo se obtiver. Mistura-se tudo muito bem e depois leva-se ao fogo mexendo-se até aparecer o fundo da caçarola. Retira-se então, despeja-se numa pedra mármore e quando começar a esfriar fazem-se com as mãos bolinhas do tamanho de uma avelã. Embrulham-se em papel impermeável.

CREME DE LARANJAS

Ingredientes — 500 grs. de açúcar, 100 grs. de farinha de trigo, 1 litro de leite, 12 gemas, raspa de duas laranjas.

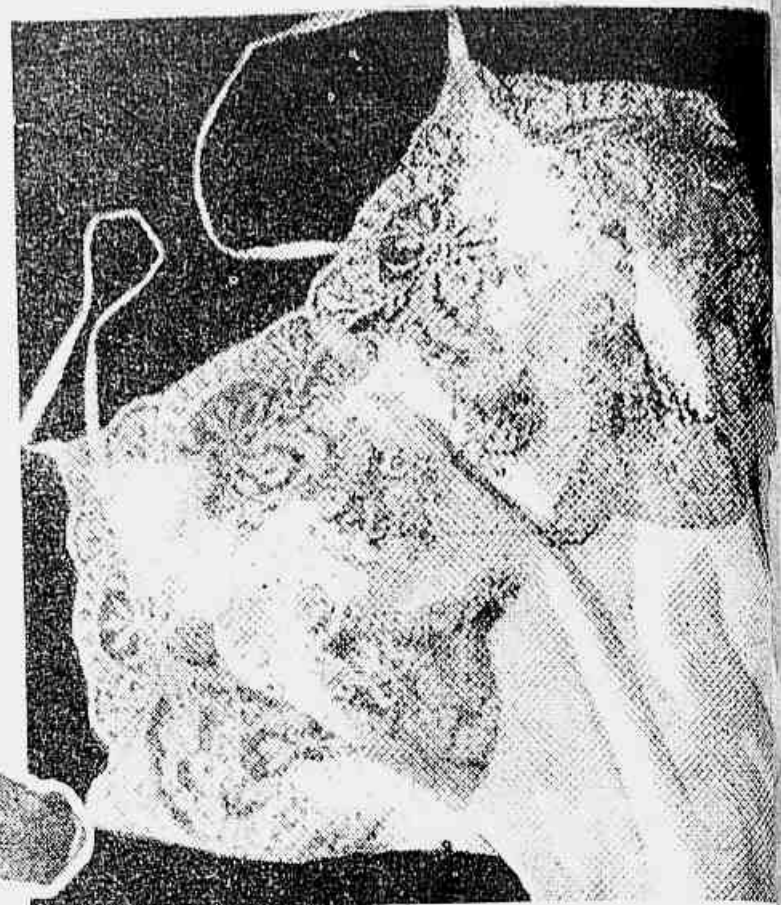
Preparação — Põe-se o leite numa caçarola e leva-se ao fogo. Quando começar a ferver, junta-se-lhe o café, tampa-se a caçarola, retira-se do fogo e depois de dez minutos, coa-se a infusão.



DETALHES E NOVIDADES



Chapéu em palha preta brilhante, aba branca, em feltro de veludo, véu com "pois"



Incrustações de rendas e "pois", numa combinação de seda salmon



Elegante sandália dourada com incrustações de pedras, para noites de festa



Cubos pretos com letras douradas formando nomes, é a última novidade em pulseiras



"Maillot" em "tricot" com cinto de couro, última novidade para a praia



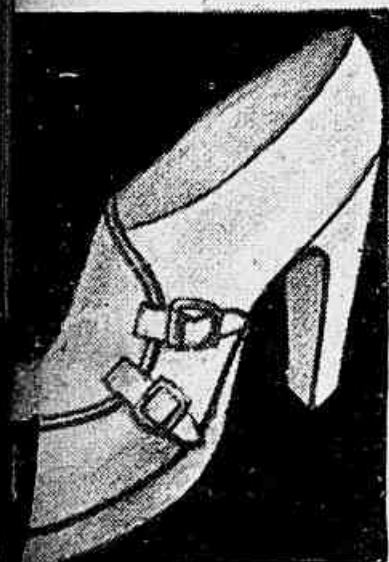
Sapato branco, todo fechado, prendendo dos lados com duas fivelas



Para cabelos curtos, este elegante penteado, próprio para as noites de verão



Blusa de linho branco com bordados abertos

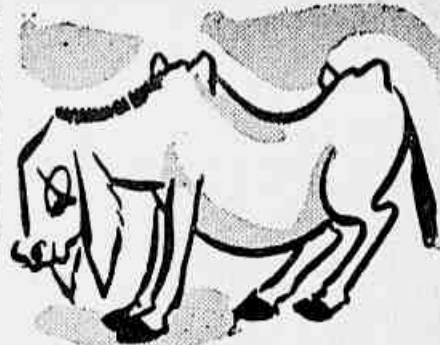




MUNDO MANIA É A MULA MURTA

Bonecos de RAFAEL

Página Popular de Agitações Atônitas — Arte — Manha — Diversões



CONSELHOS de um pai incognito

ANTES de tudo, quero fazer minha apresentação. Descendo de família nobre. Meu bisavô era barão. Feudal, mas barão. Minha bisavó pelo lado de lá, isto é, pelo materno, era lavadeira por esporte, mas também nobre: chamava-se Joana Fidalga. Cresci no mais luxuoso ambiente, e ao nascer tive um tio-padrinho da mais elevada roda. Chamava-se João Montanha e foi exposto na Roda das Irmãs Samaritanas na cidade alta. Entretanto não houve nenhum demérito nessa origem clandestina do meu tio, pois, ao ficar homem, provou-se que ele era filho de um Príncipe Encantado. Orgulho-me do princípio educativo com que fui beneficiado desde minha primeira infância. Aprendi a jogar pião, castanha e pedras no telhado da casa do vizinho, pelo fato de não haver telhas de vidro no nosso. Era tudo de zinco. Mas não pensem fôsse isso sinal de pobreza. Era prova de originalidade. Meu pai foi um homem pobre; mas honrado, nunca. (Aqui parece que houve confusão de linguagem) — Era um tipão, alto, robusto, muito próprio para o seringa. Possuía uma força de Hércules, capaz de levantar três sacos de açúcar no cais da Lingueta, no Recife, o que



sempre fez, até pouco antes de morrer gloriosamente numa festa de aniversário aqui na Piedade: tomou "Glória" de mais, uma marca de cachaça muito em voga no século passado. Deixou um nome limpo que eu herdei com muita honra. Nome e haveres, tudo muito limpo. Tenho em minha casa de campo grande, suas armas, seu escudo, seus braços, sua armadura. Está um tanto amassada porque, tendo oferecido a de bronze à guerra do Paraguai, mandou fazer uma outra de lata, o que lhe valeu uma condecoração do Prefeito de Flandres. Por ora chega. Não quero que digam não-ser eu bastante modesto e venha a provocar invejas no leitor. Agora, meus primeiros conselhos:



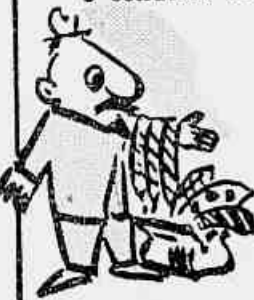
Quando uma senhora de fina estirpe espirrar junto de vocês, filhos meus, nunca digam: "saúde", "dominus" e outras vulgaridades. Façam-lhe uma reverência com inclinação de cabeça e sugiram discretamente: "tome mais um chopp".



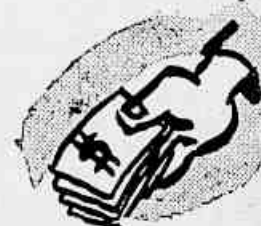
A vida está difícil, não há dúvida, e se vocês, filhinhos, não tiverem um centavo no bolso e precisarem ir almoçar em Cascadura, o caminho a seguir é não fazer favor nenhum ao condutor. Se ele insistir, digam, repitam com fé. A fé remove montanhas, e também o condutor da Light.



Nunca fujam do Moisés da prestação nem o defendam com o indigno nome de "cadáver". Mostrem cara alegre, feliz, e digam sempre que ele traga mais coisas para vocês comprarem: relógios, rádios, ternos, canetas, uma pistola, um revólver. Nunca mais aparecerá.



Habituem-se a comprar sempre a dinheiro. Se não houver, tomem emprestado. Se não houver quem empreste, aí o jeito é mesmo entrar no fiado, mesmo para não pagar.



Nunca falem por parábolas ou metáforas. Vão direto ao assunto. Quando quiserem, pois, dar um susto num amigo, não digam vagamente: "segundo todas as probabilidades, conforme os cálculos dos técnicos dedicados à ciência etiológica e propedêutica, hoje vai desabar um ciclone". Nada disso! É ir direto ao fato: "fulano, passa dez". — Do pai incognito, CONDE DE SALAMALEQUES.



Cinematografia Mexerico de

Semanalmente publicaremos nesta página, mesmo que chova, uma lista de filmes, em cartaz ou já passados, que tenham relação com figuras proeminentes ou organizações famosas daqui e de fora. É uma brincadeira inocente, e se alguém vir nas comparações qualquer ideia maliciosa, venenos ou espetadinhas incômodas, não houve absolutamente mera coincidência. É isto mesmo.

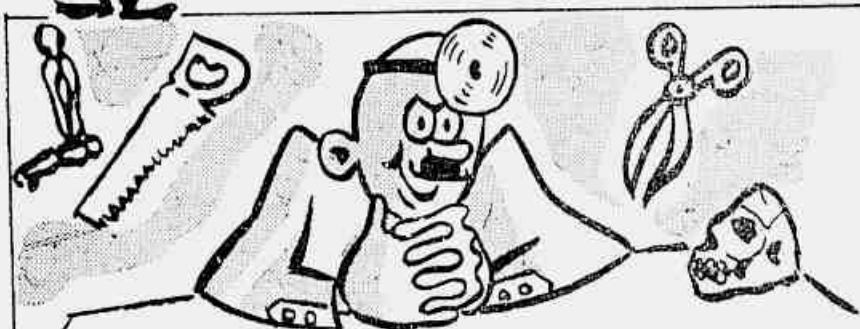
NOMES QUE SE AJUSTAM A ESTES FILMES

- | | |
|-----------------------------------|---------------------------|
| "Perdidos na tormenta" | — Os 4 Grandes em Berlim |
| "O vale dos Zombis" | — Congresso Nacional |
| "Agora seremos felizes" | — Negreiros Falcão |
| "Romance inacabado" | — Benedito Valadares |
| "Sempre resta uma esperança" | — Prestes |
| "Trágica suspeita" | — Ministro da Viação |
| "Mãe" | — Nereu Ramos |
| "Este homem é meu" | — Agrícola Pais de Barros |
| "Fruto proibido" | — Sucessão presidencial |
| "Costa Suzana" | — Milton Campos |
| "Charlie Chan no Serviço Secreto" | — Otávio Mangabeira |
| "Folias Cariocas" | — Mendes de Moraes |
| "A mulher de todos" | — Democracia |
| "A ponte dos suspiros" | — José Américo |
| "Carta de um veterano" | — Artur Bernardes |
| "O fim do Rio" | — Dutra |
| "Sinfonia do passado" | — Getúlio Vargas |
| "Falta alguém no manicômio" | — Barreto Pinto |
| "E' com este que eu vou" | — Eduardo Gomes |
| "Sangue e prata" | — Correia e Castro |

★

Leia e medite sobre a exatidão das respostas. Se estiver de acordo, parabéns; se não, é que um de nós dois está errado hoje!

Castman



Consultório de graça PARA POBRES DE ESPÍRITO

"La vide non est ton dure come le cavaquier de San Diogo pense."

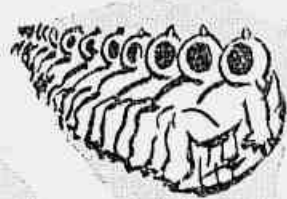
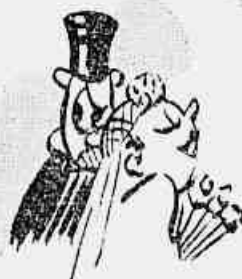
La Rochefuscante.

O N U — Só poderemos responder à sua consulta sobre a manutenção das pás nas carrocinhas dos garis, quando a senhora escrever seu nome por extenso. Não queremos complicações internacionais.

ESTUDANTE — Quer saber o que é figura? Vem de figo, ou figa, à vontade do freguês. Compare-se finura, formosura, pintura.



CASAMENTOS — No largo da Segunda-Feira casouse, na terça última, Maria Quaratela com seu José da Quinta, pela sexta vez subiram no sábado para a casa do amigo Domingos e, se o calendário permitir, hão de ir ao jornal "A Semana" este mês, que é Ano Novo.



e pois que, bem mais preferível entregar o caso à consciência de cada um.

NOIVOS — Após cacetíssimo noivado de oito dias e dez dias, resolveram casar-se daqui a três anos, se Deus quiser, o estimável cidadão Grimaldino Serri com a gentil senhora Decliana Cora. Ao futuro casal Serri-Cora, votos de felicidades.



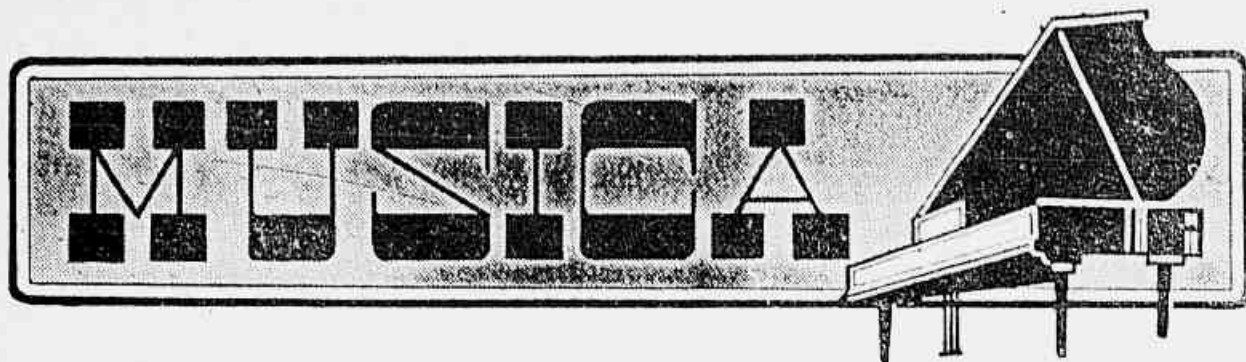
INAUGURAÇÃO — Com muitos foguetes, bombas, discursos e outras manifestações de luto, foi inaugurado no largo do Frio a padaria "Pau Quente". O que mais nos impressionou foi o rancor do cartaz que dizia: "Fiado não vendemos". Que confusão...

ACHADO — Honesto cidadão que, por louvável modestia, não quis declarar o nome,

veio trazer-nos, para que seja entregue ao seu legítimo dono, uma ferradura encontrada a porta do Jockey Club. Avisamos que, de acordo com o desejo formulado pelo citado cidadão, tal objeto só será devolvido com a apresentação, por parte do seu verdadeiro possuidor, de um documento comprovante de sua identidade.

PERDIDOS — Veja a notícia acima.





BAILADO SEM MÚSICA ★ UMA EXPERIÊNCIA DE LICHINE ★ O TERROR DAS PRIMADONAS ★ A MÚSICA E O TRIGO

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

EM "Seis Personagens à Procura de um Autor", Pirandello revelou aspectos à criação de uma peça. Pôs em cena vários tipos que expõem seus dramas íntimos e convidam o autor a incluí-los na sua obra. David Lichine resolveu apresentar, agora, ao público parisiense aspectos da criação de um bailado. O título já anunciava o conteúdo da obra, de grande originalidade — "A Criação".

Num palco preparado como que para um ensaio, bailarinos, envergando cômodos trajes destinados aos exercícios diários, vêm mostrar ao público, nas palavras de Lichine, "o que ocorre no espírito do coreógrafo quando está criando um bailado". O mais curioso, porém, é que a dança é, por assim dizer, "a seco"; não há música nem sequer o acompanhamento reduzido que Lifar utilizou, no "Icaro". Nada.

De um efeito plástico surpreendente, o estranho espetáculo despertou o entusiasmo dos parisienses. Os problemas criados pela ausência da música foram corajosamente enfrentados e, para o sucesso, muito contribuíram os esforços conjugados de Leslie Caron e Jean Babilée. Aquela, uma menina de 17 anos, francesa, descendente de americanos, e este considerado, atualmente, o melhor bailarino francês.

Resumindo o sentido do curioso bailado, Lichine mostrou à imprensa as dificuldades apresentadas pela dança assim desacompanhada e enxuta: os olhos têm que controlar, na precisão escrupulosa dos movimentos, o desenvolvimento do bailado, na falta do apoio numa partitura.

Apesar da vitoriosa carreira de "A Criação", Lichine declarou que não há de reincidir no divórcio da música e dança. Sua próxima criação seguirá a linha tradicional do bailado. Contudo, essa brilhante experiência ficará registrada nos anais do "ballet" como uma aventura audaciosa, acolhida com entusiasmo pelos amantes da dança.



Uma cena da Ópera "Quatro Santos em Três Atos", de Virgil Thomson

O TERROR DAS PRIMADONAS

O cognominado "terror das primadonas" é um solteirão de 52 anos, que já viajou pelo mundo inteiro, viveu muito tempo em Paris, formou-se na Universidade de Harvard, tendo nascido no Missouri, como o presidente Truman: Virgil Thomson compositor e crítico musical que, depois de ter musicado "Quatro Santos em Três Atos", uma ópera, com libreto da excêntrica escritora americana Gertrude Stein, anda, agora, preocupado com as possibilidades musicais do trigo... Mas, por que se chamaria o "terror das primadonas"? Porque, como crítico, assestou baterias contra o Metropolitan, bombardeando com ironia o repertório os velhíssimos cenários e, sobretudo, os cantores. A erudição, vasada em linguagem correta e estilo elegantes, valheram-lhe a fama e o respeito temeroso dos artistas.

Entretanto, atualmente, Virgil Thomson, como dissemos, está muito preocupado com as possibilidades musicais do trigo. Mas, contemos a história desde o início.

A Orquestra Filarmônica de Louisville, Estados Unidos, resolveu, recentemente reorganizar o seu departamento artístico, contratando, mediante régia remuneração, um grupo de compositores, que destinaram a "premières" de gala em Louisville novas obras suas. Alguns vieram reger suas composições, mediante "cachets" adicionais. Entre os que receberam encomendas podemos citar Darius Milhaud, Roy Harris, Francesco Malipiero, Joaquín Rodrigo, Claude Almand, além do próprio Virgil Thomson, que figura, também, entre os que, recentemente, apresentaram ao público daquela cidade americana suas obras, empunhando o bastão de regente da Orquestra Filarmônica local.

E assim foi que o trigo surgiu num concerto sinfônico, com "Campo de Trigo ao Meio-Dia", uma série de variações, para orquestra. Um crítico declarou que o campo foi bem arado, musicalmente, e que o trigo cresceu, vicoso — uma observação que soaria estranhamente num artigo sobre música, não fosse o título da obra.

Atendendo à curiosidade dos "reporters", que queriam saber qual a fascinação que tinha, para Thomson, a idéia do trigo, o compositor saiu-se com esta:

— "Fiquei entusiasmado com a idéia de representar, em música, que é movimento, uma coisa quase imóvel: o trigo".

Seguindo a regra geral, Thomson, como compositor, não foi feliz ao explicar suas concepções de artista. Nem sequer a lucidez do excelente crítico musical, que também é, ajudou-o a responder com clareza...

A PROMESSA

(Continuação da pág. 42)

bem, acostumado que estava a dominar animais bravos, até em pêlo, na fazenda do meu avô, no Ipu, e gritei para os rapazes:

— Largem o burro! Vocês são uns trouxas, uns moleirões... Não têm pulso para manobrar êsse manhoso! Pois esperem aí. Dêem-me o animal e eu vou lhes mostrar como se doma um burro malandro!

Montei e com o auxílio do rêlho e da espora, andei por todo o pátio, saí do quartel, dei um passeio pelas ruas próximas, voltei e pulo então na cocheira, todo ensanguentado e escumando de raiva e de cansaço, isso no meio dos gritos do entusiasmo e aplausos dos soldados e dos oficiais.

Meia hora depois, já descansado, bebia, na Secretária, com os outros colegas de farda, um copo de cerveja gelada que o Major mandara buscar num bar próximo. Até o Comandante, sempre severo, muito rigoroso, exigente, mesmo, em matéria de disciplina, gostou da minha atuação e lá estava também na Secretária, defendendo a Teutônia... Somente nesse momento, depois de bebido o último copo de cerveja, foi que me lembrei dos quarenta e oito contos.

Meninos, meti a mão no bolso e suei frio! Lá não estava uma nota sequer. Eu perderei o dinheiro. Pusemos o quartel em polvorosa, remexemos tudo, indagamos, procuramos por toda a parte, inclusive nas ruas por onde eu andara, voltei à Delegacia Fiscal e não se encontrou sequer sinal do dinheiro. Depois de tudo batido, perdidas para mim todas as esperanças, fiquei como um louco. E não era para menos. Não possuía um níquel de economias, pois me casara há seis meses e tudo o que eu guardara tinha gasto. Onde iria eu arranjar, assim às pressas, quarenta e oito contos de réis? Naquele momento de desespero e de agonia só me restava um recurso — pôr uma bola na cabeça. E, desesnerado da vida, feito um louco, completamente alucinado, rogando as piores pragas da tarimba, sem reparar no que dizia, bradei na presença de todos:

— Darei uma vela ao diabo se êle me mostrar êsse dinheiro.

Depois de ter feito a promessa é que refleti na asneira que cometera. Que coisa horrorosa! Enquanto outra pessoa qualquer, numa situação idêntica à minha, teria se voltado, confiante, para Deus e para os Santos, eu tinha me valido de quem? do diabo! Mas a promessa estava feita e só me restava aguardar os acontecimentos.

Duas horas depois eu estava ainda sentado numa cadeira na Secretária, sem coragem de ir para casa contar à minha esposa o que acontecera, e remoía o meu desespero, completamente desesnerado de reaver o dinheiro perdido. Quem é que tendo achado quarenta e oito contos iria entregá-los assim, sem mais nem menos? Bem poucas pessoas... De repente entra, radiante, um sargento da 3.ª Companhia e grita:

— Tenente, olhe aqui as massas!

Levantei-me de um salto! O rapaz tinha, nas mãos, efetivamente, o pa-

cote de dinheiro que eu perderei. Conferimos e verificamos não faltar uma nota sequer. Abracei-o, numa alegria louca, e indaguei:

— Foi você quem achou o dinheiro?

— Não, Tenente, foi o Valério quem o encontrou em frente ao quartel e veio me entregar.

— Quem? O Valério?

— Sim, senhor, o Valério.

Quase morri de espanto. E em todo o quartel houve uma surpresa tremenda! Se outro soldado achasse o dinheiro e entregasse não haveria grande espanto. Mas o Valério, o soldado mais desonesto que já ingressara nas fileiras! Um tipo que roubava até as escovas de dentes dos companheiros, que já cumprira várias penalidades, até na solitária, tendo o Comandante ameaçado de expulsá-lo e entregá-lo à Polícia civil à primeira vez que êle furtasse qualquer coisa! Quem o induzira a entregar o dinheiro fôra o Demônio...

E eu tinha de pagar a promessa que fizera. Mas pagar de que maneira? Se fôsse uma vela a um santo, muito bem! Mandaria acendê-la num altar. Mas o diabo não tem imagens e nem altares, ao que me conste. E sem poder cumprir a promessa que fizera vivi muito tempo intranquilo, desassossegado.

Três anos depois eu residia em Curitiba, transferido que fôra para a formosa capital da terra dos pinheiros. Tendo de ir a Paranaguá, a serviço, comprei, na véspera do dia da viagem, uma vela grande, de cêra bem alva, enrolei-a em papel de seda, com um dos meus cartões de visitas, no qual escrevi: — «Para o Diabo. Onde estiver». Na manhã do dia seguinte, com o embrulho debaixo do braço, tomei o trem e nas proximidades do quilômetro 65, onde foram fuzilados, em 1894, durante a revolta da Armada, o Barão do Serro Azul e seus oito infelizes companheiros quando o comboio passava na margem de um despenhadeiro de centena de metros, perto de uma belíssima queda d'água conhecida como «O vên de noiva», fechei os olhos, benzi-me e sacudi a vela no abismo. Já que eu não encontrara o Diabo em pessoa para entregar o que prometera ali deixava a vela para que êle a procurasse quando quisesse. Pode ter sido impressão, mas eu juro a vocês que senti, naquele momento, um cheiro forte de enxôfre e vi, no fundo do abismo, uma fumaça esbranquiçada. O cheiro de enxôfre talvez viesse da fôrnia da locomotiva que queimava lenha verde; e a fumaça esbranquiçada — quem sabe?

— talvez fôsse o nevoeiro, a neblina, naquela manhã fria de fim de inverno... Mas estava cumprida a minha promessa e eu mais sossegado.

Permanecemos todos calados ouvindo a parte final da fantástica história. Notamos, porém, que o Castelo, ao terminá-la, estava um pouco nervoso, embora não quisesse demonstrá-lo. Êle, porém, se fez de forte, riu alto, e gritou para o garçon que vinha dos fundos do café com umas taças de guaraná para uma mesa vizinha à nossa:

— Outro whiskey, rapaz; com côco verde, gelado.



INFECÇÕES FEBRIS DA INFÂNCIA

Dr. SABOIA RIBEIRO

DOENÇAS como o sarampo, a coqueluche, a gripe, às quais raro escapa a criança há sempre que pensar nelas quando adoece com febre a criança. E', porém, necessário, além disso, estar sempre prevenido com relação a outras, que conquanto menos assíduas, não são, todavia, raridade: a escarlatina e a paralisia infantil estão precisamente neste último caso.

De um modo geral, essas infecções têm um começo que simula uma afecção das vias respiratórias; daí serem logo confundidas com um mero estado gripal, e levadas a chás, suadouros, gotinhas etc.

Nem sempre cessa a confusão dos fenômenos com a evolução da doença. A paralisia infantil, por exemplo, em seu começo muito parecida com a gripe, já mais tarde se parece muito com a meningite, tais os fenômenos da esfera nervosa e a rigidez da nuca.

O diagnóstico das infecções da criança, por tudo isso, nem sempre é fácil; há mister sempre, experiência clínica e conhecimentos seguros. De mais a mais, aumentando as dificuldades, certos sinais de certeza que decidem do diagnóstico nem sempre são precoces, nem constantes, de modo que, muita vez, só mesmo é possível firmar o diagnóstico apelando para o laboratório.

Não obstante isso, uma investigação minuciosa, consciente e esclarecida, poderá em não poucos casos firmar o diagnóstico exato, a despeito da expressão comum dos sintomas ou sua definição tardia no quadro mórbido perfeitamente evoluído.

Do diagnóstico precoce, instituído antes mesmo que se defina o sintoma ou sinal dominante, depende às vezes o êxito da cura, pois melhor evitadas possíveis complicações ou certas moléstias adquiridas (broncopneumonias no sarampo, formas arrastadas na coqueluche, atrofia muscular na paralisia infantil, nefrite na escarlatina etc.). De qualquer maneira é preciso intervir com uma terapêutica que, embora não existindo ainda diagnóstico definitivo, só possa trazer benefícios ao doentinho. Agir cedo e agir bem.

As infecções da criança irrompem, umas vezes, bruscas, outras de forma mais ou menos insidiosa, até revestirem uma feição dramática.

A primeira forma é a que traz maiores inquietações, mas também aquela que nem sempre é acudida com segura orientação, pois levadas pelas aparências, na família admite-se logo o diagnóstico de gripe ou semelhante, e começa a terapêutica caseira, por mero palpite. E' preciso, porém, saber considerar a hipótese mais plausível, saber investigar a prova da infecção, conhecer os sinais precoces, o que é só, evidentemente para médico.

A despeito das dificuldades, algumas normas podem ser estabelecidas diante das infecções febris da criança.

No latente a leite de vaca, que adoece súbito, corre sempre suspeitar de uma infecção a estreptococcus ou enterococcus, ou por algum germe do grupo disenterico. E' semente o exame de fezes que vai dizer, em definitivo, sobre a natureza da infecção, sua espécie.

Nem sempre a coqueluche, no latente, vem com a "respiração sibilante", o clássico "guincho". Se se for esperar por isto, arrisca-se, muita vez, a estabelecer um tratamento tardio.

Tosse rouca, na criancinha, raro é difteria.

Nem sempre a difteria, na criança, vem com febre alta. O crupe pode sobreviver após um resfriamento banal. Só o exame da garganta permite afastar essa idéia em face de certos sinais de difteria na criança. Há, porém, muitas anginas (inflamação da garganta) que nada têm que ver com a difteria. A angina da escarlatina é a que mais se assemelha.

O sarampo é raro antes do 6.º mês. Abaixo do 3.º mês não existe, salvo quando a genitora nunca o teve.

Um quadro tóxico em criança de sexo feminino, com febre alta, deve logo fazer suspeitar uma infecção a colibacilo (pielite). Na meningite a moleira está sempre hipertensa.

A paralisia infantil é, com frequência, tratada como uma simples gripe; só passada a febre, é que aparecem as manifestações paralíticas.

A catapora e a cachumba são antes moléstias da idade escolar.

As convulsões com febre indicam os mais diversos estados: pneumo e broncopneumonia, apendicite, gripe etc. As crianças nervosas reagem com muita facilidade pelas convulsões quando têm febre.

A pneumonia na criança, em certos casos, simula bastante a apendicite e até a meningite; pensar-se-á nela, porém, quando a face seja menos de dor e perda do conhecimento que de evidente dificuldade respiratória (batimentos das asas do nariz).

A febre tifical, na criança, tanto vem com prisão de ventre como não, e pode simular o pleuriz da criança.

Uma febre que se prolonga, na criança, sem fenômenos catarrais, deve sugerir um exame de raios-X e de fezes e urina (sedimento). Nas mais crescidas, é sempre bom um exame de sangue (hemograma completo).

Uma febrícula que se prolonga na criança, ainda que esta aparente um aspecto florido, não exclui a hipótese de tuberculose; as reações da tuberculina e os raios-X dão a última palavra. Aliás essa tuberculose florida é antes encontrada nas crianças mais crescidas; o latente tuberculoso é quase sempre um atrofico.

Na criança, a coqueluche e o sarampo são as moléstias que mais predispõem à tuberculose; por isso, se aparece algum tempo depois dessas infecções febre, a primeira hipótese que há cogitar é a da tuberculose; são os raios-X e as reações da tuberculina os meios apropriados para esclarecer a natureza da febre.

Os gânglios que se deixam palpar na nuca no curso de processo febril, indicam afecção do rinofaringe; no pescoço, afecção anginosa (faringe). Se grave e das amígdalas, estão aumentados os do maxilar, junto à face interna (difteria).

Particularmente indicativos da tuberculose do latente são os gânglios desenvolvidos para a região clavicular e paredes laterais do torax. Uma tosse em dois tons, um surdo, outro grave (tosse bítone) é outro elemento que faz suspeitar dela, e que parece coqueluche mas é, de fato, tuberculose. Os raios-X mostram isso mesmo, não importa o bom aspecto da criança.

E' um erro fiar demasiado da benignidade das infecções quando a criança adoece com sinais delas: moleza, algum vômito, febre; isso tanto pode ser o começo de uma febre tifical. As doenças, em geral, têm um período prodromico mais ou menos acentuado, conforme cada qual. Na criança, quando este período se patenteia, sequer pela simples mudança de seu bom humor, é já a doença e cumpre cercá-la de todos os cuidados.

Tomar a temperatura, guardar o quarto, conservar a urina ou as fezes para o exame, e estabelecer a dieta apropriada, constituem, então, as medidas iniciais da assistência, até que a veja o médico sem perda de tempo. A dieta, o uso ou não do purgativo e dos antitérmicos, a temperatura do banho, o ambiente da criança, tudo são medidas que devem ser postas em prática logo que uma infecção se declara na criança. E' um erro instituir dietas de fome prolongadamente na criança. Qualquer que seja o estado da criança, é preciso alimentá-la; apenas pode haver uma pausa antes, maior ou menor.

Quando não é possível, na primeira visita, estabelecer o diagnóstico, ao menos sempre é possível empregar uma terapêutica benéfica, até que os exames de laboratório ou o próprio evoluir da doença permitam precisar o diagnóstico. Aliás o simples exame clínico pode precisar o diagnóstico em muitos casos, pois muitas infecções na criança se acompanham dos chamados sinais precoces exclusivos da respectiva infecção.



Foi naquele ano que começou a ser fabricado o Sabão Russo, isto é, há 118 anos. Poucos poderão avaliar o que se fez em tão longo período na vida da coletividade. Se o "Sabão Russo" falasse, poderia contar tanta coisa... Como surgiram os trens de ferro, os bondes de burros e os bondes elétricos; a chegada dos primeiros navios a vapor, a iluminação a gás, o telefone, balões esféricos, automóveis, dirigíveis, aeroplanos. Use os produtos do grande Laboratório do Sabão Russo.

Líquido, sólido e em bastões para barba

A LÂMINA DE MAIOR VENDA MUNDIAL

TRADE **Gillette** MARK

ZOOLOGIA E ENTOMOLOGIA AUSTRALIANAS

E' sabido que existem na Austrália animais e insetos que não se encontram em mais nenhuma parte. Entre os animais, o canguru é o mais comum. Um ser inteiramente peregrino é o coalá, que vive nas árvores e que apresenta uma grande semelhança com os ursos de veludo. Os mamíferos próprios à Austrália fazem todos parte da ordem marsupiais ou dos monotremas. Os dingos, os ratos, as ratazanas e os coelhos foram cientemente ou não, importados pelos europeus. O coelho tornou-se um verdadeiro flagelo para a Austrália.

O mundo dos pássaros também apresenta na Austrália tipos que não se encontram em qualquer outro continente, particularmente o pássaro-lira, com uma magnífica cauda, e o emeu, a aveztruz australiana.

A parte setentrional da Austrália acha-se infestada por uma perigosa espécie de mosquitos do paludismo, havendo regiões em que o sezonismo é endêmico. Não se sabe se esses anófeles, que transmitem o paludismo das pessoas doentes para os indivíduos sãos, foram também importados. Os habitantes da Austrália preocupam-se mais em saber como se pode exterminar os mosquitos e por meio de que remédios se pode impedir e curar essa doença. Conhecem-se também naquela terra as virtudes curativas da quinina e pode-se lá pôr em prática as receitas da Comissão de Paludismo da Sociedade das Nações. Esta recomenda que se tome cada dia, durante a estação das febres, 40 centigramas de quinina a título preventivo e, para o tratamento propriamente dito da doença, uma dose de 1 grama a 1 grama e 30 centigramas de quinina por dia durante 5 a 7 dias. No seu relatório publicado em 1938, a mesma Comissão de Paludismo, da qual fazem parte especialistas eminentes na luta antipalúdica, também acentua, a página 129, o fato que a inocuidade da quinina permite a sua ministração pelos empregados subalternos sem vigilância médica constante.

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

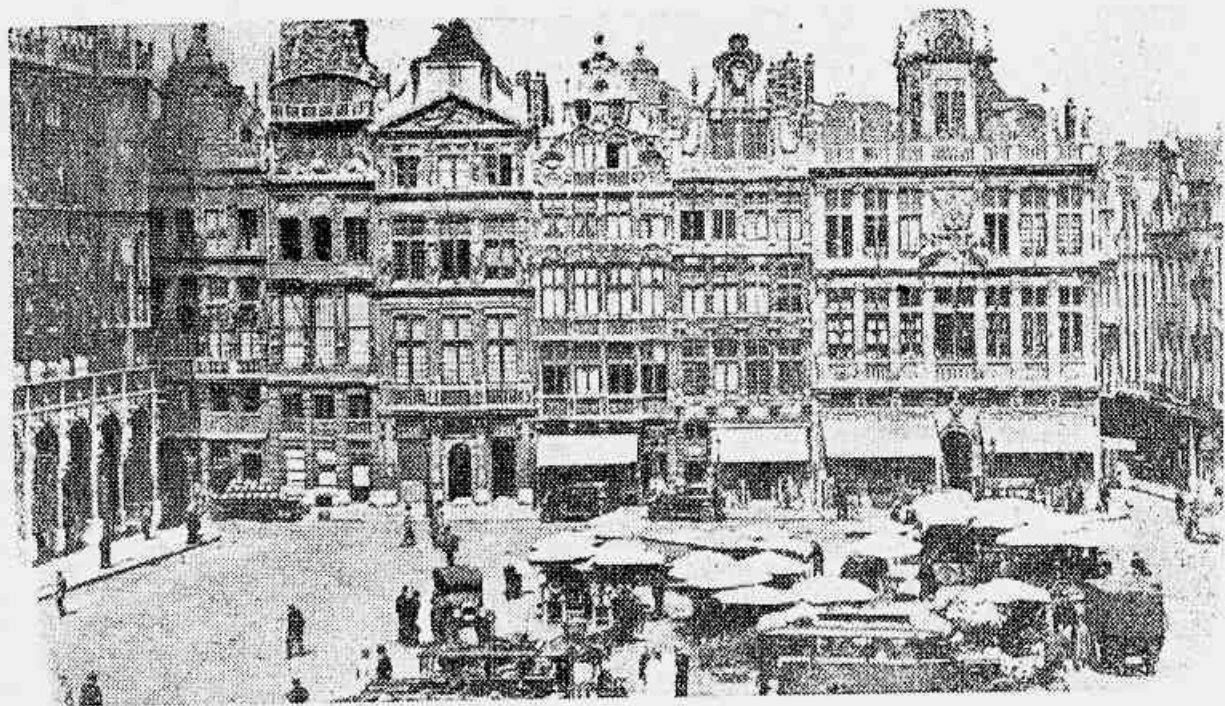
D. G. COIMBRA

FRUTAS — Essa coisa de forçar a natureza para obrigá-la a fazer o que ela não deseja é muito séria.

Perto de Bruxelas há algumas aldeias em que a toda força querem plantar uvas. Fazem com vidro — telhados e paredes de vidro — 25 quilômetros de estufa; um oceano de vidro, coisa colossal, que deve ter dado trabalho às fábricas de vidros planos, e custado muitos milhões. Nessas estufas dá muita uva, cachos bonitos, enormes de mais de um quilo de belas uvas pretas e graúdas, mas, quando as comemos, não encontramos sabor; só exteriormente é que se parecem com uvas. Não são nem amargas nem doces — poderiam bem ser xuxu, abóbora ou outro legume. Não se pode facilmente burlar a natureza e exigir dela, mesmo com muitas despesas e quilômetros de estufas que produzam fora de suas possibilidades. Ela não quer e acabou-se. Os produtos são aceitos e se encontram em toda a parte a Cr\$ 10,00 o quilo, ao passo que a legítima moscatel, que vem da França, onde é plantado ao ar livre, custa Cr\$ 15,00 o quilo, mas tem mesmo sabor de uva e não apenas aparência.

Quase o mesmo acontece com os abacaxis dos Açores, que se encontram à venda em toda a parte a Cr\$ 25,00 cada um; são bonitos, grandes e perfeitos, mas estão longe do abacaxi do Estado do Rio ou Pernambuco, ou de Sorocaba, os quais, sendo menos bonitos são de fato deliciosos. Não se pode substituir a natureza ou os raios do sol por estufas de vidro.

MACARRÃO — Fomos a um restaurante e pedimos "spaghetti" à Napolitana. O garçon elegante, "epaulets" nos ombros, curvou-se respeitosamente e voltou minutos depois com uma grande jardineira de cristal e prata e colocou-a à nossa frente, num perfeito cerimonial. Com gestos largos e maneirados, tirou a caixa de fósforos do bolso e, com medidas de grande linha, acendeu as duas velinhas que estavam na jardineira, cobriu-a com uma bela tampa de metal branco e ali deixou na nossa mesa aquela coisa complicada retirando-se em seguida. O gerente veio examinar cuidadosamente para ver se tudo estava correndo bem. Veio depois o garçon, colocou o balde de gelo com a garrafa de vinho branco e, a seguir, reviu os detalhes. Saiu para voltar mais tarde com uma bandeja de prata apoiando uma travessa de "spaghetti", uma terrina de molho de tomate e um recipiente de porcelana com queijo ralado. Ali mesmo na nossa mesa e com gestos meticulosos preparou o prato e nos serviu com medidas e trejeitos. Depois colocou a travessa na jardineira com velinhas, serviu o vinho branco com rasgos de maneirada elegância, tendo, antes, reajustado o guardanapo no gargalo da garrafa como quem dá um laço de fita numa noiva e partiu para servir outra mesa. Veio o gerente examinar cuidadosamente a situação e perguntou-nos se tudo ia bem... Diga-se a verdade: o "spaghetti" estava delicioso e de acordo com cenas de Hollywood. Serviu-nos novamente o garçon com sua correção e gestos impecáveis!... Ficamos boquiabertos com o cerimonial. Veio a sobremesa — crepe Suzette! Novas encenações e novas medidas. O gerente veio espiar para ver se tudo estava indo bem! Parecia uma refeição de príncipes! O café feito na hora e na mesa em cafeteira de metal, é servido em copos. Tudo com gesto de quase "três mosqueteiros"... E dizem que a guerra modificou tudo!... Nós esperávamos macarrão num



Maisons des Corporations, interessante e antiga praça de Bruxelas, onde estão as sedes dos velhos grêmios profissionais: alfaiates, joalheiros, lateiros, ferreiros etc.

prato e um pires com queijo ralado, e ganhamos um espetáculo da arte culinária de Bruxelas. Todo o barulho com gorgeta. Cr\$ 80,00 para duas pessoas.

CASACAS — Fui a um banco conversar com um cavalheiro que trabalhou em Santos, Rio e São Paulo. Falamos em português sobre os negócios brasileiros e belgas. Ele se queixou de que o seu Banco está com milhões de francos bloqueados em contas antigas há mais de seis meses, sem receber vintém, ao passo que nas novas transações as remessas chegam sem demora. Quería saber se poderíamos explicar essa anomalia, pois, apesar de ter escrito muitas cartas e telegramas, não recebia explicações algumas. Mas o motivo destas linhas não é tratar de câmbio, e sim contar que todos os contínuos na parte de cima do Banco, nos salões da gerência andavam de casaca e gravata branca, numa elegância impecável. Imaginem só: no Rio os contínuos e amanuenses andando de um lado para o outro ou batendo papo no corredor com as vestimentas de uma noite de grande gala no Municipal!... Essa encenação dá uma importância enorme ao Banco, mas deve assustar ao homem do interior que vem para tratar de algum negócio.

O CONGO — A Bélgica sofreu menos do que muitos outros países da Europa quanto à sua posição econômica devido às grandes riquezas do Congo, que, durante a guerra, recebeu toda atenção do governo. Sua agricultura, indústria e minas tiveram o benefício de uma gerência competente, que trabalhou ativamente, dando à metrópole enormes proveitos. Além do desenvolvimento rápido da própria colônia, as exportações forneceram muito dinheiro aos comerciantes e ao próprio governo.

Há no Congo uma magnífica organização bancária, a "Société Generale", que o dirige quase totalmente, cuidando com carinho do desenvolvimento e da exploração econômica da colônia. Até a imigração é muito selecionada. Um belga não pode ir para lá sem possuir amplos recursos ou um emprego adequado, medida essa certamente tomada para evitar consequências que poderiam advir da permanência na colônia de gente pouco adaptável à vida num país de clima quente e de raças diferentes da dos belgas.

A LINGUA — Há quem diga que a Bélgica trabalha em flamengo e pensa em francês, mas na realidade, o povo todo é trabalhador. É verdade que todos os belgas bem educados falam francês, podendo-se dizer o mesmo do inglês — pois essa língua é muito popular aqui e não está limitada ao pessoal que trabalha em hotéis e restaurantes. Quase todas as livrarias possuem variedade de livros em inglês e os filmes são passados em sua língua de origem. Porém, é verdade também que em Bruxelas se encontra gente que só sabe falar o flamengo (uma espécie de holandês difícil para nós latinos), mas a grande maioria do povo fala o francês, bem como os títulos das lojas são quase todos nessa língua. Nos campos e nas aldeias é que se encontra a maioria dos agricultores falando o flamengo. É a religião um dos fatores predominantes da união do país, sendo a católica a mais praticada tanto entre os flamengos como entre os latinos. Nós que não conhecemos bem o flamengo, nos contentamos em chamar de "língua brava" quando a ouvimos, pois a outra é nossa conhecida...

Mas em verdade é um alívio quando se chega à Bélgica vindo dos países de "língua brava", e ouvimos o francês: falamos, nos entendemos e nos respondemos; quando alguém nos pergunta onde é a rua dos Bouchers, dizemos logo: é ali adiante, a segunda travessa ao seu lado esquerdo!... Isso é muito mais agradável do que sacudir os ombros, sorrir e dizer: "Min no sprachit norsk!..." "Sprachen vous english?..." e outras besteiras do linguajar improvisado.

AS MOÇAS — Somente aqui na Bélgica começamos a ver senhoras e jovens com unhas envernizadas, "rouge" na face e "baton" nos lábios. Um pouquinho, vimos em Stockolmo. Na Holanda, Dinamarca, Noruega, Alemanha e interior da Suécia... nada. Na Bélgica usam um verniz rosa claro. Mas em compensação, lá pela Escandinávia são muitos os homens que frizam os cabelos. Aliás, a moda é usá-los bastante compridos à poeta!... ou muito ondulados e penteados quase como nos tempos de Luís XV...

A ÚLTIMA NOITE DE GLÓRIA

(Continuação da página 7)

— Já que você põe as cartas sobre a mesa, bem... — Marion fez uma pausa, refletindo. — Mas não mude de pensar, porque depois será tarde.

— E então?

Marion suspirou profundamente.

— Está bem. — E saiu do camarim.

II

Aconteceu que, na última noite da temporada, Marion e Gordon estavam fazendo uma ceia ligeira em Sardi, antes do espetáculo, quando Valerie e Michael entraram. Parecia que Marion estava em plena harmonia com Gordon, porque o olhava com adoração, sem tensão nervosa, e Gordon correspondia na mesma altura... até que, levantando os olhos viu Valerie. Então, sua fisionomia mudou bruscamente. Ciúmes, o sentimento antigo da posse...

Respondendo à saudação dos recém-chegados com um grunhido, acrescentando:

— Valerie, não se esqueça de aparecer no meu escritório, depois do espetáculo. Tenho os novos contratos...

Mas Valerie, com um sorriso de entendimento com Michael, disse:

— Mudei de idéia. Detesto os escritórios. Falaremos disso em minha casa. — E dirigiu-se para sua mesa, deixando mais separados do que nunca aqueles dois que ela quisera reunir.

A última representação, que tanto pavor causa aos intérpretes de uma obra de êxito, saiu perfeitamente bem. O pano subiu várias vezes, em resposta aos aplausos, e Valerie teve que falar ao público. Foi breve e gentil, porque desejava ir embora, mas suas palavras pareciam sinceras e um pouco tristes.

Afinal, Val pôde escapar-se, entre a agitação dos atores que se despediam, os carpinteiros que desmontavam os cenários, e meter-se em seu camarim. Vestiu-se num momento e deu a Nancy envelopes com dinheiro, para o pessoal dos bastidores. Estava pondo as suas famosas luvas negras de cano alto, quando seus olhos caíram sobre uma notícia da seção de teatro, num jornal que estava na mesa. Ficou rígida, quando leu:

"Valerie Stanton declarou que já aceitou o papel principal da nova comédia de Gordon Dunning. Apesar dos esforços de Peter Gunther para conseguir a grande comediante, na próxima temporada da Broadway, continua a mina de ouro Stanton-Dunning."

Val ficou colérica, com o truque de Dunning. Ele não podia fazer semelhante coisa! Era um desafio! Saiu do camarim, atravessou o corredor e o teatro, já vazio, até o saguão, e subiu as escadas, para o escritório de Gordon. Ninguém a viu. Não tinha cruzado com ninguém. Gordon estava só. Estava só, com os braços cruzados, aguardando a tempestade que adivinhava nos olhos negros de Val. As palavras dela foram como golpes de chicote. E exigiu que Gordon desmentisse, publicamente, a notícia. Gordon negou-se.

— Então, eu mesmo vou chamar os jornais — disse Val, apanhando o telefone, no que foi impedida por Gordon.

— Não se trata aqui somente de uma atriz que deixa seu empresário — declarou Gordon. — Nossas relações vão muito além. E você sabe que não me pode pôr de lado dessa maneira. Preciso de você, Val. Se a peça de Gunther representa tanto para você, eu poderei entrar em acordo com ele, e a faremos juntos.

— Jamais voltaremos a fazer nada juntos — disse Val, com firmeza.

— Então a verdade é outra... Não é a peça, é Morrell, não?

— Sim. Vou me casar com ele.

Ela esperava que ele se encolerizasse, não que risse sardonicamente.

— Não sei por que se ri, Gordon. Estou enamorada dele.

— Amor! — e tornou a rir. — Você fala como uma colegial. E ele sabe de quem está enamorado? Seria um prazer dar-lhe todas as informações...

Agora Val teve medo. Era a arma que Gordon poderia utilizar contra ela... Procurou disfarçar o seu medo com palavras...

— Quem diria! Nunca pensei que você pudesse se rebaixar tanto! — E olhou-o fixamente. — Ou está louco!

— Talvez. Fico louco quando não a vejo... Poderia até matá-la, se fosse necessário.

III

Os olhos de Gordon tinham um brilho estranho. Val retrocedeu.

— Não fale dessa maneira! — gritou ela.

— Oh, apenas comecei a falar!... Tenho uma imaginação mórbida, mas excelente, como você sabe... Vou falar com Morrell, agora que me sinto disposto.

Gordon dirigiu-se para a porta, e Val gritou histericamente. Ele rodou nos calcanhares.

— Vamos, Val... — disse. — Abrace-me e admita que sou eu quem manda.

Mas a atriz continuou a recuar, separando-se dele, e isso o enfureceu.

— Se saio daqui sozinho, vou direito falar com Morrell. E lhe direi coisas que o farão esquecer de você... que o farão ter asco de sua presença...

Gordon aproximou-se, e Val retrocedeu ainda mais.

— Largue-me! — gritou. — Basta!

Mas Gordon continuou a aproximar-se. Ao chegar perto de Valerie, esta tinha recuado contra a mesa, e sua mão tocou uma estatuetta que lá estava... Agarrou-a, golpeando-a na cabeça... E ficou horrorizada ao ver que Gordon caía, sem vida, a seus pés...

Agora, em sua casa, Valerie recordava todos os detalhes. Ninguém a havia visto... E quanto levaria até que descobrissem o corpo? Val afundou a cabeça nas almofadas, e assim ficou muito tempo, até que dormiu — um sono que era simplesmente a continuação dos seus pesadelos.

As autoridades policiais apareceram na manhã seguinte. Corteses, com uma mulher tão bonita e tão admirada... Mas lhe ordenaram que se apresentasse, como os demais, aquela tarde, no teatro.

Estavam lá todos... Cenaristas, atores, porteiros e vendedores de jornais... Todos, menos Marion Webster, que havia achado o corpo de Gordon e estava com um ataque nervoso, aterrada... E tinha sido levada para o hospital.

Valerie assistiu ao interrogatório, fazendo um tremendo esforço para ocultar o horror que a consumia. Ao terminarem o interrogatório, não haviam conseguido nenhum indício. Ninguém viu qualquer pessoa, exceto Marion, a caminho do escritório de Gordon. Ninguém tinha dado por falta de Valerie em seu camarim. Mas várias pessoas declararam que Marion tinha estado muito excitada naquela noite, que havia saído meio louca do Sardi, antes do espetáculo, e que não se tinha despedido de ninguém, não entregando, sequer, a chave de seu camarim. E era bem conhecido o caso de Gordon com Marion. Ninguém se admiraria que ela o matasse, num momento de ciúmes.

De fato, prosseguindo-se o interrogatório, aumentavam as suspeitas contra a artista. As suas marcas digitais estavam na estatuetta, que ela apanhara, junto do corpo de Gordon. E havia uma carta para ela na mesa de Gordon. Havia também uma carta para Val, uma carta do próprio Gordon, em que ele lhe declarava uma vez mais o seu amor... Apesar de todas essas coisas, Val sentia um temor imenso do capitão Danbury, aquele detective gordo e calmo que estava dirigindo a investigação. Havia "algo" na maneira como ele a olhava, ou na sua atitude como quando, por exemplo, apanhara as luvas negras de Val. Além disso, Gordon havia deixado para Val tudo o que possuía. Esta última notícia fora dada a Val por Michael. O arquiteto tinha sido o grande apoio moral de Val, querendo-a, pedindo-lhe que se casasse com ele, afastando-se dali para sempre.

— Como podemos ir embora, numa situação dessas? Tenho que executar o testamento de Gordon...

PELAS estradas do céu



Por ANDRÉ MAX

— Talvez tenhas razão — replicou Michael. — Seria bom que você revistasse o escritório de Gordon, antes que os repórteres metessem o nariz.
O tom natural de Michael não enganou Valerie.
— Que é que você está insinuando?
Michael respondeu com ternura.
— O que houve entre você e Gordon é coisa do passado, Val. Eu e você nos queremos. O passado não nos afeta. Mas outros, compreende? Outros tratarão de atirar brasa nas cinzas, e as cartas seriam mal interpretadas...

Michael tinha razão, pensava Val. Ela não devia arriscar-se. Foi à casa de Gordon no mesmo dia. Era como regressar ao passado. Havia muitas recordações do que Gordon e ela tinham sido um para o outro. Val achou o diário de Gordon, que nunca vira antes. Ali poderia estar o perigo a que Michael se referia... Sentou-se para ler, mas mal havia começado quando soaram pela casa vazia passos pesados, como um toque de alarme... Era o capitão Danbury. Como sempre, muito cortês, mas seus olhos de águia perceberam o livro. Como se não tivesse importância, o policial guardou o diário no bolso. Michael tinha razão... devia ter vindo antes. Na próxima vez o capitão talvez não fosse tão amável...

Entrementes, Marion permanecia inconsciente, no hospital. Era ela a chave de todo aquele mistério. Enquanto não voltasse a si e falasse, era a pessoa mais suspeita. Isso era o que mais preocupava Valerie. Era-lhe insuportável a idéia de que Marion pagasse por um crime que não havia cometido.

— Não podia ter sido Marion — dizia Val a Michael. — Ela não é do tipo das que matam.

— Talvez nunca aclarem esse caso — replicara Michael. — Não se preocupe tanto, Val. Não pode continuar assim, se quer representar a peça de Gunther.

IV

Val acabou concordando com Michael, deixando-se convencer com a ilusão de que o caso seria arquivado, insolúvel... Logo depois, chegou a notícia de que Marion tinha recobrado os sentidos. Embora estivesse na presença do capitão, ao receber a notícia tratou de ir falar logo com Marion — o que não era, aliás, causa para suspeitas, dadas as relações que havia entre elas.

Marion, pálida, mas já sem sofrer ataques histéricos, estava recostada nas almofadas, quando Val entrou. Parecia estranhamente serena...

— Já sei o que traz você aqui, Val... Quer saber o que eu disse ao capitão Danbury. Pois bem, disse-lhe o que ambos sabemos — que foi você quem matou Gordon. Mas você não deve temer nada... Julgarão que estou despeitada, nada mais. Minhas marcas digitais estão na estatueta, e fui encontrada no escritório de Gordon. O que eu disse não importa.

— Não fale assim, Marion!!

— Não tenho por que viver, Val...

Valerie estava a ponto de chorar.

— Eu disse ao capitão Danbury, aos jornalistas, a todos, que não acreditava que você fosse culpada.

— Muita amabilidade sua, Val! — replicou Marion, virando o rosto para o outro lado.

— Tudo está a seu favor... Está no pináculo da sua carreira e tem um novo amor...

Só há uma coisa — é que terá a sua consciência sempre perturbada...

Marion tinha razão. Val teria que viver sempre inquieta... Que valeria mais — estar livre e ter remorsos, ou sofrer pelo crime de outrem, como podia ser o caso de Marion? Não havia fugir a tal situação... Estava sempre nervosa, fora de si... Por isso, foi com grande alegria que recebeu a notícia, dada pelo impassível Danbury, de que ela poderia se ausentar da cidade quando quisesse. Apesar da acusação de Marion, dissera ele, não havia indícios contra ela, nem mesmo nada no diário de Gordon.

Val estava fazendo as malas, para partir, quando sentiu que não poderia carregar outro peso — o da sua consciência. Disse ao "chauffeur" do taxi que chamara, para ir à estação ferroviária, que a levasse à Polícia Central. Lá, perguntou pelo capitão Danbury, da Seção de Homicídios, e foi levada ao seu escritório.

Val tinha a boca seca e mal podia articular as palavras.

— Capitão, quero falar-lhe de Marion Webster. Acho que devo dizer-lhe...

Nesse momento o telefone soou, e o capitão levantou o fone.

Val teve que esperar alguns instantes.

— Chamaram do hospital — disse o capitão. — Miss Webster se suicidou.

Não poderia haver notícia pior para a atormentada atriz. Já não podia salvar a infeliz Marion, e não era mais necessário que confessasse... Teria que viver com seu terrível segredo. E certamente não poderia ter suportado aquela agonia moral se não fossem os ensaios de Gunther, que a distraíram, temporariamente.

Mesmo assim, as coisas pareciam conspirar contra ela, fazendo-a recordar-se. Gunther tinha arrendado o mesmo teatro de Gordon, para a sua peça.

— O mesmo teatro, o mesmo camarim, a mesma gente... E' horrível! — queixou-se a Michael.

— Nunca devia ter aceitado esse trabalho... Foi um erro!

Michael, que a estava escutando, disse a Gunther, que acabava de se aproximar deles:

— Todas as atrizes devem ser temperamentais?

O empresário limitou-se a sacudir a cabeça, sorrindo, e afastou-se, deixando-os outra vez a sós.

— E' inútil, Michael. Faltam só três dias para a estréia, e não sei sequer como caminhar no palco... Peter não me anima, não me dirige, como fazia Gordon. Fico pensando nele e em Marion, a olhar para estes cenários... Ah, Michael, perdi a coragem!

Michael tomou-a em seus braços.

— Servirá de ajuda, se eu ficar na fileira da frente, durante os ensaios? — Michael sugeriu, como a mãe que sugere ao filho deixar acesa a luz.

O capitão Danbury trouxe-lhe a notícia na noite de estréia. O caso, disse a Val, tinha sido encerrado oficialmente. Marion condenara-se definitivamente com o seu trágico ato. Naquela noite, antes do espetáculo, Val contou a Michael o encerramento do caso, quando ceavam, como de costume.

— Agora — comentara ele — não precisa mais preocupar-se...

— Nunca estive preocupada, Michael. E' que... uma investigação é muito aborrecida quando nos envolve, mesmo indiretamente.

— Não diga tolices, Val. Você estava horrorizada.

Valerie olhou para ele inquisitivamente.

— Por que diz isso?

— Querida, tudo passou. Por que vamos revolver o assunto?

— Tudo passou, não... Entre nós tudo está começando. — E repeliu-lhe a mão... — Você cre que fui eu que o matei!

— Foi você.

Ela ficou a olhar para Michael, fixamente.

— Desde quando você sabe?

— Suspeitei quando pedi a você que se casasse comigo, e você se recusou.

— Por que não me disse nada?

— Que adiantava? Gordon estava morto e não voltaria à vida com o fato de que você seria punida. E tinha a esperança de que você escapasse... Amava-a... intensamente, e achei que só me restava ajudá-la, estando sempre perto, dando coragem...

— E o fato de que eu tinha matado um homem não mudava seus sentimentos?

Michael vacilou um só instante.

— Não pensa você que sou capaz de imaginar o que se passou naquela noite fatal?

Se ele houvesse ameaçado você com uma arma e você o tivesse matado, teria sido em defesa própria... Mas Gordon se valeu de uma arma mais mortal... palavras!

— Matei-o num momento de pânico, para me proteger... Desejava uma oportunidade, para fazer algo honesto na vida. Mas agora já não poderei mais...

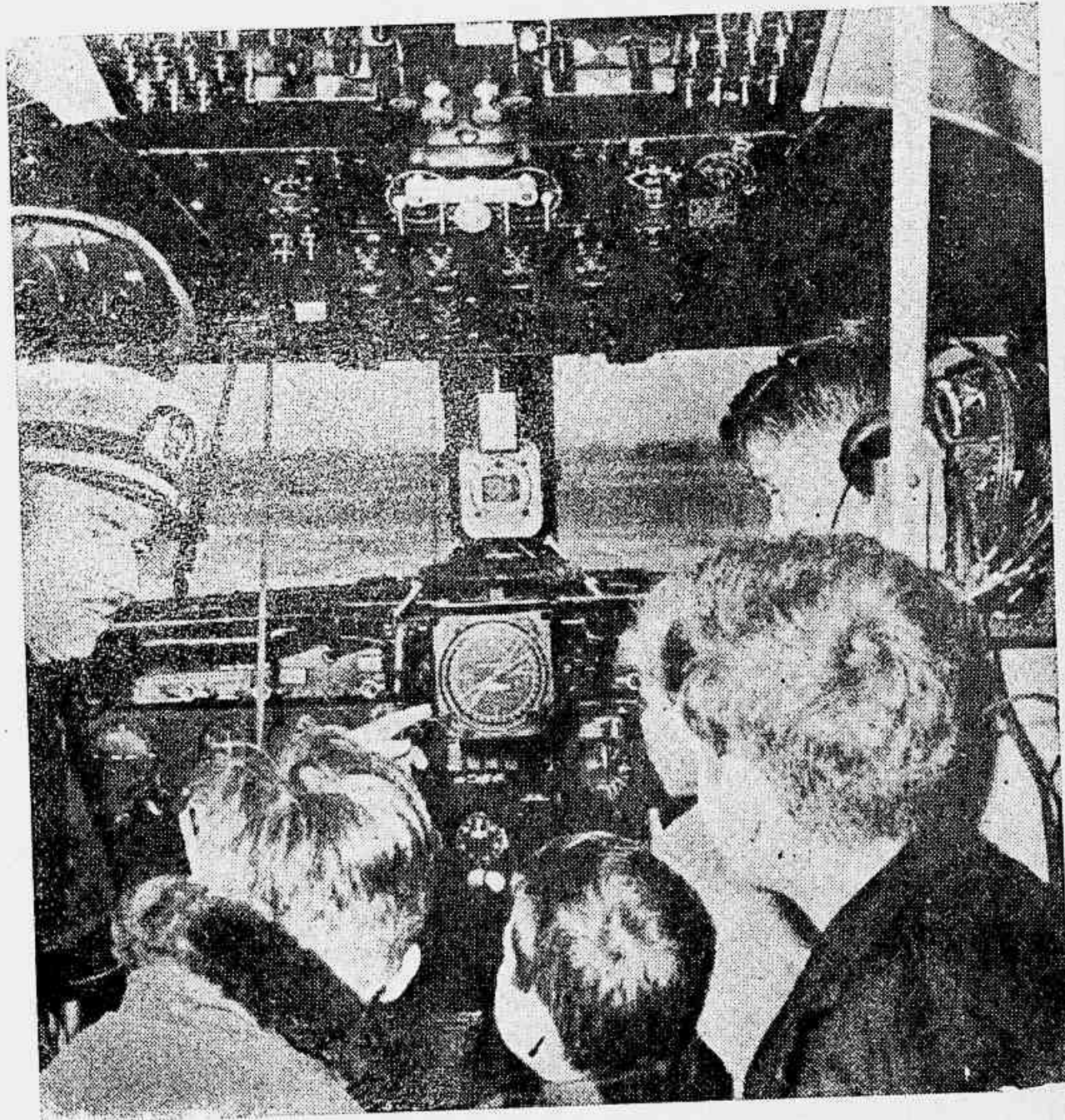
— Não pense mais nisso, Val.

PELA primeira vez um homem voou num avião acionado somente a jato-ariete, nova espécie de propulsão a jato. Esses vôos experimentais de inegável significação para a história da aviação, foram feitos num "Lockheed F-80 Shooting Star", caça padrão da Força Aérea dos Estados Unidos que, nas provas em questão, teve a dirigi-los pilotos da "Lockheed".

A Força Aérea e a Lockheed acabam de revelar que o modelo padrão F-80, com motores a jato-ariete montados nas pontas das asas, esteve sendo submetido a vôos de experiência durante cerca de um ano no campo de aviação a jato em Van Nuys e na Base da Força Aérea de Muroc, na Califórnia.

Os jatos-arietes empregados nas referidas provas eram de dois tipos: um de sete pés de comprimento e vinte polegadas de diâmetros, e o outro, de dez pés de comprimento e trinta polegadas de diâmetro. Esses tubos de aço inoxidável, alumínio e magnésio, embora simples na delineação, exigem altas velocidades para operar eficientemente. O ar comprimido pela ação do ariete que resulta da alta velocidade, é impelido para dentro dos tubos, misturado com um combustível líquido, que é queimado a fim de produzir a pressão propulsora.

O "Lockheed F-80" tem sido utilizado como um "flying test stand" para alcançar a velocidade desejada com o seu motor a turbo-jato Allison. Para fins experimentais este foi desligado e o avião voou somente pela propulsão a jato-ariete.



Ao novo aeroporto Idlewild, de Nova York, afluem, semanalmente, mais de 3.500 crianças e jovens de ambos os sexos, aos quais, pilotos e técnicos dão explicações sobre aviões, levando-os a visitá-los e a examinar aparelhos desde a Torre de Comando aos painéis de direção, o que tem despertado enorme interesse pela aeronáutica.

Os jatos-arietes são unidades de propulsão a jato térmica sub-sônica, que estão sendo submetidas a provas como futuros conjuntos propulsores para aviões de alta velocidade. No momento, porém, eles estão sendo empregados somente em conjunção com o motor regular de turbina a jato na fuselagem do avião.

Os vôos de prova têm sido feitos pelo F-80 para determinar o fluxo de ar e combustível, e o impulso, e a resistência ao avanço das unidades a jato-ariete. As provas foram efetuadas para melhorar e aperfeiçoar os motores a jato-ariete, e não para aumentar a eficiência do F-80 que tem uma velocidade normal de 600 milhas por hora.

Isto na área da defesa nacional. Os Estados Unidos não descansam com tais pesquisas e experiências para melhorar constantemente sua eficiência militar no campo da aviação.

Mas os seus esforços não se dirigem apenas para assuntos de guerra. Todas as grandes empresas de aviação comercial trabalham no sentido de aumentar a eficiência de suas aeronaves, oferecendo o máximo de segurança aos passageiros.

Uma das maiores realizações foi aquela que transformou o "B-29", famosa fortaleza voadora, num belíssimo navio dos ares, com 61 poltronas, dormitórios, acomodações noturnas, bar etc.

São dois os andares desses enormes transaéreos, adaptados para a vida civil em plena paz. Possuem 3.500 H.P. e 340 milhas de velocidade, ou sejam 600 quilômetros por hora.



"Perdia, aos poucos, a alma da minha beleza..."



«É verdade, Lidia. Ultimamente ando triste. Porque olho-me ao espelho e noto que minha pele está sem viço e surge sempre imperfeições no meu rosto. Não se deve invejar... mas eu invejo sua beleza.»



«Escute, Laura. O encanto natural é a alma da beleza. E você está asfixiando-o com o "maquillage" excessivo para ocultar imperfeições. Corrija-as e evite-as com Leite de Colonia. E não invejará mais minha beleza...»



"Querida Lidia. Agora, todos dizem que estou mais linda. E ontem, no baile, o Fred e eu marcamos o dia do nosso casamento. E, como prova do meu afeto por você, convido-a para madrinha. Espero que aceite..."

Não artificialize sua beleza... CORRIJA as imperfeições da pele com LEITE DE COLONIA

É uma verdade. O excessivo maquillage para disfarçar as imperfeições da pele artificializa sua beleza. Ainda mais: prejudica a vital respiração da pele, asfixiando seu encanto natural... encanto que é a alma da sua beleza. Corrija manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele com Leite de Colonia. Use-o, pela manhã, numa ligeira massagem protetora... durante o dia, para fixar o pó e proteger a cutis... e, à noite, numa última e geral limpeza do rosto. E conseguirá, assim, aquele encanto sempre novo das peles eternamente jovens... eternamente lindas.



EMBELEZADOR BÁSICO

O depoimento de milhares e milhares de jovens e senhoras, em vários inquéritos, revelou que a mulher brasileira - famosa pela sua beleza - considera o Leite de Colonia o seu embelezador básico!

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

Record 2817

a CENA MUDA

CINEMA
RÁDIO
TEATRO
MÚSICA

Sensacionais reportagens de cinema e rádio. Grandes retratos em cores ou em preto de famosos artistas de rádio e cinema.

E mais "Swing-Fan", "Melodias Para Você", testes e outras completas seções.

A CENA MUDA, em tôdas as bancas — Cr\$ 3,00.

— Como não? Nunca seríamos felizes... Sempre com esse terrível segredo entre nós dois. E o nosso amor se transformaria em temor, em ódio talvez...

Michael quis, abraçá-la, mas Val o repeliu.

— Por favor, não assista ao espetáculo esta noite.

Michael saiu do camarim, mas ficou no teatro. Queria assistir ao triunfo daquela grande artista, que sabia tanto dominar os seus sentimentos... Lá também estava Danbury, o qual não se surpreendeu da nota que Valerie lhe deu, dizendo-lhe que a esperasse depois do espetáculo. Até a cena final, Michael não percebeu que havia algo sério... Então teve suspeitas, e foi para os bastidores, passando por Danbury. No papel de Hedda, Val se retirava de cena e ouvia-se um tiro — do suicídio da personagem. O que houve naqueles poucos segundos, entre Michael e Valerie, quando o pano desceu, ninguém soube... Mas o disparo não foi senão, como se esperava, um disparo de teatro, e Val pôde saborear o triunfo que tanto desejara — a grande ovação do público.

Não restava a menor dúvida de que Valerie Stanton era tão grande artista dramática como comediante. Mas o público não suspeitou que aquela era a sua última noite de glórias, que jamais a veria. Estava, quando ainda a aplaudiam, entregando-se ao capitão Danbury, como a homicida de Gordon Dunning. E demonstrara que era ainda maior como mulher do que como atriz.

— F I M —

A quadrilha do Mandarin

(Continuação da página 17)

se via Courtaud, ou melhor d'Artagnan, sentado numa cadeira e a falar ao bando como se fosse o chefe. Tudo, porém, em voz muito baixa. Com imensa surpresa, viram seu amigo e companheiro Rousseau. Estava amarrado de mãos e pés e estirado no meio do grupo. Apontando-lhe um revólver, o bandido "Mandarin", mas agora vestido como um apache. Era evidente que, naquele momento a quadrilha estava decidindo o destino a dar ao prisioneiro, e, pelo que parecia, tinham resolvido matá-lo. Mas, quando tudo fazia crer que o "Mandarin" ia dar ao gatilho...

— Ninguém se mova!

Bertillon deu o grito e, com todos os seus companheiros invadiu o antro. Aquêles bandidos, tomados de surpresa, ficaram imóveis.

— Agora, um a um, venham para as algemas! — Ordenou Bertillon.

— Não! — Bradou o "Mandarin" com o cano do revólver dirigido para a cabeça de Rousseau. E prosseguiu: voltem, se não querem ver seu amigo morto imediatamente!

Por uns instantes os detetives ficaram indecisos. Se fizessem fogo, o "Mandarin" fuzilava Henri Rousseau. E eles desejavam salvar-lhe a vida e prender os malfetores, mas com vida. Então...

— Bem, disse Bertillon — quais são as suas condições?

— Ah! Isso é outra conversa, respondeu o "Mandarin" com a luz do triunfo a brilhar-lhe nos olhos. E prosseguiu: nossa primeira condição é que nos permitam ir embora; levaremos conosco seu companheiro, como garantia; como para sair deste edifício seja necessário um passe, uma vez que deve estar cercado pela polícia, o senhor nos dará um salvo-conduto escrito.

— Ora essa! — responde Bertillon. — Pensa você que vou dar tanta honra a uma canalha dessas!

— Chega! — Exclama furioso o "Mandarin". Nada de insultos. Sim ou não? Ou nossa liberdade ou, em primeiro lugar a morte de seu amigo e, depois morreremos todos aqui trocando balas. Que diz?

— Eu... — Ia dizendo Bertillon, quando Rousseau falou:

— Meta-lhe uma bala, companheiro, morreréi contentíssimo se der minha vida por essa causa.

— Não, Henri. Não levaremos tão longe o sacrifício de sua vida. E se voltando para o "Mandarin": mas, como poderemos ficar certos de que o senhor cumpre a palavra?

— Logo que estivermos a salvo, seu



HOMENAGEADO O DR. JOSÉ KOURY — Por ocasião da passagem do seu aniversário natalício, que se deu a 1.º do vigente, foi o dr. José Koury, ilustre médico de grande projeção nesta cidade, homenageado com um banquete ao qual estiveram presentes numerosos admiradores e amigos. Na foto acima, o quarto colocado da esquerda para a direita, vê-se o aniversariante que agradece as manifestações de apreço que lhe foram prestadas. Nesta ocasião, o dr. Koury fez saber aos presentes de sua partida, em viagem de turismo, através das repúblicas sul-americanas, especialmente a Argentina, Uruguai e Chile, quando apresentou suas despedidas.

amigo chegará ao quartel, em paz e com vida. Tudo depende de nossa liberdade.

Não havendo outra saída, os detetives concordaram e os bandidos foram saindo um a um, ficando o "Mandarim" por último. Quando ele passou em frente de Bertillon, murmurou:

— O senhor vai ouvir ainda muita coisa a nosso respeito...

— Assim o espero, respondeu Bertillon com calma, pois desejo que você e todos os demais façam conhecimento com um bom amigo nosso.

— Amigo? — Indagou surpreendido o "Mandarim".

— Sim, a guilhotina.

— Naquêle instante pareceu a Bertillon que o homem de olhos de chinês se encolhia todo; depois, apressado, foi-se reunir aos demais bandidos.

Logo que os detetives chegaram ao quartel, ali já encontraram são e salvo o seu amigo inspetor Henri Rousseau. Os bandidos haviam cumprido a palavra.

— Está ferido, Rousseau? — Perguntou Bertillon dando-lhe um forte aperto de mão, muito contente.

— Não... apenas ainda me doi a cabeça pelo golpe que me assentaram com um saco de areia. Mas estou muito bem. Fiquei inconsciente por tanto tempo como eles julgaram.

— Assim? — Inquiriu Bertillon interessado.

— Ouvi cousas que muito me surpreenderam, Bertillon; mas, somente amanhã pela manhã, quando você me visitar, poderei narrar-lhe.

— Está certo de que está passando bem, Henri? — Insistiu o companheiro.

— Perfeitamente bem. Preciso apenas dormir um pouco, e então, venha ver-me

aqui mesmo no alojamento, que lhe direi tudo.

As nove horas em ponto Henri estava pronto para conversar com os amigos. Mas, quando Bertillon, Dupont e Levallois o viram, não evitaram uma exclamação de surpresa: estava vestido de preto, dos pés à cabeça.

— Vai a algum enterro? — Perguntou Bertillon.

— Não. Mas, tanto eu como você, Bertillon, precisamos estar vestidos assim. Vá, pois mudar sua roupa. Seremos esta manhã dois pobres cidadãos.

— Porque?

— Explicarei depois.

Menos de uma hora mais tarde estavam eles tocando a campainha de bonita residência da Avenida Wagram, perto da "Place de l'Etoile". Veio atendê-los um porteiro de cara de ex-lutador de box, de voz rouca; vendo que se tratava de dois homens mal vestidos, bateu-lhes com a porta na cara. Mas Henri o advertiu:

— Temos uma entrevista marcada com a senhorita, protestou o detetive, metendo um pé na porta. Deixe-nos entrar.

Por uns instantes o criado vacilou. Depois concordou e os conduziu a uma antecâmara pequenina.

— Agora vá buscar sua patrão, — disse-lhe Henri.

— Porque tudo isto? — Perguntou Bertillon sem compreender nada, logo que ficaram a sós.

— Preciso fazer um estudo acerca da senhorita que mora aqui. Você, por sua vez, a analise bem. Eu...

Não pôde terminar seu pensamento. A jovem apareceu, com seus cabelos negros e olhos castanhos-escuros.

— Oh! senhorita, lamentou Rousseau, o

estúpido do meu assistente me fez cometer um erro. Vejo que bati erradamente numa outra casa!

— Então retirem-se imediatamente! — Ordenou ela deixando o local.

Eles saíram e Henri, ao tomar seu carro, perguntou:

— Que notou de especial nessa mocinha, Bertillon?

— Que usava cabeleira postiça. Possui esquisita cor de pele bem ajustada à tonalidade de cabelos de outra cor.

— Tal como a vermelha, não?

— Sim, ou louro-afogueado, e...

— Ela é a senhorita Marcelle Haxaire de Joinville, completou Rousseau. A mesma que ia dirigindo aquêle "Isotta-Franchini" que quase abalroa com o nosso carro.

— Sim... mas... que quer dizer tudo isto? Pensa você que está ligada ao bando do "Mandarim"? Essa família descende de franceses que moraram no Brasil há mais de 50 anos e onde fizeram fortuna e se tornaram aristocráticos. Não vejo nada que nos indusa a...

— Tudo isto é verdade; mas, atualmente a família está com seus pontos negros.

— E sobre o "Mandarim"? E quanto a Courtaud?

— Brevemente saberemos de tudo. Como você pode imaginar, na impossibilidade de a quadrilha reunir-se no café "La Sauterelle", virão reunir-se na casa de onde acabamos de sair. Uma próxima observação provará que eles dispõem de passagem subterrânea entre a garagem e a mansão dos "de Joinville".

— Uma passagem subterrânea! — Exclamou Bertillon, quando chegavam à sede da polícia. Bem, mas isso é muito comum em certas residências que têm garagem.

— Sim, meu caro; mas esta noite organizaremos um raide àquela casa e vai ver que seremos bem sucedidos.

— Raide contra a casa onde residem membros da família Joinville? — Admirase Bertillon. — Isso é arriscar muito, Henri amigo.

— Já o deixei em situação má alguma vez?

— Não.

ANEMIA
DEBILIDADE
CLOROSE

O grande restaurador dos organismos
DEBILITADOS, CLORÓTICOS,
ANÊMICOS, DESNUTRIDOS
Regenerador do sangue.

HEMOGLOBINA
GRANADO

Preparada com
hemoglobina pura retirada da
SANGUE DE BOVINOS.

VINHO
E
XAROPÉ

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

NÃO! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias
PARA COMPLETAR A SUA BELEZA
E PERSONALIDADE, USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGREDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E

CABELOS BRANCOS

ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 26-2.º and. S/6

— S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

Mitigal



acaba com
as
coceiras

CASA DE SAÚDE DR. BENAION

OPERAÇÕES E PARTOS

A DISPOSIÇÃO DA CLASSE MÉDICA

Sala de operações com ambiente esterilizado — Sala de partos — Serviço médico permanente — Quartos com higiene e conforto — Enfermagem — Técnica — Cozinha de primeira ordem

SERVIÇOS DE RAIOS X — FISIOTERAPIA — OXIGENOTERAPIA INCLUSIVE INALAÇÃO DE PENICILINA — PREÇOS MÓDICOS

Direção técnica: Dr. ALBERTO MOACIR BENAION
Rua Afonso Pena nº 54 — Fone 48-4933 — Tijuca

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

— Então vamos entrar em ação. O tempo urge.

A meia-noite em ponto a grande casa da Avenida Wagram estava completamente cercada. Bertillon, Dupont, Levallois, Maupert foram colocados com outros policiais em lugares estratégicos por Henri. Protegidos pela escuridão da noite, eles perceberam que cerca de uma dúzia de homens havia entrado na garagem, fechando-se a porta de aço, como que por um mecanismo automático. Uma hora depois, ninguém mais entrara.

— Acha que já estão todos lá dentro?

— Perguntou Bertillon.

— Acho. Agora devemos começar. Atravessaremos a rua um a um; mas invadiremos a casa em grupo.

— Pode abrir a porta da garagem?

— Sim. Já prevejo como é o seu mecanismo.

Alguns minutos mais e ei-los na garagem.

— Olhe aí, a "Isotta-Fraschini", soprou Henri Rousseau ao ouvido do colega.

— Ela mesma!

Henri seguiu à frente, cauteloso. A garagem era ligada à casa pelos fundos, por um corredor subterrâneo, ao longo do qual havia uma instalação elétrica automática que abria e fechava a porta da garagem. Mais adiante encontraram uma pequena escada. Subiram, saindo numa cozinha de amplas proporções. Não havia sinal de criados. Com certeza dormiam fora. Em dado momento Rousseau fez sinal para o maior silêncio. Ouviam vozes. A um canto viram uma escadaria que levava a um andar superior. Subiram com cuidado. Já então ouviam perfeitamente as vozes. Vinham de uma sala à frente da casa.

— E' da moça, essa voz! — Murmurou Bertillon encostando a boca ao ouvido do inspetor.

Henri preparou seu revólver e fez sinal aos demais para que estivessem prontos para a ação. Diante da porta da sala de onde vinham as vozes, ele, audazmente, deu volta à maçaneta e entrou no recinto seguido de todos os seus colegas:

— Não se mexam! — Gritou com o revólver em punho.

O grupo estava em conferência e, entre eles... o "Mandarin". O outro que parecia mandão também, era Courtaud. Acertavam as cousas em torno de uma mesa, sobre a qual havia dinheiro em grande quantidade e jóias caríssimas em profusão. Henri lhes dirigiu a palavra com um tanto de ironia:

— Certamente os senhores estão discutindo a divisão do espólio; sinto muito, mas é muito tarde para isso. E virando-se para os policiais: algema neles!

— Mas... não vejo a moça! — Diz surpreso Bertillon.

— Vai ver já, responde Rousseau.

E, avançando para o "Mandarin", puxou de um vidrinho com líquido que trazia num dos bolsos, começou a derramá-lo pelas faces do bandido, que procurava protestar, mas inutilmente. A proporção que o líquido ia produzindo seus efeitos, toda a máscara de "maquillage" do rosto do "Mandarin" ia sendo removida e surgindo em seu lugar um rosto feminino. Depois, Henri retirou-lhe a cabeleira. Os olhos de chinês passaram a ser bem ocidentais;

a cor amarela se tornou alva e europela; os cabelos do chinês e seu bigodinho, tudo não passava de caracterização ilícita. Olhou então para Bertillon e lhe disse:

— Aqui está mademoiselle Marcelle Haxaire de Joinville, aliás, "O Mandarin". Courtaud, ou d'Artagnan, é atualmente Frantz de Joinville, seu pai. Monsieur e Mademoiselle, prosseguiu ele em tom de ironia, quando vossas excelências estiverem com um refém em seu poder, tenham o maior cuidado em não falar certas coisas confidenciais, mesmo que o refém pareça estar inconsciente com os golpes recebidos. Eis aí em que deu a minha prisão por parte do seu bando.

De súbito Bertillon bradou, agarrando pela gola um dos bandidos a tremer de pavor, exclama:

— Vejam-lhe a cara! Este é Jules Voland, o traidor! O delator e assassino de Le Pante! Este é Judas que atraçou o camarada! E agora, todos para a cadeia e depois... que lhes seja apresentada a guilhotina!



O OUTRO LUÍS

DE CARVALHO

(Continuação da página 58)

que se pode chamar de cem por cento família. Pela manhã, quando o leiteiro bate à porta, Luiz vai ao açougue, passa na quitanda, e compra pão. Se porventura a água deixa de aparecer na torneira, enfrenta o balde e as panelas à cata do precioso líquido. Depois, fazendo prodígios na arte de arrumação, lava, com auxílio de uma caneca, as verduras indispensáveis ao almoço. Pronto este, saboreia-o em companhia da esposa e da filha, saindo então para a Rádio Globo. Ao regressar, quando madame Libera não o espera para encerrar a casa, Luís de Carvalho vai à praia com Anamaria que, tal como o pai, revela excelentes qualidades para a vida artística.

O exclusivo da PRE-3, seguindo palavras de sua esposa, revela-se um pai carinhoso e dedicado. E' ele quem nina a filhinha, cuidando, muitas vezes de alimentá-la. Daquele jovem mulherengo, sempre às voltas com as "fans", nada mais resta. Atualmente, sua atenção volta-se para o "home, sweet home", onde ele usufrui as delícias de uma vida feliz e despreocupada.



POR QUE PRECISAM AS MULHERES DE DOIS REGULADORES?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc.

O Regulador Xavier N.º 2, para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.



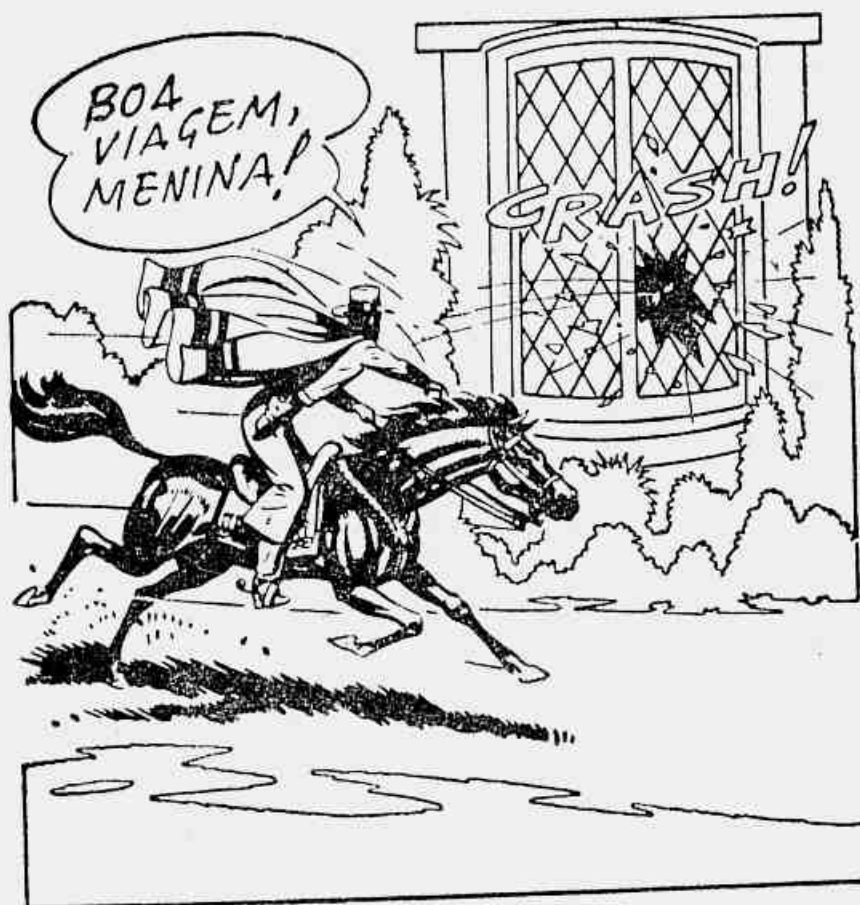
A CENA MUDA está publicando
a grande novela cinematográfica
"A Filha do Capitão".

DRAGO

Nº 29

Por
Hogart

EM DEL OMBU,
DON RODRIGO RECE-
BE UM CHAMADO
EM ONDAS CURTAS.



Coпр. 1946, N. Y. Post Corp.

5-19-46



DRAGO

Nº 30

Por Hogart

DRAGO ACOMPANHA DE LONGE O CARRO QUE SAI DA CASA DE RODRIGO



ESTAMOS COM SORTE! CHEGAREMOS A TEMPO AO RIO!



DRAGO DEVOLVEU O ÍDOLO NA HORA H! TERMINARAM! NOSSAS PREOCUPAÇÕES, TOSCA

ACHO QUE ISSO FOI UMA ESTRATAGEM! DRAGO ESTÁ ARMANDO ALGUMA COISA!

MAS COMO PODERIA TER DESCOBERTO NOSSOS PLANOS?

RESPONDA-ME, ENTÃO, PORQUE ELE DEVOLVEU O ÍDOLO, SEU FILHO É UM SABIDÃO, RODRIGO!



ELE TEM ALGUM PLANO!!

ESTRANHO! TOMARAM A ESTRADA DO RIO! MAS ELA NÃO TEM SAÍDA!



INDO POR AQUI CHEGAREMOS AO RIO MUITO ANTES DELES



DE REPENTE, DRAGO PARA

OLHE, DIABLO UM OBSERVATÓRIO EM PLENA SELVA! NÃO ACHA ESTRANHO?



MAS NÃO PODEMOS PENSAR NISSO AGORA! TEMOS DE IR PARA O FIM DA ESTRADA, NO RIO



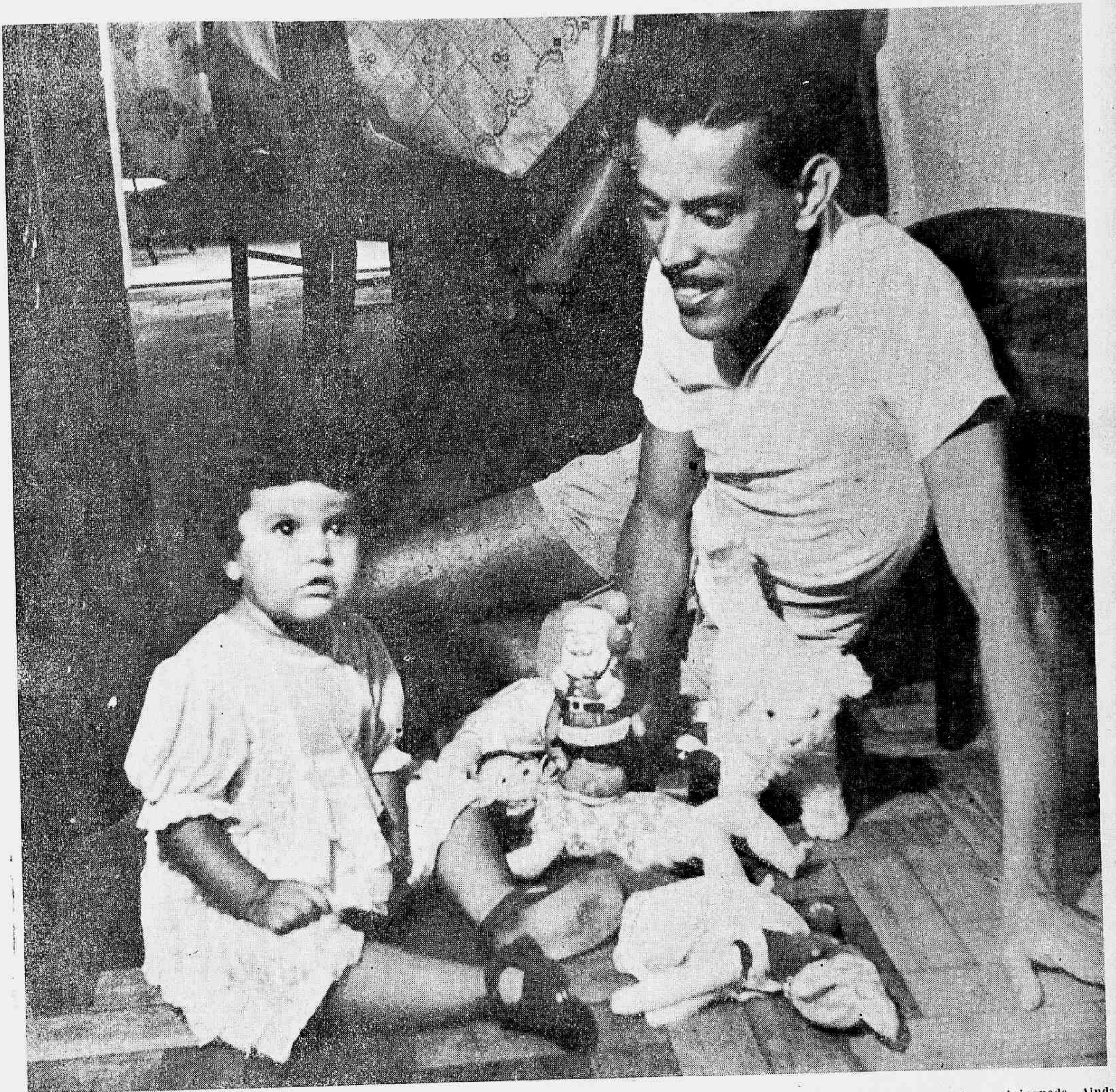
O CARRO CHEGOU. ESCONDA-SE, DIABLO.



COM SURPRESA, DRAGO VE UM CASCO ESCURO, ROMPER ATRAVÉS DAS ÁGUAS DO RIO -

UM SUBMARINO





Luis de Carvalho é uma criança grande, razão de não causar surpresa, o vê-lo brincando com Anamaria. As vezes, eles chegam a brigar por causa de um brinquedo. Ainda bem que no fim tudo acaba em paz

O OUTRO LUIS DE CARVALHO

LUIS DE CARVALHO não é, em absoluto, um cabotino. Afeito ao elemento feminino, soube conquistar essa incrível popularidade que lhe garante uma renda de trinta mil cruzeiros mensais, além de completa independência artística. Disputado por grandes e pequenas emissoras, manteve-se firme ao microfone PRE-3 comandando o "Chá das Três" e participando das apresentações de "Rapsódia Caçaca".

O exultante da Rádio Globo teve, por assim dizer, uma infância livre. Criado num ambiente de paz e tranquilidade, preferiu a vida tranqüila carioca ao comedismo de uma cidade do interior. Assim, quando as atenções da família se voltavam para a carreira radiológica, que Luis de Car-

UMA HISTÓRIA COMEÇADA EM MINAS GERAIS QUE VEIO A SE CONCLUIR NA RUA BUARQUE DE MACEDO

Fotos de
ARNALDO VIEIRA

★

Texto de
ARMANDO MIGUEIS

valho empreendia, era-lo que abandonou tudo para dedicar-se, exclusivamente ao microfone. Tal gesto, praticado à revelia dos próprios pais, causou verdadeira estupefação em todos. Principalmente, naqueles que consideravam o meio radiofônico, um ambiente propício a indivíduos desocupados. Porém, a todas as investidas contrárias, nesse focalizado resistiu firme que estava no propósito de prosseguir na carreira radiológica. Hoje, sua família é a primeira a aplaudir-lhe a atitude, tão certa-

se acha de que ele seria um péssimo emulo de seu conterrâneo José Joaquim da Silva Xavier.

A VIDA COMEÇA EM MINAS GERAIS

Luis de Carvalho nasceu no dia 1.º de fevereiro de 1919, na bonita cidade de Diamantina. Seus pais, Francisco de Carvalho e Maria Eugênia de Carvalho, prósperas figuras dessa localidade, trataram de imediato cercar o filho de todos os cui-

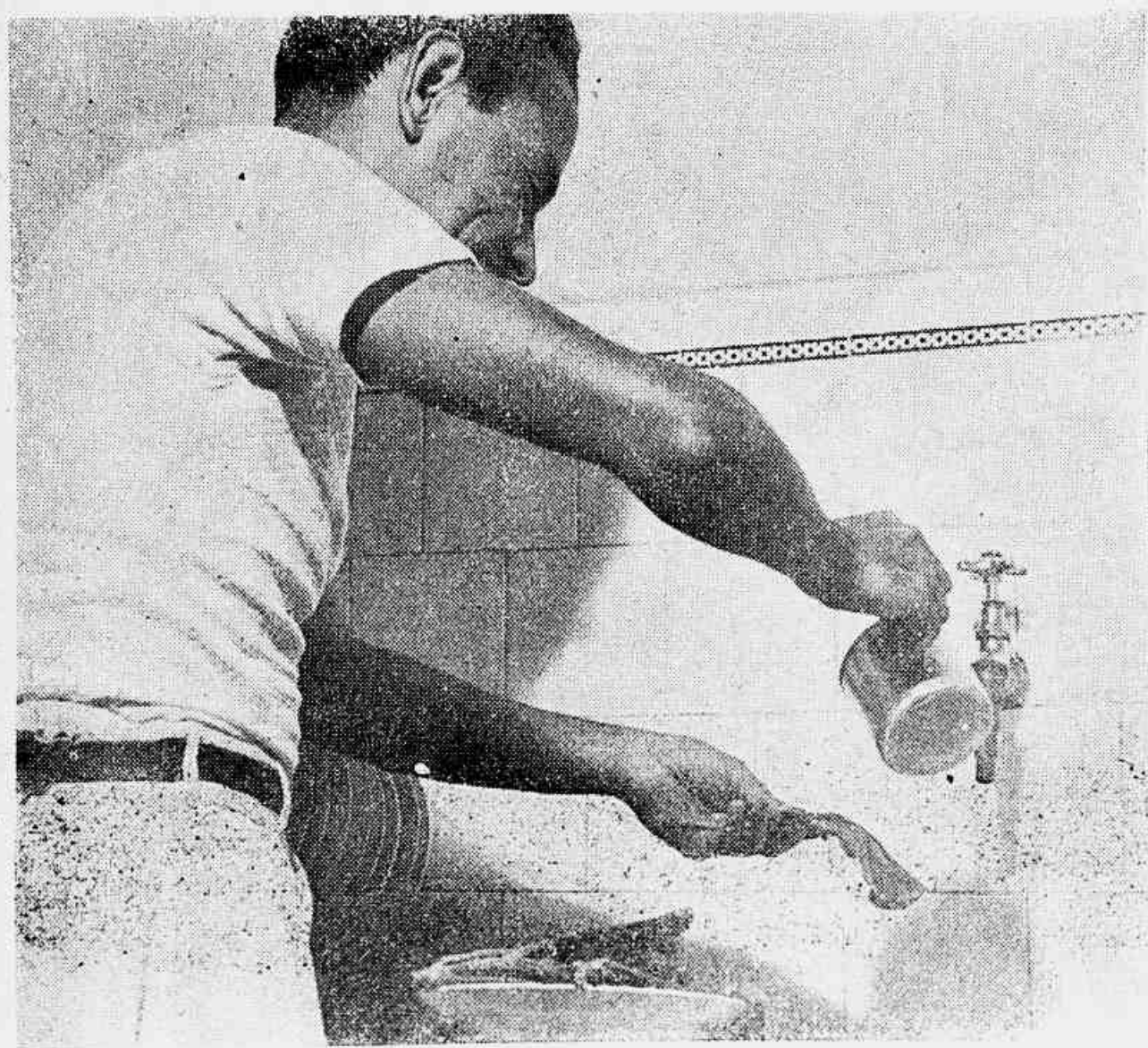
dos. Este, logo nos primeiros meses demonstrou extraordinária vivacidade, observando tudo quanto a seu redor se passava. E, aos sete meses de idade, começou a balbuciar as primeiras palavras. Por esse fato, já se pode chegar à conclusão de que a profissão de Luis de Carvalho não poderia ser outra, senão a de locutor.

Aos dezoito meses, o atual exclusivo da PRE-3 pregou o primeiro susto a seus progenitores. "E" que não estranhando as pescoas, foi parar num acampamento de ciganos, levado por uma "buena dicha". Depois de grande reboiço, em que os "sherlocks" mineiros foram chamados a intervir, Luis voltou para casa, como se nada houvesse acontecido.

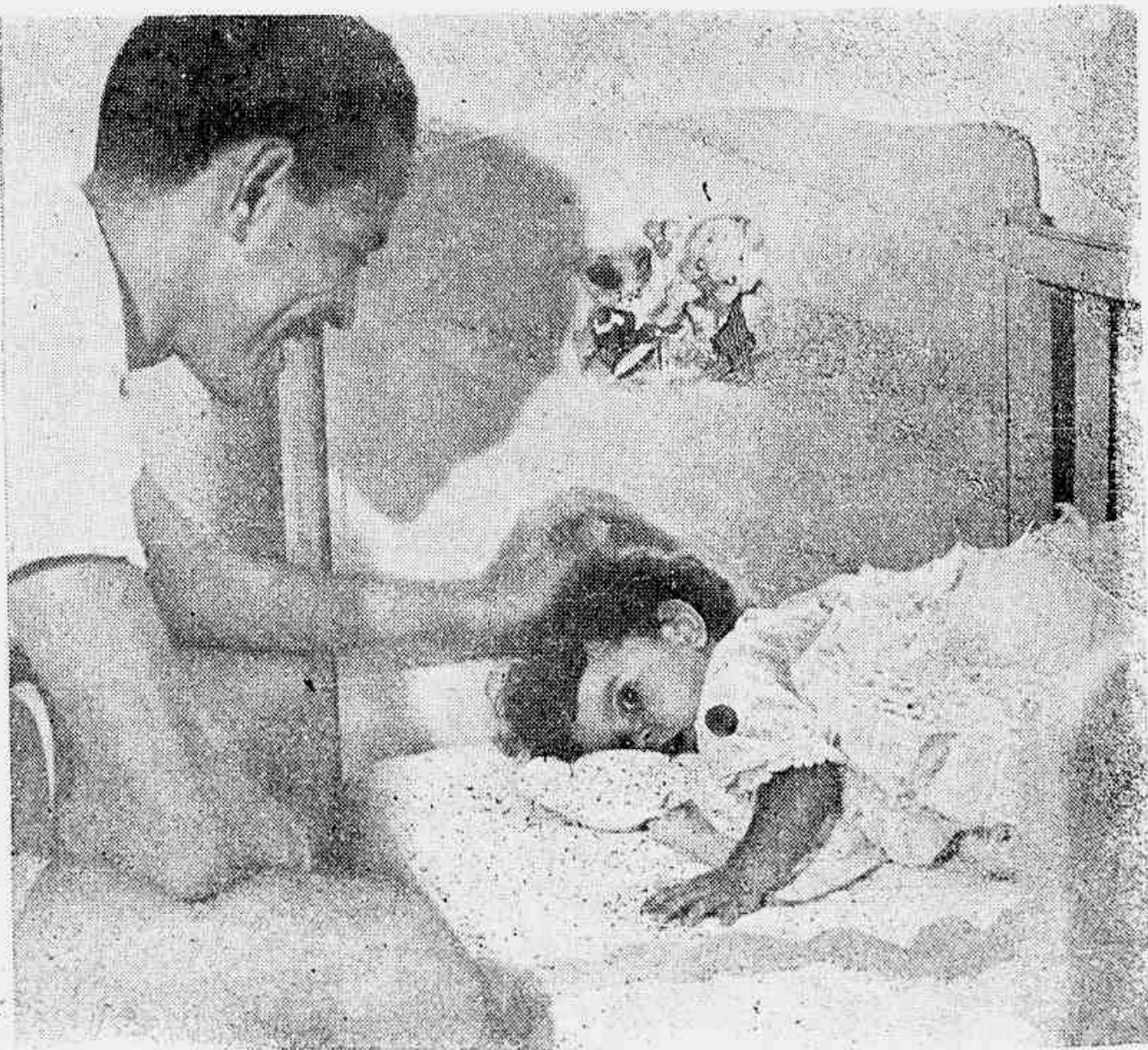
Com seis anos, devido suas terríveis



Lar, doce lar... Luis de Carvalho, Anamaria e Libera, três pessoas... um apartamento... e a vida feliz. Mas, tudo aqui é verdadeiro, nada instituído de fictício



Quando o precioso líquido não chega à torneira, Luis de Carvalho não se dá por achado. Enfrenta, de caneca em punho, a lavagem das verduras para a salada. Enquanto isso, d. Libera cuida dos outros quitutes



Anamaria precisa dormir. Luis, na qualidade de bom pai, nina-a pacientemente. E quando a menina se entrega a Morfeu ele vai cuidar da correspondência que, por sinal, é das mais numerosas

navegaras, seus pais resolveram confiá-lo aos cuidados de d. Gabriela Neves, professora do grupo escolar local. Aí permanece pelo espaço de dois anos, quando é internado no Instituto João Pinheiro. Nesse estabelecimento de ensino, levado pela saudade dos pais, empreende sua primeira fuga. Aproveitando a hora do recolhimento, sem que alguém o pressentisse, escala a janela do dormitório e inicia a marcha Belo Horizonte-Diamantina, levando no bolso a importância de dez cruzeiros. Mas, ao chegar à estação de General Carneiro, sente faltarem-lhe as forças. Procura, então, o agente. E, com a máxima calma, indaga-lhe se os jornais da terra não falam da fuga de um estudante. Diante da resposta afirmativa, apresenta-se como o fujão, sendo reembarcado para Belo Horizonte, a fim de ser entregue ao Instituto João Pinheiro.

Não param aí as aventuras de Luis de Carvalho. De outra feita, interno do Ginásio Sete Lagoas, ele se deixa prender aos enlevos da música portenha, dando o fora do colégio para ir a um "cabaret". Porém, no melhor da festa, violento temporal desaba, impedindo-o de regressar. E, na manhã seguinte quando ele chega ao Ginásio, não é sem grande espanto que o recebem. Isto, porque tendo desabado um galpão, é notada a falta do aluno, o mesmo foi considerado morto...

CANTOR DE MARCHAS E SAMBAS

O ano de 1938 encontra Luis de Carvalho como discente da Escola Livre de Odontologia e integrante do conjunto Rio-X, como intérprete de sambas e marchas. Nessa qualidade, participa dos programas da Feira de Amostras, formando dupla com Nuno Roland. Um dos números de grande sucesso interpretado pelo jovem mineiro, foi a marchinha "Palhaço não deve chorar".

Ainda como aluno de odontologia, vê seu nome lembrado para figurar numa caravana de estudantes. Não perde tempo, toma de D. Maria Eugênia de Carvalho a importância de cem cruzeiros e embarca para o Rio. Com essa viagem, nosso retratado disse adeus à Escola Livre de Odontologia, pois nunca mais ali voltaria a pisar. Na Cidade Maravilhosa, Luis de Carvalho procurou entrar em contacto direto com o rádio, inscrevendo-se num concurso para locutor, na Rádio Nacional. Mas, para não ficar parado, foi treinar os gorgomilos no Tupi, graças à boa vontade de Teófilo de Barros. Esse prefixo veio a trocar pelo PRE-8, ao tempo em que Vasco Lima ali mandava e desmandava. Coube-lhe fazer os jornais falados, tarefa pouco satisfatória para quem gosta da liberdade. Luis não tinha tempo nem de tomar banho, daí, solicitar permissão aos diretores da emissora para mudar o seu quarto para o estúdio. Ante a negativa, pediu as contas e ficou a ver navios. Eis quando aparece, providencialmente, Átila Nunes. Ciente da situação, convida-o para ingressar na Rádio Educadora. E' aí que a estrêla de Luis de Carvalho começa a brilhar.

★

A hora da saída para o trabalho, Luis de Carvalho dá o clássico beijo. Lá fora, outra vida começa. E' o microfone a espalhar suas frases românticas para as menos sonhadoras



A ginástica, num apartamento pequeno, não pode ser como recomenda o professor Diniz Magalhães, daí o animador da PRB resolver a parada espalhando a cera. Madame, como é mais forte, responde pela passagem do escovão.

★

PRESENTE E... CADEIA PARA O "SPEAKER"

Ao microfone PRB-7, o irmão de Ram de Carvalho viu abrirem-se as portas de popularidade e aumentarem as críticas à sua atuação, uma vez que ele enveredou por um caminho errado. Felizmente, em vez de enfurecer-se aos ataques da crítica especializada, procurou corrigir as falhas. Hoje, atuando com discrição, na Rádio Globo, a qual pertence desde a sua fundação, Luís de Carvalho possui seu grande público, que, em maioria, é constituído de sexo frágil.

A muitos, a vida do criador de "O Presente Musical Para Você", deve parecer uma mar de rosas. Mas, não é assim. Ele já comeu cadeia por causa de uma "falta" ao tempo em que o senador Felinto Murtel era o manda-chuva da rua da Relação. Não fôsse o prestígio de alguns de seus "fans", inclusive próprios elementos da polícia, ele teria entrado na borracha para pagar um crime não cometido, mas forçado pela imaginação de uma simpática ouvinte. Mesmo assim, passou vinte e quatro horas incomunicável, tendo dormido numa das celas da Casa de Detenção. Com isso, Luís viu quanto é custoso o preço da popularidade.

Mas, a par dêsse acontecimento desagradável muitos outros felizes ele tem vivido. Inclusive o de ser pedido em casamento por uma vovó, que colocou toda a sua fortuna à disposição dêsse "netinho levado da breca". Já recebeu bilhetes premiados, "sweepstake" com cinco mil cruzeiros, além de cheques e outros presentes de menor valor. De uma ouvinte, nesse reportado recebeu a coleção das obras completas de Humberto de Campos, hoje adornando a sua estante.

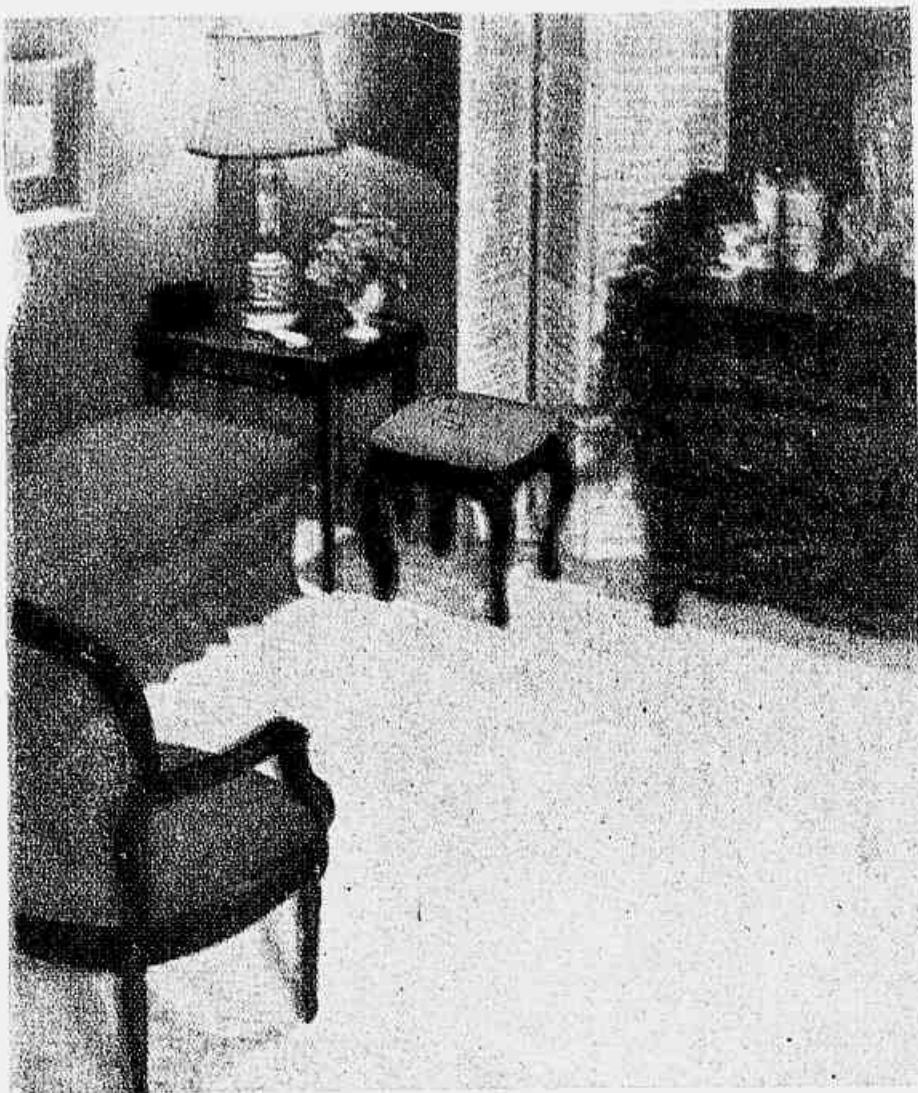
O OUTRO LADO DA VIDA

Luís de Carvalho, quando do seu ingresso na Rádio Globo, deu início a um romance amoroso. Apaixonou-se por uma jovem aluna do Liceu de Artes e Ofícios, que nos intervalos das aulas ia ouvir o "Chá das Três". E aquele que se tornou o ídolo de jovens e encanecidas, que desfrutava de apreciável fortuna de uma senhora de 70 anos, que conquistou com sua voz milhares de corações, não resistiu à trama de Cupido, acabando por desposar a estudante do Liceu de Artes e Ofícios.

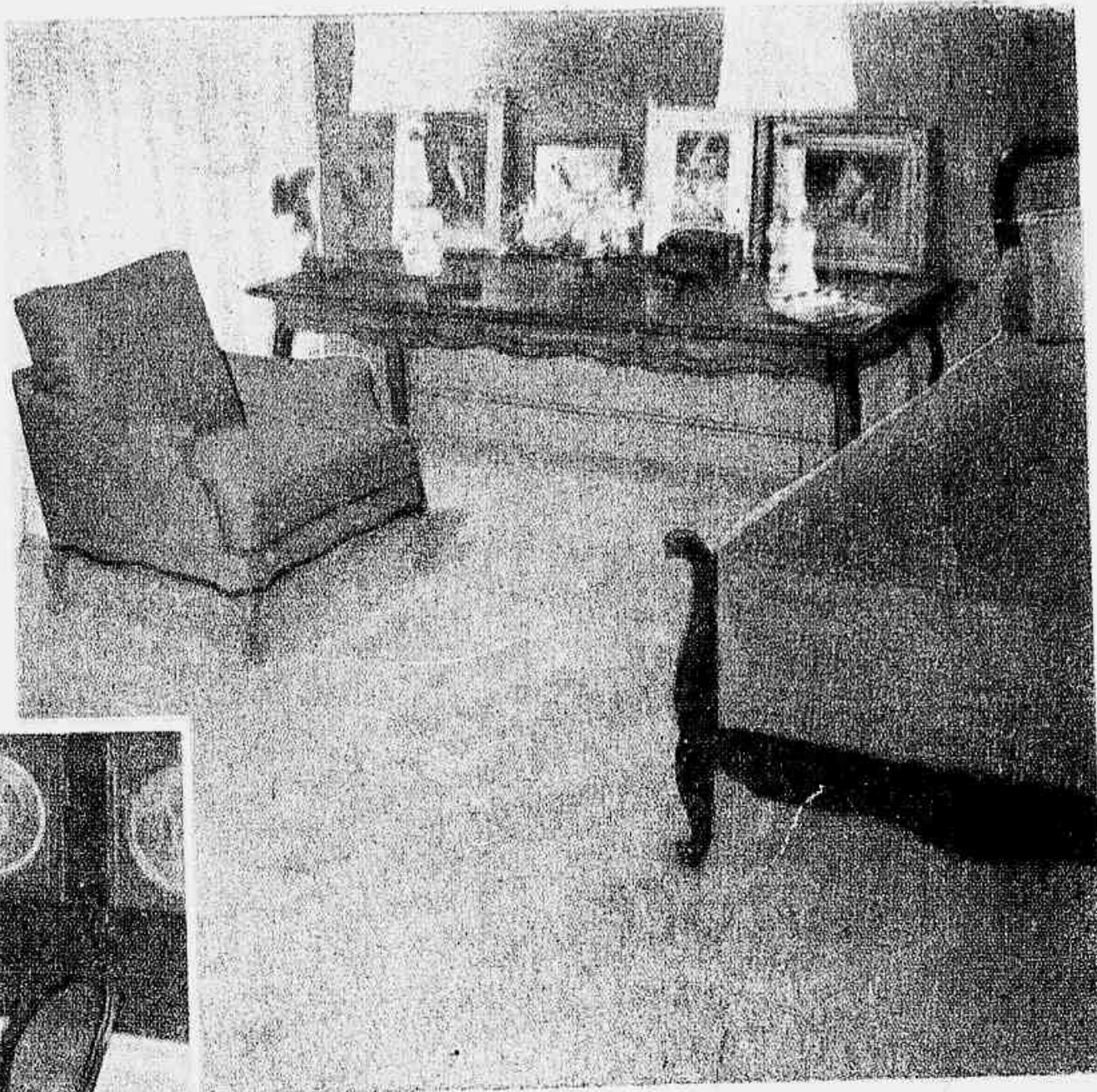
Hoje, num apazível apartamento na rua Buarque de Macedo, o ex-aluno de odontologia, vive para os seus. Ao lado de sua esposa, madame Libera de Carvalho e de sua filhinha Anamaria, ele é feliz.

(Conclui na página 52)

O rádio lhe deu fama, por isso, o criador de "Chá das Três", quando resolve descansar os ossos, não o faz sem primeiramente sintonizar para a estação que tem sob contrato. E ao sabor de música suave, ele dorme plácidamente.



FORRAÇÃO e DECORAÇÕES PERFEITAS



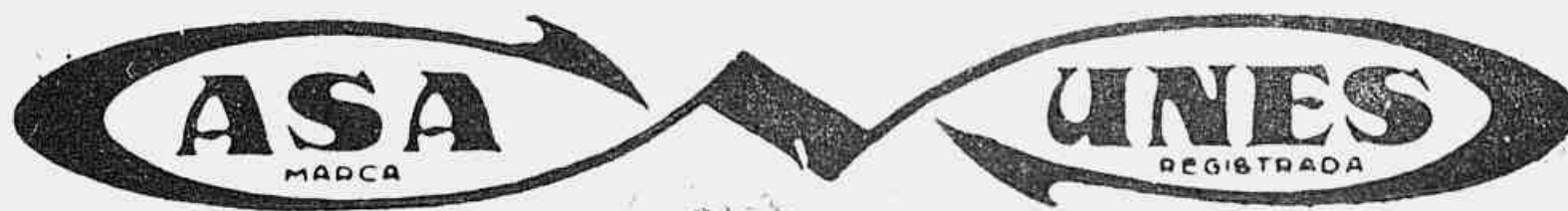
As **forrações** são de efeito extraordinário, para realçar a beleza dos móveis, para estabelecer harmonia ou contraste com as decorações — conforme sejam o projeto de cada caso ou as preferências individuais — e, principalmente, para

proporcionar conforto e beleza. Para um trabalho perfeito em decorações e forração e uma apropriada escolha de tapetes, chame um **bom decorador**.

MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

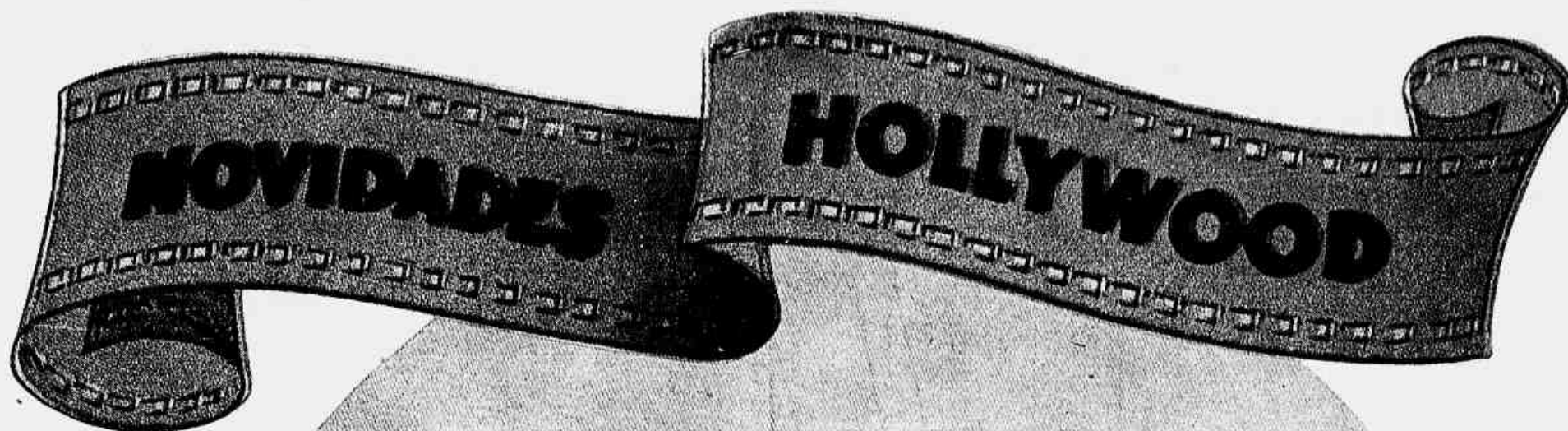
NÊSTE MÊS

**Grande Venda de Móveis Avulsos —
Tapêtes e novidades para presentes úteis
PREÇOS DE BOAS-FESTAS**



Orçamentos e sugestões **GRÁTIS** executados por técnicos decoradores

65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO



Hollywood - Calif. — Está despertando o maior interesse em Hollywood o novo filme da Metro Goldwyn Mayer — "Sua Espôsa e o Mundo", com Katherine Hepburn, Spencer Tracy, Van Johnson, Angela Lansbury, Adolphe Menjou e Lewis Stone. O filme é dirigido por Frank Capra e será brevemente lançado no Brasil.

Quando artistas como Katherine Hepburn, Spencer Tracy, Van Johnson ou Angela Lansbury escolhem um cigarro, não é o preço que os atrai, mas a *qualidade*! E é por isso que preferem cigarros onde entra a mesma alta qualidade de tabaco que você encontra nos cigarros Hollywood. Você está certo escolhendo Hollywood!

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz é sempre
o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz